



INSANOS - LIVRO 2

ELLIOT STABLER

Amor Por Acidente

ÉRIKA MARTINS



INSANOS - LIVRO 2

ELLIOT STABLER

Amor Por Acidente

Copyright © 2019 ÉRIKA MARTINS

Capa: Mari Sales

Revisão: Tatiane Souza

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

ELLIOT STABLER – AMOR POR ACIDENTE

Insanos 2

1ª Edição

2019

Brasil

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da

autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

“A amizade é uma predisposição recíproca que torna dois seres igualmente ciosos da felicidade um do outro.”

Platão

Sumário

[Querido leitor,](#)

[Sinopse](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Epílogo](#)

Querido leitor,

Em primeiro lugar gostaria de agradecer por ter dado uma oportunidade para conhecer a história de Elliot e Charlotte. No entanto, também gostaria de citar alguns pontos antes de mergulhar neste romance incrível.

Em *Elliot Stabler – Amor por Acidente*, não é citado um lugar específico, além da cidade, onde desenrola a história. Deixe sua imaginação livre para encontrar o lugar perfeito, qualquer semelhança a realidade é mera coincidência.

Peço que deixe sua mente aberta, aproveite o livro e se apaixone por mais esse casal incrível.

Boa leitura!

Com carinho, Erika Martins.

Sinopse

Já imaginou que, talvez, seu amor verdadeiro esteja prestes a ser atropelado por você?

É melhor não, né?

Elliot não esperava que sua vida de playboy rico e mulherengo fosse terminar quando colocasse os olhos em cima de Charlotte. Literalmente em cima, depois de quase matá-la com seu carro. Ela o enfrentou, gritou e ainda não aceitou sua ajuda.

Não teve jeito, foi amor por acidente.

Ele estava pronto para fazer o que fosse preciso para que Charlotte o aceitasse, nem que fosse apenas um encontro. E então, trabalharia para que continuassem se encontrando até que aquele sentimento sufocante em seu peito acabasse de vez ou aumentasse.

O que Elliot não esperava era ter um concorrente insignificante, mas determinado a ter Charlotte.

Sua Charlotte.

Não! Isso ele não permitirá.

Capítulo Um

Elliot Stabler

Estava sem paciência.

Algo muito difícil de acontecer, mas acredito que hoje não era o meu dia. Continuei olhando para fora da janela, o trânsito na frente do fórum parecia mais interessante do que a discussão do promotor com o advogado de defesa.

Deus, como eles são chatos.

Já tinha ouvido mais do que gostaria. O triste é que não poderia pará-los, já que precisava ouvir ambas as partes.

Mas não poderiam serem mais diretos? Talvez mais profissionais?

Sabia que era comum esse tipo de jogada, o advogado de defesa tende a persuadir a testemunha da promotoria e isto vira uma infernal briga entre eles. Onde eu, *Elliot Stabler*, tenho que apaziguar a situação diante as leis.

Chato.

Sempre achava divertido esse tipo de briga, mas hoje eu só conseguia achar *chato*. Impaciência me corroía por dentro. Saí da janela e servi um copo com água. Encarei os dois que me olhavam e jogavam farpas descontroladamente. Talvez o mais legal de tudo, era que eles usavam palavras bonitas e difíceis para se ofenderem. Não era muito profissional,

mas tirava um pouco da chatice daquela situação.

— Basta! — ordenei em um tom de voz rude.

Estava cansado daquela mesma ladainha, *pelo amor de Deus*.

— Não é a primeira vez que o Dr. Harris tenta persuadir uma testemunha!

— Exclamou o promotor. — Ele deveria fazer o seu trabalho e não comprar pessoas para darem falso testemunho.

— Eu não comprei ninguém! — se defendeu. — Somente conversei com a testemunha e ele resolveu ficar do lado da defesa, senhor James — franziu as sobrancelhas. — Não vejo o que pode estar de errado nisto, e além do mais, *é o meu trabalho*.

— É mesmo? — zombou James — e o que usou para que ele ficasse ao seu lado? Um acordo? Até onde sei, ele está em condicional, talvez você tenha prometido não contar ao agente dele sobre o uso de entorpecentes que ele ainda usa. — Supôs.

O advogado fechou ainda mais sua expressão para o promotor. No entanto, James não parecia tão disposto a parar.

— Confessou com todas as letras o uso de drogas e as ameaças que recebeu do seu cliente — acusou.

— Eu disse, basta! — exclamei. Enfim, eles fecharam a boca. — Vou permitir que tenha sua testemunha doutor Harris — digo impaciente. James

me olhou feio e eu o ignoro. — Que isto não volte a se repetir, estamos lidando com o destino de pessoas — repreendi — Pessoas que merecem justiça! — afirmei. — Estou permitindo a testemunha, mas não quer dizer que não olharei mais atento para o seu caso — ergui uma sobrancelha. — Espero que tenha sido uma boa jogada.

Harris acenou concordando, mas seu rosto estava tenso.

— Obrigado meritíssimo.

Aceno e indico que deveria se retirar.

Quando a porta se fechou, voltei meu olhar para ao promotor. Parecia perdido em pensamentos, talvez buscando uma nova estratégia. Reviro os olhos com impaciência.

— James? — Juntei algumas pastas.

— Sim.

— Nunca confie em um viciado — insinuei.

Ele me encarou por um momento e depois sorriu.

— Claro.

Com um gesto, o faço entender que também deveria sair para retornarmos ao julgamento. Eu o segui assim que ele se afastou de minha presença.

Agora sim, seria interessante assistir James acabar com o caso do Dr.

Harris. O promotor nunca largava o osso facilmente e agora que eu permiti que fosse tirado dele, James teria mais fôlego do que nunca para brigar até o último segundo.

Algo que o Dr. Harris parecia não conhecer. *De certo, aquele homem era um advogado de porta de cadeia*, pensei com impaciência. James não engolia desaforos facilmente e isto me deixou mais animado.

Ia ser uma briga e tanto!

Sei que um julgamento é assunto sério, mas acho totalmente excitante. Sou considerado muito novo para ser juiz, porém, ninguém seria capaz de desmerecer meu mérito. Trabalhei e estudei muito para conseguir chegar onde queria e tinha meu nome como um dos melhores.

Voltei a me sentar e o julgamento deu andamento. Cinco longas e cansativas horas, mas no fim teve o resultado que imaginava. James devorou o *advogado de porta de cadeia* como um tubarão faminto. A testemunha que passou para o lado da defesa também foi engolida pelo *tubarão da promotoria*. James o obrigou, com o meu consentimento, a levantar as mangas de sua blusa. Provando o uso de entorpecentes e qualificando seu testemunho como inadmissível e desqualificado. Sem contar que ordenei que seu agente de condicional fosse chamado para levá-lo de volta à prisão por descumprir os termos de condicional.

O doutor Harris, ou *advogado de porta de cadeia* como eu gosto de chamá-lo mentalmente, ficou vermelho de raiva por ver seu trabalho e nome indo ralo abaixo. Não poderia fazer nada a respeito. Suas próprias escolhas o levou a tal vergonha.

Claro que o cliente, no caso, o acusado, foi condenado a trinta e cinco anos de detenção. Bati o martelo e todos se levantaram para sair. Escutei James repetindo para o advogado o mesmo que disse para ele mais cedo na minha sala.

— Nunca confie em um viciado.

Harris não respondeu, somente o encarou com fúria. O promotor caminhou para fora com seu triunfo bem merecido daquele dia. Voltei para minha sala e gargalhei alto. O dia terminou melhor do que imaginava. Olhei as horas e passava das sete da noite. Peguei minhas coisas e fui embora.

Dirigi para a casa dos meus pais.

Assim que passei pelo portão, vi o carro dos meus irmãos. Estacionei do lado do de Ethan, peguei meu celular e puxei o freio de mão. Desci e escutei as risadas vindo da área de lazer. Meus pais estavam sentados com Abner, Carol e Arthur, que agora tinha três anos, quase quatro. Ethan e Alice brincavam com alguns carrinhos e Max estava ali também, *de bico, claro*.

— Docinho você nunca deu pro irmão errado? Eles são tão parecidos. —

Max perguntou.

Ele riu alto.

— Max! — Carol exclamou parecendo chocada.

Reviro os olhos. Vou na direção deles.

— E qual seria a graça? — pergunto e todos me olham. — Dar para uma pessoa que é a cara do marido dela?

Ethan riu alto concordando e Abner me olhou feio. Ciumento e possessivo como sempre.

— Isto nem pode se considerar traição. Não é trair, é dar duas — digo concluindo meu argumento.

Beijo o rosto da minha mãe e escuto, quase todos, rirem.

— Eu nunca confundiria Abner com os irmãos Max. — Carol respondeu rindo.

Se inclinou para o meu irmão e o beijou com carinho.

— Estou à disposição se precisar cunhada — brinco e me sento no chão perto de Arthur.

— Elliot. — Abner disse sério.

— Oi sobrinho preferido — ignoro meu irmão.

Arthur sorriu e me mostra seu carrinho.

— Ele é seu único sobrinho, idiota. — Ethan diz.

— Ethan, olha as palavras que usa! — exclamou nossa mãe. — Não quero que meu neto saia por aí chamando os outros de idiota. — O repreende.

Dou risadas e ele acena concordando com ela.

— Vai ter que parar com essa coisa de sobrinho preferido. — Carol diz conseguindo a atenção de todos.

Franzo a testa confuso.

Todos a encaramos por um segundo.

— Por quê? — pergunto.

— Porque vamos ter mais um bebê. — Abner explica e um sorriso orgulhoso se forma em seus lábios.

Senti-me emocionado por um momento. Amava ver meu irmão sorrir, me deixava mais completo. Abner e Ethan era uma parte de mim que nunca poderia viver sem.

E vê-los felizes, me fazia feliz.

Capítulo Dois

Elliot Stabler

Caminho com Arthur nos meus braços em direção aos carros. A noite tinha sido animada, mas todos estavam cansados, era hora de cada um ir para seu próprio canto, ou melhor, casa.

— Por que temos que ir pra casa papai? — Ele perguntou, Abner sorriu de leve.

— Já está de noite filho, estamos cansados. — Explicou pacientemente.

Arthur pareceu pensar no que Abner respondeu. Acabei rindo ao ver como ele era a cópia do meu irmão. Tinham os mesmos jeitos, chegava a ser impressionante.

— Papai?

— Hm.

— Minha irmãzinha está cansada também?

— Quem disse que vai ser menina? — pergunto curioso.

Abner e Ethan param e o olham com curiosidade.

— Ninguém tio. — respondeu e deu de ombros.

Rimos.

— Acho que vai ser um menino. — Ethan o provoca.

— Não vai tio. — diz convicto. — É uma *niña*.

Sorri ao vê-lo falando em espanhol. Carol gostava de ensiná-lo a falar algumas palavras e ele parecia gostar do idioma.

— Se for uma *niña*, vamos ter muito trabalho para deixar os garotos longe dela. — Abner diz possessivo. — Nada de garotos.

Abner sendo Abner. No entanto, eu e Ethan concordamos.

Nada de garotos.

— Nada de garotos. — Arthur repete.

Abner sorriu orgulhoso.

Carol se aproximou com uma expressão fechada e Alice a acompanhava. Tinham ouvido e pareciam não ter gostado nenhum pouco.

— Podem ir parando com essa história de “*nada de garotos*” com meu *hijo*.

— Estamos certos, nada de garotos se estiver esperando uma menina. — Ethan afirma.

Alice bate no braço dele.

— Bastardos.

— Somos, irmã, somos — dizemos juntos.

Ela revira os olhos com impaciência.

— Anda muito agressiva baixinha. — Ethan a provoca.

— Não sou baixinha, vocês que são altos demais — acusou.

Arthur pulou dos meus braços para os de Abner. Pego Alice antes que ela acerte Ethan novamente e a abraço.

— Você é a baixinha do meu coração — digo e ela me abraça apertado, mas crava as unhas nas minhas costas. — Aí — protestei. — Quanta agressividade.

— Não sou baixinha — retrucou.

— Você é. — Eu e meus irmãos afirmamos.

Ela nos ignorou.

— Qual vai ser o irmão mais lindo que irá me dar carona? — mudou de assunto.

— Alice — digo em tom de repreensão.

Abner chegou mais perto e a encarou sério.

— Você tem uma equipe de segurança que pode te levar onde quiser, bastar dizer onde. — Abner a lembra.

— Concordo com o Abner, algum problema em não querer usá-los? —

Ethan questiona observador.

— Só não queira ficar sozinha — deu de ombros e me soltou. — Mas tudo bem, boa noite meu povo.

Ela dá uns passos à frente em direção ao seu segurança principal. Suspiro preocupado. Não era comum Alice dizer que se sente sozinha, não que tenha dito com todas as palavras, mas foi o que deu a entender.

— Sou o mais lindo, sempre — afirmei. — Vou te levar.

— Bastardo. — Ethan e Abner dizem.

Olho para eles e vejo que também perceberam que há algo estranho com ela.

— Você é meu irmão preferido. — Ela conta para provocar os outros.

— Eu sei amor, vamos.

Pego em sua mão e meus irmãos protestam juntos.

— Eu sou o preferido e o mais lindo.

— Não são mais – digo rindo.

Pisco para Alice, que sorri e depois vai até meus gêmeos. Abraça-os com carinho, assim como Carol e Arthur, antes de me seguir até o carro. Abro a porta para ela, dou a volta e aceno para minha família antes de entrar.

Dou a ré e saio para a rua com o veículo. Ela liga o som e permanece em

silêncio.

— Para onde princesa?

— Meu ateliê — informa.

— Há essa hora? — questiono.

— Sim, estou com umas ideias e quero colocá-las no papel.

— Não poderia fazer isto em casa?

— Elliot — gemeu frustrada.

— Tudo bem, não vou perguntar — dei de ombros. — Se quer ir para o ateliê, então, é onde vou levá-la.

Ficamos em silêncio.

Fiquei um pouco mais preocupado sabendo que queria trabalhar. Havia algo acontecendo que eu e meus irmãos ainda não sabíamos. Alice nunca foi muito fã da equipe de segurança, mas raramente os dispensava como fez essa noite, ao pedir carona.

— O que você tem Alice? — não aguento ficar calado.

— Nada.

Não se resignou a virar em minha direção, seu olhar permaneceu perdido além da janela.

— Diga para o seu irmão bonitão aqui, o que é que está te deixando assim

— insisto.

— Não é nada, só um pouco desanimada.

— E ir em plena segunda para o seu ateliê secreto?

Seu ateliê era uma casa onde costumava ir quando queria ficar sozinha. Sabia cada passo dela e também seu humor, foi fácil descobrir que o ateliê era seu refúgio em dias ruins.

— Ateliê secreto — bufou e depois riu. — Você inventa cada coisa Elliot!
— exclamou.

Paro o carro na frente do imenso portão do ateliê e abro a janela. Digito o meu código de segurança e pressiono o polegar na biometria.

— Pare de me enrolar — persisto.

— Não estou te enrolando.

Acelero quando o portão se abre e aceno para os seguranças. Paro o carro na frente da casa e me viro para ela.

— Entregue — sorri.

— Obrigada.

— Tem certeza de que está bem?

— Sim, estou bem — piscou. — Só preciso trabalhar um pouco.

— Tudo bem, qualquer coisa me ligue — pedi. — Venho correndo ou até

voando se for preciso.

— Eu sei que vem.

Beijou meu rosto e antes que se afastasse, a segurei para um abraço apertado.

— Amo você pirralha — declarei.

— Também te amo, bastardo — riu.

— Sabe que das irmãs que tenho, você é a melhor — brinco.

— Eu sou a única irmã que você tem, seu idiota.

Esperei até que entrasse e fui conferir todo o sistema de alarme de sua casa. Troco algumas palavras com o segurança e vou embora.

...

Solto um gemido frustrado ao ouvir o despertador. Gostaria de ficar mais um pouco em minha cama, mas não havia outra alternativa para um homem crescido como eu. Levantei e liguei o som do quarto, *24 k Magic- Bruno Mars*, foi a primeira música a tocar.

Quando saí do banho, tocava *Thats What I Like* do mesmo cantor. Abri meu closet e escolhi meu terno do dia. Dançando pelo espaço, coloquei uma boxer branca.

— *You deserve it, baby, you deserve it all, And I'm gonna give it to you...*

Cantarolei enquanto abotoava a camisa slim branca, dei mais uma dançadinha e peguei minha calça.

— *Strawberry champagne on ice.*

Empurrei minhas pernas dentro e a fechei.

— *Lucky for you, that's what I like, that's what I like...*

Peguei um cinto marrom de couro no meu armário, balançando no ritmo da música enquanto o passava pelas alças da calça. Fui dançando até o meu espelho e esfreguei uma toalha em meus cabelos úmidos.

— *Sex by the fire at night...*

Peguei meu perfume e borrifei bastante em mim.

— *Silk sheets and diamonds all white...*

Coloquei um dos meus relógios e pisquei para o espelho. Calcei meias e meus sapatos. Alcancei meu terno, o passei pelos braços, puxando-o pelo ombro. Abotoei um botão e estava pronto. Caminhei para fora e parei no painel do som. Desliguei a música.

— *Lucky for you, that's what I like, that's what I like.* — Cantarei descendo as escadas da minha cobertura, encontrei dona Anne na cozinha preparando aquele café que eu tanto amava.

— Bom dia menino.

Pisquei para ela e a agarrei.

— Dance comigo Anne — pedi.

— Dançar? Ficou doido? — questionou. — Não escuto nenhuma música.

— Está tocando no meu *brilhante cérebro*.

A girei pela cozinha, ela riu alto. Apesar da idade avançada, nunca poderia chamá-la de sedentária. A mulher ainda tinha um equilíbrio incrível. Quando a soltei, gargalhava. Pisquei e peguei a xícara do expresso que tinha acabado de sair.

— Sempre na hora certa — digo satisfeito.

— Dormiu bem? — perguntou.

— Dormiria muito melhor se tivesse um cobertor de orelha — afirmei.

— Isto é novidade — riu. — Nunca te vi passar uma noite toda fora ou trazer uma mulher para casa.

— Está certa, quando estou com uma não durmo — provoco.

— Toma jeito, menino! — exclamou.

— Sempre.

— Um dia vai achar a mulher certa e parar de pular de cama em cama — disse em tom de praga.

— Enquanto isto vou me divertindo com as erradas — garanti.

— Você vai pagar todos seus pecados nas mãos da mulher da sua vida.

— Estou ansioso por isto.

Ela riu e desistiu daquela conversa.

Tomei meu café e comi um pouco da salada de frutas que sempre deixava pronto para mim. Peguei o mundo de pastas que tinha no meu escritório pessoal e corri para o meu carro.

Atrasado.

Algo comum para mim em situações sociais, mas nunca para o trabalho.

Minha Ferrari vermelha brilhava em destaque no meio de todos os Jeeps pretos ao redor. Jay, meu principal segurança jogou a chave. Entrei e acelerei pelas ruas. Olhei o retrovisor por precaução, encontrei toda minha escolta me seguindo e algumas motos passaram por mim.

Pisquei o farol e segui pelo caminho mais longo. Era suicídio enfrentar as principais avenidas naquele horário. Ficaria preso por muito tempo no trânsito, o que não era uma opção para o momento.

Praguejei quando o celular vibrou no bolso, tinha me esquecido de conectá-lo ao carro. Distraio por um pequeno momento para pegar o aparelho e freio bruscamente ao ver uma mulher na faixa, mas tinha sido tarde demais, eu a atrolei.

— Puta merda.

Puxo o freio de mão e saio às pressas do carro. Antes que tivesse a oportunidade de falar, ela gritou comigo.

— Porra! Não viu o sinal vermelho?

Ainda estava em choque para reagir, nunca tinha atropelado uma pessoa e o susto não foi uma boa experiência. Balancei a cabeça perplexo ao ver a mulher, ela tinha uma expressão carrancuda e estava sentada no chão.

— Deixa-me te ajudar — ofereci.

Seus olhos castanhos me fuzilaram.

— Posso me levantar sozinha.

Abaixei e agarrei seus ombros.

Ela protestou e eu não liguei.

— Desculpe-me, não tinha percebido o sinal fechar — expliquei.

Pelo menos tentei. O que não justificaria muito se eu a tivesse matado.

— Deveria prestar mais atenção! — vociferou.

— Se machucou? — perguntei sem me importar com sua raiva.

— Nenhum braço ou perna quebrado — respondeu irônica

— Vamos, vou te levar ao hospital.

— Não precisa! — exclamou. — Estou bem.

— Tem certeza?

Me olhou com impaciência. Segurei para não rir, acreditando que se o fizesse, ela me mataria com as próprias mãos.

— Que merda de dia — resmungou.

Reparei por um rápido instante que usava uma camisa social com a logomarca de um supermercado da região. Jeans e tênis de caminhada. No seu pescoço estava pendurado um crachá, mas não pude ver seu nome já que estava virado.

— Deixa-me pelo menos te deixar no seu trabalho — ofereci.

— Não precisa, estava indo pegar o metrô — se calou ao olhar o relógio no pulso. — Merda.

Desta vez sorri, ela tinha perdido o metrô e não teria motivos para negar minha carona.

— Senhor? — Olhei para trás e vi Jay me olhando tenso. Todo o trânsito estava parado por minha causa. — Precisamos nos locomover, é muito perigoso ficar exposto em um lugar aberto assim. — informou.

Acenei e voltei a encarar a mulher irritada, *que quase matei*.

— Onde posso te deixar?

— Não...

— Não tente negar, vamos logo — interrompi.

Olhou o relógio novamente e depois observou o trânsito. Seus olhos se arregalaram e ela acabou aceitando. Segurei seu cotovelo e a guiei para o carro. Abri a porta e ela entrou sem reclamar. Corri em volta da minha Ferrari e entrei. Coloquei o maldito celular no lugar e acelerei para longe.

— Onde devo deixá-la?

— No trabalho, estou atrasada pra caramba.

Acenei concordando e a ouvi gemer de leve. Olhei para o lado e vi seu braço ralado.

— Sinto muito, tem certeza que não quer ir ao hospital?

— Sim.

— Ei linda?

— Hm? — Ela perguntou.

— Diga Elliot. — A voz do computador de bordo encheu o carro. Sorri mentalmente, a moça pensou que eu falava com ela.

— Ligar para Jay, Linda.

— Chamando Jay.

— Você chama seu computador de bordo de linda? — Ela perguntou rindo.

— Era um bom nome — afirmo.

Jay atende no segundo toque.

— *Diga chefe.*

— *Peça alguém para comprar algo na farmácia para limpar machucados*

— *peço. — A senhorita está muito ferida?*

— *Não, só alguns ralados.*

— *Vou fazer isto. — Jay respondeu de prontidão.*

— *Obrigado.*

— *Chamada encerrada. — Linda avisa.*

— *Obrigado, Linda.*

— *De nada, Elliot.*

Logo estava na porta do supermercado. Entrei no estacionamento e olhei o retrovisor. Somente dois carros me seguiam. Estacionei e olhei para ela.

— Me desculpe mais uma vez.

Ela suspirou.

— Tudo bem, desculpe-me também — disse calma. — Fui grossa e mal-educada contigo, apenas comecei o dia com o pé esquerdo.

— Podemos começar de novo, sou Elliot.

Estendi minha mão e ela deu um pequeno sorriso. Sua mão deslizou sobre a minha e um arrepio se arrastou por minha pele. Percebi que ela também se arrepiou com o contato, suas bochechas coraram de leve e eu pisquei para ela.

— Ch..arlotte — pigarreou. — Sou Charlotte.

— Muito prazer em conhecê-la Charlotte.

Soltou minha mão e abriu a porta.

— Obrigada pela carona.

— Disponha — acenei. — Mais uma vez me perdoe pelo incidente no sinal.

Charlotte somente acenou com a cabeça e saiu. Meus olhos caíram sobre a curva de sua bunda, que se inclinou em minha direção quando deslizou para fora do carro. Não era nenhum santo, olhava tudo o que me chamasse a atenção.

E quando ela sorriu para mim antes de fechar a porta, me senti ferrado.

— É dona, Anne, acho que sua praga, enfim, me pegou — falo sozinho.

Observei um segurança entregar a ela a sacola da farmácia. Charlotte agradeceu e entrou sem olhar para trás.

Capítulo três

Charlotte Miller

Saí do metrô e respirei aliviada em saber que estava quase chegando em casa. Meu dia tinha sido tão cansativo que não via a hora de poder cair na minha cama. Caminhei por três quadras antes de chegar na minha rua. Entrei no meu prédio e subi para o meu apartamento.

Tirei o tênis na porta e fui para a cozinha pegar um pouco de água. Minha calopsita estava presa em sua gaiola, fez um barulho alto. Sabia o que ela queria e sorri.

— Olá Blue, como foi seu dia? — perguntei. — O meu foi um merda e ainda quase morri esmagada por uma Ferrari. — Abri a portinha da gaiola e ela veio para o meu braço. — Mas nem tudo foi tão ruim assim. — comentei. — O motorista combinava com aquele carrão. Pensa em um homem bonito? — brinco. — Então, ele é duas vezes mais.

Coloquei meu pássaro no chão, já que não podia voar. Suas asas eram sempre aparadas para que não fugisse e virasse comida de gato.

— Se divirta com sua liberdade Blue. — Peguei água na geladeira e suspirei. — Aquele homem é o sonho molhado de qualquer mulher.

Balancei a cabeça tentando apagar a imagem clara de Elliot. Peguei o

celular e liguei para uma pizzaria. Não estava muito afim de cozinhar e uma pizza cairia muito bem agora. Corri para o banho e relaxei na água quente. O ralado no braço ardeu como uma cadela, mas limpei direitinho e passei pomada.

Assim que me vesti a campainha tocou, o porteiro devia ter liberado o entregador para subir sem o anunciar. Abri a porta e encontrei meu amigo, Ariel, do lado de fora segurando uma caixa de pizza.

— Alguém pediu pizza?

— Sim, por favor, quanto é? — abri espaço para ele entrar.

— Essa é por conta da casa.

— Tem certeza?

— Sim, a não ser que não me convide para comer.

— Sinta-se à vontade — ofereci, ele sorriu.

Nos sentamos na bancada da cozinha depois que peguei os pratos e cervejas.

— Como foi o julgamento de ontem? — perguntei.

A expressão de Ariel se fechou instantaneamente, bebeu um pouco antes de me responder.

— Uma merda.

— Perdeu?

— Sim, o promotor me colocou no chinelo.

— Eita.

— Sem contar que o juiz não facilitou muito.

— Quem era o juiz?

— Elliot Stabler — resmungou. — A merda de um playboy que gosta de brincar de juiz.

— Não fale assim — franzi a testa. — Seu cliente era culpado, não é?

— Não podemos falar sobre isto.

Eu sabia. Bufei.

— Tudo bem, quantos anos?

— Trinta e cinco.

— Merda.

— Sim, o bastardo tem a fama de nunca dar moleza. Porra! — exclamou.

— Por pouco não o condenou a perpétua, ainda prendeu uma de minhas testemunhas.

— Mandou prender sua testemunha?

— Sim.

— Por quê?

— Não quero falar sobre isto — se irritou. — Aquele maldito promotor fez meu sangue ferver, nem sei se sou capaz de erguer meu nome depois daquela merda toda.

— Foi tão ruim assim? — preocupei-me.

— Pior do que poderia imaginar — esfregou o rosto. — Achei que tinha ganhado quando o juiz permitiu minha testemunha, mas o promotor era mais esperto do que imaginei — comentou. — Pior foi aceitar os anos de condenação, aquele juiz não poderia ter feito isto.

— Mas convenhamos, Ariel, se seu cliente era um merda foi mais do que merecido.

— Charlotte! — exclamou.

— O que? — ri. — Estou sendo sincera.

— É da minha carreira que estamos falando.

— E para isto precisa ficar somente do lado dos bandidos? Fala sério.

— Você não está entendendo.

— Então, me explique — pedi pacientemente.

— Eu estou arruinado por causa daquele juiz e do promotor — disse irritado. — Independente se meu cliente fosse ou não condenado, ter perdido

o caso para os dois foi muito pior para mim — esfregou as têmporas. — O promotor tem fama de tubarão dos fóruns, o que provei ser verdade, já que fui engolido pelo cara — bufou bravo. — E o nome Stabler tem muito poder nessa merda de cidade, aquele idiota tem renome demais. Qualquer um que perde no tribunal dele, nunca é esquecido facilmente.

— Acredito que está mais preocupado com o juiz.

— Sim, o babaca só é um milionário sem nada para fazer.

— Não fale assim. — Ele revirou os olhos com impaciência. — Ele deve ter estudado muito para conseguir chegar a ser juiz — tento ser justa.

— Ou ter comprado alguém — retrucou. — Fala sério, *Cha*, o homem tem uma lista extensa de condenação a perpétua que nenhum outro juiz poderia se igualar.

— Fico feliz por ter alguém assim, esses bandidos merecem passar a vida encarcerados.

— Seu senso de justiça está forte hoje, *hein*.

Dei de ombros.

Era melhor finalizar aquela conversa ou acabaríamos brigando. Ele viu Blue andando pelos cantinhos e tentou pegá-la, mas ela não gostava de ninguém além de mim. Sorri com a expressão ultrajada dele e brincamos sobre aquilo.

Depois de comer e limpar a bagunça na cozinha, Ariel foi embora e eu fui para a cama. Estava cansada, porém, quando deitei minha cabeça no travesseiro só conseguia me lembrar daqueles olhos azuis tão vivos.

Tão intensos.

Meu braço se arrepiou com a lembrança de sua mão quente apertando a minha. Fechei meus olhos e esfreguei minha pele para apagar a sensação. Assim que tentei dormir novamente o sorriso dele encheu minha mente. Dentes brancos perfeitos e lábios avermelhados.

Tão beijáveis.

Suspirei percebendo que não conseguiria me esquecer dele tão cedo.

...

O dia seguinte começou com minha mãe me ligando às sete da manhã. Queria conversar, e eu como uma boa filha que sou, a ouvi atentamente. Mesmo que, em algumas vezes, acabei por dar umas cochiladas.

— Não está me ouvindo — reclamou.

— Desculpe mãe — bocejei.

— Quero um sofá novo, mas seu pai insiste em dizer que o nosso ainda está bom! — exclamou.

— Passou da hora de trocar aquela coisa velha — seguro outro bocejo.

— Foi o que eu disse para aquele cabeça dura — afirmou brava. — Deve estar ficando cego ou doido.

— Mãe, coitado — ri.

Ela riu do outro lado da linha.

— Só me faltava essa — brincou. — Mas não importa, vou comprar um sofá novo e pronto.

— Isto aí!

— E você vai me ajudar.

— Vou?

— Claro que vai Charlotte, quem vai distrair seu pai enquanto eu uso o cartão dele?

Gemi frustrada em ter que me meter naquela história tão boba.

— Papai está ficando muito mão fechada.

— Isto deve ser um problema com a idade.

— Não deixe que ele te escute.

Rimos concordando que ele era sensível sobre sua idade.

— Sua tia Sarah o está enlouquecendo.

— Ela é terrível.

— Sempre passa aqui para o lembrar que falta pouco para completar sessenta — riu. — O homem falta ter um infarto.

Rimos juntas.

— Pensei em fazer uma festa surpresa para ele, o que acha, *Cha*?

— Vai matá-lo aos sessenta anos — provoqueei. — Mas acredito que vá ficar feliz.

— Vamos combinar melhor sobre isto.

Conversamos mais um pouco e então pude voltar a dormir. Começaria a trabalhar às dez hoje e ainda tinha tempo para curtir a preguiça.

Quando cheguei ao supermercado, a loja estava muito cheia. O que significava trabalho em dobro e pouco tempo para pensar naquele sorriso tão lindo que Elliot exibia. Ainda marcado na minha mente como se fosse feito a ferro quente.

Somente para não me deixar esquecê-lo.

Capítulo Quatro

Elliot Stabler

Água gelada corria por minhas costas endurecendo meus músculos, a semana tinha sido monstruosamente cansativa. Sem contar o fato de que desejei ir atrás de Charlotte por cada minuto que se passou desde que a conheci. Aquela briga interna estava me deixando cada vez mais frustrado. Eu a queria de uma forma estranha, que não poderia explicar, não queria me render.

Contraditório, eu sei, não sabia o que fazer.

Desliguei o chuveiro e saí do banheiro me enxugando. Andei nu por minha cobertura despreocupado, Anne dormia cedo e já eram quase dez da noite. Sentei no meu sofá e olhei para o nada. B.B. King ecoava pelas paredes, o som da guitarra chorando fazia tudo ficar mais dramático.

Sexta à noite sem saber o que fazer.

Aquele não poderia ser eu.

Era quase que ultrajante ficar sem sexo a semana inteira e quando chegava a sexta, não parecia ter vontade.

Precisava mudar aquilo.

Peguei meu celular e chamei por Ethan.

A chamada encerrou por ele não atender, frustrado liguei de novo. Não deixaria que me ignorasse tão facilmente assim.

Dessa vez ele atendeu na segunda chamada.

— Fala, amor.

— *Viado*, o que está fazendo?

— Banho.

— Sozinho?

— Claro que sim idiota, estou em casa.

— Hm.

— Diga logo Elliot, você não é bom em render conversas.

— Bora fazer uma festa particular?

— Me dê meia hora, nos encontramos no bar de sempre.

— Não se atrase boneca — provoco.

— Vá se foder Elliot.

— Vamos fazer isto.

— Bastardo.

— Somos, irmão, somos.

— Elliot?

— Hm?

— Vai me contar o que está acontecendo com você?

Mordi o lábio inferior. Esse cordão umbilical imaginário não respeitava os segredos dos outros.

— Não tem nada acontecendo comigo.

— Tem certeza?

— Sim.

— Ok, nos vemos daqui a pouco.

Ele desligou rápido, olhei para o teto e suspirei.

Levantei do sofá e fui me arrumar. Não demorei muito, mas se não me apressasse iria acabar me atrasando e irritando Ethan. No entanto, me atrasei de qualquer forma e meu irmão se estressou por ter que esperar.

Quando cheguei ao bar de sempre ele já observava quem poderia ser nossas companhias da noite. Logo tinha uma cerveja nas mãos, bebi enquanto olhava para algumas mulheres buscando algo nelas que me atraíssem como imã.

Não encontrei nada que me interessasse e acabei concordando com a escolha de Ethan. Duas mulheres lindas, que por sinal eram amigas. Uma loira de parar o trânsito e uma mulata de fazer qualquer homem babar.

Fomos para o hotel, o mesmo de sempre e nos esbaldamos dividindo-as. Elas tinham muita intimidade uma com a outra, o que deixou tudo mais intenso. Era fácil ficar duro perto delas. Quando, enfim, saímos, eu me senti estranhamente insatisfeito.

As deixamos dormindo e fomos embora.

No elevador, percebi que ele me observava, mas não iniciei nenhum tipo de conversa. Aquele cordão umbilical imaginário era muito filho da puta. Ethan sabia claramente que tinha algo errado comigo, mas não fazia ideia do que poderia ser.

Bem feito para esse intrometido cordão umbilical.

— Ainda bem que não tenho nada muito importante de manhã. — Ethan resmungou.

Olhei o relógio e amaldiçoei.

— Puta merda, tenho uma reunião às oito.

— Não trabalha aos sábados — observou.

— Geralmente não, mas não consegui escapar desta merda.

Saímos do elevador e caminhamos para os carros. A Ferrari branca de Ethan chamava tanta atenção, quanto a minha vermelha, perto dos Jeep da segurança.

— Elliot?

Estava demorando.

— Hm.

— Sabe que não me engana, não é?

— Realmente tenho uma reunião.

— Não estou falando da reunião — me interrompeu. Não disse nada, esperei que ele falasse o que queria e me deixasse ir para a casa. Se aproximou e apertou meu ombro. — Pode negar o quanto quiser, mas sei muito bem que tem algo te incomodando.

Me segurei para não revirar os olhos. É claro que ele sabe. Aquele cordão umbilical imaginário era muito atrevido. Sempre sabíamos quando um dos três não estava bem. Isto era legal, até que virei o foco de suas intromissões.

— Não é nada que tenha que se preocupar — afirmo.

Ele estreita os olhos para mim.

— Então, me conte do que se trata. — Hesitei por um segundo. — Sabe onde me encontrar, para quando quiser conversar — ofereceu.

— Bastardo.

Riu.

— Somos, irmão, somos.

Sorri concordando e fui para o meu carro.

...

Pulei da minha cama quando olhei a horas no celular, fiquei assustado ao ver que só tinha meia hora para chegar à reunião.

Coloquei o celular no viva voz enquanto ligava para Jay e tomava banho ao mesmo tempo.

— Diga, Elliot.

— Atrasado caralho.

— Te liguei algumas vezes e não me atendeu.

— Traga o helicóptero — ordenei. — Não tenho tempo para pegar trânsito e realmente não posso me atrasar.

— Dez minutos.

— Estarei esperando.

Enxuguei-me rapidamente e vesti um dos meus inúmeros ternos feito sob medida. Desci e encontrei Anne na cozinha, *como sempre*.

— Bom dia, Anne.

— Bom dia, filho, que pressa é essa?

— Atrasado.

Tomei um único gole de café e deixei a xícara na bancada.

— Coma direito.

— Sem tempo e a senhora vá para casa do seu filho descansar.

— Eu...

— Nem tente protestar, Anne, estou sem tempo pra discutir. — Saí da cozinha, mas parei na porta. — Garanto que seus netos estão cheios de saudades.

Anne sorriu afirmando que eu estava certo, dei uma piscadela e corri para o terraço. O helicóptero tinha acabado de chegar, quase suspirei aliviado.

...

Joguei minha bunda sobre o sofá da casa da minha mãe, depois de cinco horas diretas de reunião e discussão, finalmente teria um tempo de paz. Fiquei preso por mais duas horas no escritório com a mesa cheia de ordens judiciais para ler e decidir se dava ou não meu aval para os departamentos de investigação da cidade.

A minha assistente parecia me perseguir, não era possível uma pessoa trabalhar tanto em pleno sábado. Quase um absurdo, se eu não gostasse tanto do que fazia.

— Que cara horrível. — A voz do meu pai me faz encará-lo.

— Precisando de uma pausa, dia tenso.

Puxei a gravata sentindo-me enforcado e a joguei no sofá também.

— Não comece a tirar a roupa, sua mãe o chutaria pra fora nu — brincou me fazendo rir. — Não tem mais idade para fazer isto na presença de seus pais.

— Não vou.

— Bom — riu.

— Escalada, na terça? — pergunto.

— Claro — afirmou despreocupado.

Amava passar um tempo com o meu velho.

— Não vou te dar moleza pai.

Ele deu de ombros.

— Você nunca faz isto, sabe que estou muito velho para esportes radicais.

— Que nada! — exclamei. — Sessenta e dois anos, mas com cara de quarenta.

— Minha genética é boa — afirmou arrogante.

— Não estou reclamando, pelo contrário, fico feliz de dar um bom caldo na terceira idade.

— Terceira idade o caralho.

Gargalhei com a expressão dele, minha mãe apareceu na sala e o olhou

feio.

— Olha a boca, Miguel. — O repreendeu.

— Oi, mãe.

— Oi, filho ingrato.

— Wow, de onde veio essa? Não estava esperando — brinquei e ela beijou minha bochecha.

— Quase não apareceu aqui esta semana, estou pensando em mandar uma equipe te arrastar até aqui — ameaçou.

— Muito trabalho, nem almocei ainda — comentei.

— Não pode ficar pulando as refeições, Elliot — disse brava. Franzi o nariz quando me repreendeu. — Vou pedir para Rose preparar alguma coisa para você — ofereceu.

— Obrigado, mãe, não sei o que seria da minha vida sem você — bajulei.

— Vou estar sempre cuidando de você meu menino mimado.

Pisquei para ela e a vi saindo.

Meu pai precisou se retirar quando o seu celular tocou. Fechei os olhos e suspirei cansado, precisava cochilar, nem se fosse por quinze minutos.

— Vá dormir na sua cama, bastardo.

— Vá da atenção para a gostosa da sua mulher, Abner — resmunguei.

— Elliot. — O tom de aviso dele me fez encará-lo.

Arthur estava sonolento no colo do meu irmão. Estiquei os braços, oferecendo um pouco de colo, mas ele não quis. Só queria o colo do pai.

— Carol?

— Dormindo — contou. — Gravidez a faz dormir mais do que um urso.

— Que ela não te escute — brinquei e ele sorriu de leve concordando.

Se sentou na minha frente, onde um minuto atrás estava nosso pai.

— Qual é o nome dela? — Abner perguntou me observando atentamente.

— Quem?

— A mulher que tem te deixado perturbado essa semana.

Cordão umbilical maldito, exclamei em pensamento.

— Quem disse que estou perturbado?

— Ah desculpe, é verdade — zombou. — Você é perturbado desde o dia em que nasceu.

— Bastardo.

— Somos, irmão, somos — afirmou. — Agora me diga qual é o problema.

— Como tem tanta certeza que eu tenho um problema? — perguntei quase que impaciente.

— Sua falta de humor — disse como se aquilo respondesse. — Ergui uma sobancelha. — Ficou mais calado essa semana, não me ligou nenhuma vez — pontuou. — Está sempre perdido nos próprios pensamentos, coisas que você nunca faria.

— Está dizendo que eu falo demais? — perguntei na intenção de fugir do assunto.

— Tem alguma dúvida?

Dei de ombros.

Aquele cordão umbilical bisbilhoteiro não sabia guardar segredos. Assim como Ethan, Abner também tinha percebido que algo me incomodava.

— Sabe que não me engana.

— Sei? — questionei.

Abner fechou a expressão, mostrando que não tinha paciência para aquele tipo de discussão que eu estava o forçando.

Ele não nasceu com paciência, algo fácil de perceber.

— Vá atrás dela — ordenou. — Convide-a para sair e descubra o porquê está tão incomodado — aconselhou. — Se for a mulher da sua vida, não esqueça de manter o zíper fechado para todas as outras.

Sorri de leve, é claro que ele sabia onde eu e Ethan passamos a noite.

— Antes, vá dormir um pouco, sua cara está horrível. — Ele se levantou e ajeitou Arthur nos braços. — Vou levar meu filho para a cama — disse baixo. — Não faça besteiras, Elliot, não deixe a oportunidade passar.

Acenei para ele e deitei no sofá. Se minha mãe me visse com os pés para cima, ficaria com as orelhas vermelhas quando as puxasse.

— Vou atrás dela — murmurei cansado.

Fechei meus olhos e acabei dormindo ali.

Para a minha surpresa, fui acordado com o carinho de dona Isabel. Disse que deveria comer primeiro, antes de tentar descansar, mas claro que ela resmungou algo como “*você sabe que não é nada elegante colocar os pés no sofá*”. Somente sorri concordando, tinha a melhor mãe do mundo. Ela sempre parecia saber quando precisávamos dela mais pertinho.

Capítulo Cinco

Elliot Stabler

Passei o final de semana frustrado. No domingo de manhã, fui ao mercado onde Charlotte trabalhava na esperança de encontrá-la, mas era seu dia de folga.

Quando acordei na segunda-feira não tive a oportunidade de ir. O promotor estava me esperando em meu escritório para uma reunião de emergência. Parecia que todos estavam trabalhando para me impedir de chegar até aquela morena linda que tanto me encantou.

Eu precisava de pelo menos uma noite com ela. Talvez, minha cisma passasse, não era possível que aquela seria a mulher da minha vida como Abner havia dito.

Não, claro que ela não era.

Eu ficaria solteiro por muito tempo ainda.

Quando consegui me livrar do promotor na reunião, peguei um trânsito infernal para tentar chegar até Charlotte. *Tinha como piorar?* Eu não queria saber, era o tipo de coisa que piorava só para te irritar. Quase gritei de vitória quando estacionei no supermercado, coisa que não tinha sido nada fácil. O estacionamento do local estava muito cheio e custei conseguir uma vaga. Saí

do carro e Jay já estava de pé me aguardando, os Jeeps não teriam espaço, então, imagino que ele só desceu do carro e outro segurança o levou para fora.

Guardei a chave no bolso, fiquei com a carteira e o celular na mão. Sentia a necessidade de segurar algo como suporte para minha ansiedade.

Caminhei por quatro longos corredores de prateleira e pessoas em compras, mas não encontrei quem realmente queria. Até que uma massa de cabelos negros me chamou atenção. Ela estava parada na frente de uma prateleira, pegava as garrafas que um rapaz ao seu lado oferecia e as colocava na prateleira, que rapidamente enchia.

Usava uma camisa social de mangas e de longe pude ver suas unhas pitadas de vermelho. Fui me aproximando devagar e reparei no cabelo solto. Os fios ondulados alcançavam a cintura, logo meus olhos estavam na sua bunda, apertada por um jeans escuro. Ela mudou o peso de uma perna para outra e acentuou ainda mais aquela curva bonita que tanto me chamava atenção.

Nos pés, uma sandália com salto curto e quadrado alongava suas pernas, que não eram tão longas. Guardei minha carteira e celular no bolso do meu terno, no controle das minhas emoções, e me aproximei.

Não precisei chamá-la, ela parecia ter percebido minha presença. Não

consegui segurar o sorriso.

— Elliot.

— Que mundo pequeno, não? — brinquei.

Charlotte sorriu como se não acreditasse em mim.

— Busque mais duas caixas, acredito que será suficiente. — Ela disse ao funcionário. O rapaz acenou concordando e se afastou. — Precisa de alguma coisa, Elliot? — questionou.

Mais do que ela imaginava.

— Pão? — ri ao perguntar.

— Você é muito cara de pau.

— Por que diz isto?

— Como se um homem como você fosse em algum mercado.

— Um homem como eu? — ergui as sobrancelhas.

— Sim, rico — bufou. — Nunca vi uma pessoa nesta loja acompanhado de seguranças.

Ela apontou para trás e eu sabia que falava de Jay.

— É necessário — dou de ombros.

Sorriu parecendo não querer discutir sobre o assunto.

— Agora me diga, por que veio até aqui?

— Te ver.

Charlotte não expressou nada, começamos a caminhar pelo corredor, deixando-me nervoso. Antes que pudesse falar algo, um senhor parou em minha frente, parecia me reconhecer.

— Senhor Stabler?

— Este seria meu pai, estou muito novo para ser chamado de senhor — brinquei.

O homem sorriu concordando.

— Que bom vê-lo.

Franzi a testa confuso.

— Desculpe, mas não me lembro do senhor.

— Imagino que não — sorriu de leve antes de me oferecer sua mão. — Luther D'Ávila.

— D'Ávila? — perguntei reconhecendo o sobrenome.

— Sim — um sorriso triste se formou nos lábios daquele senhor. — Estive no julgamento da semana passada, o senhor condenou o homem que matou minha filha.

Segurei um suspiro.

— Sinto muito pela sua perda D'Ávila e, por favor, chama-me somente de Elliot — ofereci.

— Obrigado por fazer justiça pela minha menina, hoje posso viver em paz.

Apertei a mão dele e seu ombro.

— Não me agradeça, é o meu trabalho e não faria nada menos do que buscar justiça.

— Ainda assim eu agradeço, Elliot.

— Fique em paz Luther, se depender de mim aquele homem não vai sair da prisão nunca.

— Fico feliz por isto, não vou mais te incomodar.

— Não é incômodo nenhum, se precisar de alguma coisa fale com minha assistente ou me ligue. Terei o maior prazer em ajudar. — Ofereci meu cartão e ele sorriu ao se afastar.

— Stabler?

— Sim — respondi Charlotte como se ela tivesse chamado.

— Você é Elliot Stabler?

Franzi a testa confuso e acenei.

Ela arregalou os olhos e bateu a mão na testa.

— Que burra — murmurou. Ainda estava confuso sobre o que ela estava

falando. — Um amigo meu, Ariel, tinha me falado de você semana passada — contou. — Ele parece o conhecer, ou melhor, teve uma audiência com você.

— Não me lembro de nenhuma pequena sereia — brinquei, ela riu alto.

— Bobo.

— É sério, me lembraria de ter visto a pequena sereia, tenho certeza — afirmei rindo.

— O sobrenome dele é Harris.

Parei e me segurei para não revirar os olhos.

— Sei quem é a pequena sereia.

O advogado de porta de cadeia, pensei.

— Ele perdeu a causa.

— Sim.

— E ficou um pouco bravo com você.

— Comigo? — ri. — Não tenho culpa se ele tenta defender bandidos.

— É o trabalho dele.

Encarei Charlotte com impaciência.

— Aquele senhor que acabou de me parar é o pai da menina de vinte anos que foi assassinada e sodomizada, pelo homem que seu *amigo* tentou

defender.

— Sério? — arregalou os olhos.

— Sim.

— Então, que bom que ele vai passar longos anos na prisão.

Sorri concordando, não queria mais falar sobre o assunto e ela pareceu entender.

— Já almoçou, Elliot?

— Não.

— Então, me leve para almoçar — ofereceu.

Acenei concordando.

— Com o maior prazer. — Peguei sua mão e a coloquei no meu braço. — Estou faminto — sinto meu celular tocar. Suspirei e acenei para esperasse um pouco. — Diga, Ellen.

— Elliot, preciso que assine uma ordem judicial.

— Sério? Agora?

— Infelizmente sim, a equipe antidrogas está esperando somente sua permissão para invadirem uma casa — informou.

— Pessoa importante?

— Sim, empresário automotivo envolvido em um esquema de

distribuição.

— Que merda.

— O promotor ligou e pediu uma audiência de urgência.

— Essas pessoas sabem que eu sou um ser humano com necessidades básicas como por exemplo, almoçar?

Ellen riu do outro lado da linha.

— Acredito que sim.

— Mas pelo jeito não se importam — resmungo.

— Eles não sabem o que são necessidades básicas, chefe.

Era uma verdade.

Essas equipes de investigadores, advogados, delegados, promotores e toda raça que os acompanham geralmente eram compulsivos por trabalho.

— Estou indo.

Olhei frustrado para Charlotte.

— Não vai poder ir almoçar comigo — concluiu ela.

— Não, sinto muito.

— Tudo bem.

— Mas posso jantar, que tal?

— Como um encontro? — perguntou ousada.

Sorri aprovando seu jeito direto.

— Sim, às oito?

— Ótimo.

Peguei seu endereço e o número do celular antes de correr para meus compromissos. Precisava me apressar para deixar todo trabalho em ordem, para que nada atrapalhasse minha noite.

Capítulo Seis

Charlotte

Tentei ignorar minha ansiedade enquanto tomava banho. Me enxuguei devagar e escovei meus cabelos sem a menor pressa. Sabia que tentava enganar a mim mesma. Por dentro estava uma pilha de nervos. Havia muito tempo que não ia a um encontro, sem contar as tentativas frustradas de ter um namorado.

Bufei audivelmente.

Homens bons e leais pareciam ser mais raros do que imaginava, pensei.

Sorri ao me lembrar da forma que Elliot tratou o homem que o abordou no mercado. Aquela atitude gentil e prestativa mereceu alguns pontos comigo. Queria conhecê-lo mais, saber o que se esconde debaixo do seu bonito sorriso. E por mais que o conhecesse a tão pouco tempo, eu queria beijá-lo. Sentir seu toque, o calor de seu corpo. Aquela afirmação me deixou mais aflita.

Escolher o que vestir foi outro problema.

— Será que eu não uso nada além de jeans e camiseta? — murmurei mal-humorada.

Por algum milagre divino achei um vestido azul escuro que usei no último aniversário da empresa. Era bonito, simples e o que eu precisava para o

momento. Tinha um longo decote nas costas e um pequeno na frente. O comprimento ia até quase meus joelhos, não era extremamente justo, mas elegante. Fiquei aliviada.

Não era muito fã de maquiagem, mas fiz uma simples. Achar o sapato ideal foi o mais fácil, eu tinha um pequeno vício por calçados. Abusei no perfume e depois de colocar uma pulseira e um par de brincos delicados, estava pronta.

Me senti bonita ao encarar o espelho e até mesmo um pouco mais confiante.

Assustei quando a campainha tocou, Elliot deve ter conseguido subir sem ser informado. Era algo que eu tinha certeza que ele faria. Torci meus dedos nervosa e caminhei até a porta.

Quando abri não consegui esconder minha decepção. Não era Elliot atrás dela e sim, Ariel.

— Ariel?

— Santo Deus, bati na casa errada — brincou ele.

— Seu bobo, entre — convidei.

Ele acenou e me olhou com curiosidade antes de caminhar para dentro. Fechei a porta e me virei para vê-lo me encarando.

— Alguma festa? — questionou com as sobrancelhas erguidas.

Demorei um segundo para entender sua pergunta.

— Oh não.

— Então, aonde vai tão linda assim? — Sorriu, mas algo em seus olhos não me deixou confortável.

Torci levemente o nariz tentando entender a situação em que me encontrava.

— Vou à um encontro.

Seu sorriso desapareceu.

— Encontro?

— Sim.

— Com quem?

Antes que eu tivesse a oportunidade de respondê-lo a campainha tocou novamente. Voltei a abrir a porta e o encarei. Tão bonito ou mais de quando nos encontramos pela primeira vez. Um olhar suave e um sorriso lindo marcavam seu rosto.

— Como é possível ficar ainda mais linda? — brincou fazendo minhas bochechas corarem.

Praguejei mentalmente por reagir daquela forma.

— Obrigada.

— Pronta para irmos?

— Hm — mordeu o lábio inferior sem saber o que dizer.

— Algum problema?

Ele é bom em deduções, pensei.

Abri a porta um pouco mais e o olhar dele passou por cima de minha cabeça. Vi o momento em que sua expressão se fechou. Uma dureza que não conheci antes tomou suas feições.

— Doutor Harris. — Elliot disse.

O seu tom polido me deixou aflita, algo não me cheirava muito bem.

— Meritíssimo — respondeu meu amigo.

Olhei para Ariel e vi que ainda estava surpreso por descobrir com que eu iria sair.

— Somente Stabler. — Disse Elliot com certa arrogância.

— É o seu status — justificou Ariel.

Estou perdendo alguma coisa, pensei começando a me irritar.

— Não preciso dele fora dos tribunais. — O tom frio de Elliot me fez encará-lo.

— É uma questão de respeito. — Ariel disse também em um tom gélido.

— Mantenha o respeito no fórum, aqui fora sou um Stabler.

Que palhaçada era aquela?

— Seu título é muito perigoso para mantê-lo fora dos tribunais? — Ariel provocou.

Elliot não pareceu se importar.

— Não preciso me preocupar com minha segurança, senhor Harris — disse tranquilo. — Sou um Stabler e desde o dia em que nasci, sei me defender sozinho, não vai ser minha profissão que irá me fazer parar. — Elliot disse agora firme e voltou a me encarar. — Podemos ir, Charlotte?

Suspirei aliviada de sair daquela situação constrangedora.

— Sim, vou pegar minha bolsa.

— Ótimo.

Ele sorriu e cruzou os braços mostrando que iria me esperar. Acenei e corri para o quarto. A pequena bolsa preta de mão estava em cima da cama, peguei e voltei depressa, mas só encontrei Elliot.

— Seu amigo disse que depois te liga — informou ele como se adivinhasse meus pensamentos.

Dei de ombros.

Aquela não era a melhor hora para falar com Ariel. Ele parecia nervoso e

ofensivo, depois que descobriu que eu iria sair com o juiz. *Não queria estragar nossa amizade com tão pouco*, pensei.

— Elliot?

— Diga linda.

— Poderia me dizer o que foi aquela troca de farpas?

— Não foi nada.

— Tem certeza disto? — insisti.

— Sim.

Ele se aproximou e segurou meu rosto. Seu olhar estava sério, deixando-me nervosa com sua aproximação.

— Não se preocupe, tudo bem?

Suspirei.

— Não sei Elliot, ainda não entendi direito o que aconteceu aqui.

Um encantador sorriso abriu em seus lábios.

— Seu amigo ainda está bravo comigo por causa do julgamento, deve ser esse o motivo das provocações — deu de ombros.

— É sempre assim?

— Não — beijou minha bochecha. — E eu não quero estragar nossa noite falando de trabalho.

— Bem, eu também não.

O sorriso que se ergueu nos lábios dele foi tão bonito, deixou-me ainda mais encantada. Ele piscou para mim parecendo tranquilo com toda aquela situação. Segurou minha mão e me puxou para fora do apartamento.

Que eu não esteja com cara de idiota, implorei em pensamentos. Tranquei a porta e guardei a chave na bolsa. Quando chegamos na calçada do prédio sua Ferrari vermelha brilhava chamando todas as atenções para si.

— Você deveria aprender sobre discrição — murmurei.

Elliot riu e abriu a porta.

— Não existe uma gota de discrição em meu corpo, *Cha*.

— Se não tivesse falado, juro que nem teria percebido — brinco e ele ri.

Entro em seu carro e espero que ele dê a volta.

O homem era lindo até dirigindo, quis bufar com aquela afirmação, mas me mantive o admirando. A facilidade com que domava a máquina tão potente, era excitante. O ronco forte do carro combinava com o dono. Ele deixou uma mão no volante e com a outra, segurou a minha.

— Vamos ter uma noite incrível — prometeu.

— Estou contando com isto.

— Não vou te decepcionar — jurou.

Sua afirmação me deu a certeza de que ele não me ofereceria nada menos do que tinha prometido.

Nossa noite será incrível, acreditei.

O restaurante em que me levou era um dos mais famosos da cidade. Apesar da recepcionista ter se mostrado muito profissional, eu não perdi a forma que seus olhos encaravam Elliot. Para minha surpresa, ele pareceu nem perceber que ela o desejava. A mulher era incrivelmente linda, parecia ter saído de alguma revista de moda, mas Elliot nem mesmo deu um olhar em sua direção.

Nos sentamos no lugar em que ele reservou, uma mesa com a vista mais linda que já tive da cidade. O melhor vinho foi servido, assim também, como a melhor refeição.

Tudo estava perfeito.

— Você é sempre tão brava como no dia em que a encontrei? — A pergunta de Elliot tirou-me de meus pensamentos.

— Você quis dizer no dia em que quase me matou? — provoqueei.

Ele sorriu de forma jovial.

— Não foi bem assim — defendeu-se.

— E como foi? — ergui as sobrancelhas inquisitivas.

— Eu freie a tempo — argumentou.

— O que não justifica — retruquei. Ele me encarou sério e eu não aguentei segurar o riso. — Estava tendo um dia ruim — explico e bebo um pouco do vinho. — Também estava andando distraída, a culpa não foi toda sua.

— Fico feliz por isto — fez uma expressão dramática. — Não quero ser processado por falta de atenção ao volante. — Rimos. — Você tem um temperamento forte Charlotte?

— Talvez um pouco. — Respondi cautelosa. Elliot ergueu uma sobrancelha. — Tudo bem — revirei os olhos. — Assumo que sou uma pessoa de temperamento forte — afirmei. — E penso que talvez você também tenha.

— Oh! com toda certeza sim.

— Nem tenta esconder.

— Não sei se sabe, mas tenho mais dois irmãos e uma irmã caçula.

— Não sabia.

Elliot revirou os olhos fazendo-me gostar mais dele.

— Não assiste programas de fofocas?

— Não tenho tempo para isto — justifiquei. — Ouvi falar do seu

sobrenome algumas vezes, mas nunca dei muita importância.

— Sou o mais bonito dos trigêmeos Stabler — afirmou presunçoso.

— Acredito que o mais modesto também.

— Claro — sorriu. — Acho que o mais calmo seria Ethan, faz parte da personalidade dele — contou. — Mas nunca provoque um Stabler, todos temos sangue quente, nenhum consegue escapar.

— Vou me lembrar disto.

Rindo ele mudou de assunto.

— Como está sendo nosso encontro para você?

— Até agora perfeito.

— Fico feliz, nunca levei uma mulher a um encontro.

— Você já as leva direto para cama, seu safado — acusei.

— A *Quinta Emenda* é uma ótima opção para o momento — respondeu, dei uma risada.

— Quer que eu diga os seus direitos? — Perguntei.

Ele piscou para mim.

— Não será preciso minha linda — disse tranquilo. — A conheço e uso muito bem quando é necessário.

Rimos.

Estava amando aquele tempo com ele.

Elliot pegou minha mão sobre a mesa e eu encarei seus olhos.

— Não saberia explicar o porquê me sinto tão atraído por você — comentou. — Desde o momento em que a vi, Charlotte, algo mudou. Algo dentro de mim mudou e eu gostaria muito de descobrir o que é, se você aceitar sair comigo mais vezes.

Capítulo Sete

Charlotte

Um alívio passou por meu corpo ao ouvir as palavras de Elliot, sinceridade brilhava em seus olhos. Algo dentro de mim também tinha mudado no segundo em que o conheci, mesmo que as circunstâncias não tenham sido agradáveis. Como quase ser gravemente ferida em um atropelamento, mas olhar seu sorriso maroto me fazia esquecer qualquer incidente anterior.

O jantar passou mais rápido do que eu desejava. Queria passar ainda mais tempo com ele, mas o tempo não queria colaborar.

— O que quer de sobremesa? — Ele perguntou.

Olhei o menu e fiz o meu pedido, mas estranhei o fato dele não querer sobremesa.

— Diga-me o motivo de você querer pular a melhor parte do jantar.

— Vou te levar para sair mais vezes — afirmou brincando. — Não sou muito fã de doces.

— Eu deveria perguntar o motivo? — Arqueie uma sobrancelha curiosa.

— Meu irmão, Abner, é diabético.

— Sinto muito.

— Obrigado, nós três crescemos com uma alimentação muito saudável.

— Tudo por causa do seu irmão?

— Sim, nossos pais não queriam que todos tivéssemos a doença — explicou. — Além disso, teve o fato de que não queríamos magoar Abner comendo coisas que ele não poderia.

— Muito bacana.

— Jamais poderíamos deixá-lo com vontade de comer um chocolate ou qualquer outro doce — deu de ombros.

— Bonito esse cuidado de irmão.

Elliot sorriu e orgulho se mostrou em suas feições.

— Somos muito unidos, Charlotte — afirmou. — É como sempre digo, ainda existe um cordão umbilical nos unindo.

— Tenho uma irmã, somos bem unidas, mas acredito que você me supera — contei.

— Talvez seja coisa de gêmeos, ou no nosso caso, trigêmeos.

— Quando um não está bem, você sente isto? — perguntei curiosa.

— Sim, mais do que poderia imaginar — balançou a cabeça. — Às vezes não é muito bom, esse cordão umbilical não respeita os segredos dos outros.

Rimos.

— Me dê um exemplo — pedi.

— Pensei em você a semana inteira.

— E? — questionei sem entender.

Ele revirou os olhos parecendo impaciente.

— Abner e Ethan vieram me perguntar qual era o meu problema. — O encarei em silêncio, tentando entender seu raciocínio. — Não disse a ninguém que a conheci, que queria voltar a vê-la — explicou. — Mas eles vieram me falar que eu deveria ir atrás daquilo que estava me incomodando.

— Uau.

— Viu? — Elliot sorriu. — Esse cordão umbilical não respeita os segredos dos outros.

— Mas isto é legal — protestei.

— Até o ponto onde não é o alvo desse intrometimento — brincou.

— Tem algum ponto negativo? — perguntei ainda curiosa. — Algo que você não gosta desta ligação.

— Não — negou rapidamente. — Acredito que se não fosse assim não seríamos irmãos, trigêmeos.

— Nossa.

— Se eu perdesse um deles, seria como me arrancar um braço ou uma

perna — confessou sem se importar em demonstrar a dimensão de seus sentimentos.

— Nunca vai acontecer. — Afirmando vendo um leve traço de medo nos olhos dele, Elliot suspirou.

— Desculpe, só me lembrei de algo ruim.

— Já chegou ao ponto de quase perder um deles?

— Sim — murmurou. — Abner uma vez foi sequestrado e quase morreu — contou. — Eu me sentia como se um grande pedaço do meu coração tivesse sido arrancado.

Lágrimas brilharam em meus olhos, mas ele logo as puxou de volta. Estendi minha mão sobre a mesa e segurei a dele.

— Não vai perdê-los, tenho certeza disto.

— Não vou — afirmou.

Um garçom apareceu com o meu pedido de sobremesa, lambi os lábios ansiosa para experimentar o doce. Assim que coloquei a colher na boca gemi em apreciação.

— Estou com inveja. — Elliot disse.

— De que?

— Deste doce.

— Por quê?

— Você o saboreou como se fosse o melhor de todos os tempos.

— É verdade — afirmo. — O sabor está incrível.

Levei a colher na boca novamente e gemi deliciada com o gosto.

— Não gеме assim. — Elliot pediu baixinho.

— Quer um pouco?

Podia ver a malícia em seus olhos e não conseguia nem imaginar o que ele estava pensando. Se inclinou de leve em minha direção e sua boca encontrou a minha.

Elliot mordiscou meu lábio inferior e o puxou devagar, sem desviar os olhos. Segurou minha nuca e me beijou. Foi lento e sensual. Sua boca se movia sobre a minha sem pressa e sua língua me explorava, degustando-me, como se fosse aquela sobremesa que eu estava comendo.

Quando ele se afastou, eu estava sem fôlego e totalmente excitada. Nunca tinha sido beijada daquela forma. Meu corpo tremia desejando mais daquele contato tão íntimo.

— Realmente, o sabor está incrível. — Elliot sussurrou.

Um arrepio passou por minha pele.

Depois daquele momento eu mal pude me concentrar.

Terminei a sobremesa sobre o seu olhar atento. Depois Elliot me levou de volta para seu carro. Parou na porta do meu prédio e subiu comigo. Abri o apartamento e assim que entramos, fui empurrada em direção a porta, agora fechada. Arfei surpresa e aquela foi a brecha que sua língua precisava para se aventurar dentro da minha boca.

Suas mãos subiram por minhas pernas e as puxou para sua cintura. Gemi alto ao senti-lo pressionar no meio de minhas coxas, agora muito sensível. Correspondi seu beijo no mesmo nível, nos deixou um pouco mais loucos e descontrolados.

Arrastei minha boca para longe da dele e ele não parou, foi para o meu pescoço e me apertou mais contra a porta.

— Elliot.

— Estou louco por você — confessou.

— Elliot. — Sua mordida no meu pescoço me fez estremecer em prazer.

— Elliot.

— Diga linda.

— Temos que parar.

Ele congelou por alguns segundos e logo depois, seu olhar encontrou o meu.

— Temos?

— Sim.

Claro que eu estava indecisa sobre pará-lo, mas ainda era o nosso primeiro encontro. Nunca tinha ido para cama com um homem tão rápido assim, precisava um pouco de tempo. Porém, Elliot era do tipo que quando nos olha qualquer outra coisa ou pensamento perde o sentido.

Frustração era fácil de ver em sua expressão, mas também podia ver que nunca insistiria em algo que lhe foi dito para parar.

— Tudo bem — acenou.

Lentamente desceu minhas pernas de sua cintura, mas gemeu frustrado olhando para a própria virilha. Mordi o lábio inferior, divertida com sua expressão. Um grande volume marcava à frente de seu jeans.

— Sinto muito, eu só... — me calei sem saber explicar.

— Não me conhece direito — completou ele.

— Sim, me desculpe.

— Não tem problema, eu realmente te entendo, apesar de que estou louco para tirar suas roupas — respirou profundamente.

Cor atingiu minhas bochechas com o seu jeito grosseiro. Elliot riu e me puxou para o sofá.

— Estou sendo rude com minhas palavras, desculpe.

— Tudo bem.

— Segunda agitada, não?

— Demais — murmurei. — Conseguiu resolver todos os imprevistos de hoje de manhã? — fiquei aliviada de conseguir mudar o assunto.

Meu coração agradecia por conseguir desacelerar aos poucos.

— Sim — bufou levemente. — Ellen não pode me ver fora do seu radar que já me arruma trabalho.

— E a culpa é dela?

— Claro — respondeu fingindo ofendido. — Ela é quem corre atrás de mim como um cão do inferno e não me deixa dizer não. Ele ri, mas eu senti uma pontada de ciúmes. — Aquela mulher nem parece ter cinquenta anos com aquele pique todo — disse distraído.

Um alívio me percorreu em saber que não era nenhuma mulher nova que queria ou tinha caído na cama dele.

— Maldade chamá-la de cão do inferno.

— Diz isto porque não é você quem ela persegue — apontou.

— Bobo — rio. — No mínimo você deve ser o próprio demônio.

— Algo do tipo — deu de ombros e depois riu alto. Revirei os olhos e comecei a tirar a sandália. — Eu faço isto — ofereceu rapidamente.

— Continua querendo tirar minhas roupas? — ergui uma sobrancelha.

— Desde o dia em que te conheci — afirmou.

— Elliot! — exclamei.

— Quê? — fez cara de inocente. — Você é uma mulher linda, de parar o trânsito — riu. — Literalmente.

Ele colocou meus pés sobre suas coxas e desabotoou uma sandália.

— Eu não parei o trânsito, foi você — O corriji.

— Por sua causa — retrucou como se fosse obvio.

— Só porque tentou me matar — acusei.

— Não vai me deixar esquecer isto, não é? — questionou.

— Claro que não, foi assim que eu o conheci — afirmei.

Ele jogou minhas sandálias no chão e me puxou para seu colo.

— Também nunca vou me esquecer, se não fosse por aquele pequeno descuido, nunca teria a conhecido.

Abraço seu pescoço.

— Você vai roubar meu coração, Elliot — afirmei séria.

— Vou, mas não será a única coisa que irei roubar de você.

— Não?

— Não — afirmou com muita certeza. — Irei roubar seus beijos, seus pensamentos, seu corpo e até sua alma — prometeu.

Prendi o ar com a intensidade de sua palavra.

— E o que vou ganhar em troca de perder tudo isto para você?

— O mesmo e até algo a mais — garantiu.

— E o que seria este algo a mais?

— Meu sobrenome, se quiser. — Sua mão fez um carinho em meu rosto.

— Vou tê-la toda para mim, Charlotte, só preciso ser paciente.

— E você tem toda essa paciência?

— Não. Não mesmo — riu. — Você tentaria até um santo.

— Desse mal ninguém poderia te acusar, não tem uma gota de santidade em você — brinquei.

— Por isto é mais difícil para mim.

Sorri concordando e ele me beijou novamente.

Capítulo Oito

Charlotte

Encostei na porta assim que Elliot foi embora. Meus lábios dilatavam, inchados de seus beijos, e meu corpo tremia em uma necessidade nunca experimentada antes. Tínhamos ficado por um longo tempo no meu sofá trocando beijos, um mais quente do que o outro.

Mas ele não ultrapassou os meus limites.

Não insisti em me levar para a cama.

Por mais tola que minha decisão possa parecer, era o melhor para o momento. Eu não queria sexo casual, mesmo que fosse com Elliot Stabler. Era o meu corpo e merecia ser tratado com respeito e preservação.

Não queria um caso de uma noite ou alguém que machucasse meu coração. O único problema é que não sabia quanto tempo iria aguentar manter Elliot longe da minha cama. Algo que minha determinação não parecia muito disposta a ajudar.

Tranquei a porta e fui para o quarto.

Tirei as roupas e tomei banho para ver se ajudava a resfriar minha pele em chamas. Sentia-me tão excitada que não resisti e me toquei. O prazer veio tão rápido que a frustração até mesmo aumentou.

— Bem feito, Charlotte, quem mandou ser besta — xinguei.

Ouvi meu celular tocar, bufei por ter que me levantar para procurar o aparelho. O encontrei na sala ainda na bolsa que estava jogada no chão.

— Oi, Ariel.

— Você está saindo com aquele juiz idiota! — sua voz exaltada me irritou.

— Ariel — tentei falar, mas ele me interrompeu.

— Aquele playboy do caralho, quando ia me contar?

— Na hora que parasse de gritar comigo — retruquei brava.

— É o que merece por sair com um imbecil.

— Ariel, eu não tenho que ficar justificando qualquer coisa que eu faço para você — apontei.

— Quando o conheceu? — perguntou parecendo mais calmo.

— Uma semana atrás.

— E você não me falou nada quando conversamos sobre o julgamento.

— Não sabia que era a mesma pessoa.

— QUANTOS STABLES VOCÊ ACHA QUE EXISTE?

— Você é um idiota — afirmei.

— Charlotte, ele ainda está aí? — questionou. — Vai dormir com esse maldito?

— Vá se ferrar e quando aprender a lidar com a própria merda, me ligue.

— Não desligue — ordenou.

— Vai fazer o que? — questionei com ironia. — Bater o pé igual uma criança birrenta? Vá para o inferno e deixe de ser cretino.

Meu rosto ainda queimava em raiva quando desliguei. Nossa amizade não lhe dava o direito de interferir em minha vida ou de opinar com quem saio. Se nem meus pais, os únicos que realmente podiam fazer isso, não faziam, o que dirá ele. Imagine se eu deixaria qualquer um se intrometer desta forma.

Furiosa me deitei e tentei relaxar para dormir, mas a raiva ainda borbulhando em mim não cedeu com tanta facilidade.

...

Ouvir o celular despertar me deixou mal-humorada, ainda era terça-feira e eu estava com vontade de não sair de casa por pelo menos três dias.

No entanto, não tinha para onde correr, que não fosse o trabalho. Meu humor não permitiu me arrumar demais. Jens, camisa de malha e tênis foi tudo o que consegui às cinco da manhã. A loja do supermercado abria as sete e eu precisava chegar sempre antes. O que significava acordar muito cedo para cobrir meu turno.

As horas passaram tão devagar que quis gritar de frustração. Estava cansada de andar de um lado para o outro resolvendo problemas. O dia estava infernal e parecia somente piorar. Comecei a implorar em pensamentos pelo horário de almoço. Seria a hora mais tranquila do meu dia quando me escondesse em algum canto onde ninguém pudesse me encontrar.

Quase dei pulinhos de felicidade quando o outro gerente chegou para iniciar seu turno e eu pude sair. No restaurante/lanchonete do supermercado fiz meu pedido, já procurando pelo local mais distante de todos os olhares.

Peguei minha bandeja e segui para a última mesa. Sentei e suspirei aliviada em poder descansar um pouco as pernas. Distraída comecei a comer minha refeição e não percebi a aproximação dele, mas seu cheiro não passou despercebido.

Levantei o olhar e o encontrei sorrindo para mim.

— O que faz escondida aqui? — perguntou e se sentou na minha frente depois de deixar o terno nas costas da cadeira.

— Pelo jeito, nem tão escondida assim — resmunguei, Elliot riu. — Estava tentando não ser vista — conto.

— Não está conseguindo — riu.

— Foi o que percebi — bufo. — Já almoçou?

— Não.

Olhei para garçonete se aproximando e ergui uma sobrancelha.

— Vou lhe fazer companhia, a comida daqui parece maravilhosa. — Ele disse.

A garçonete lhe entregou seu prato e me encarou.

— O chefe estava te procurando, Charlotte. Enruguei o nariz e ela riu. — Não vou contar— prometeu.

— Obrigada — suspirei.

Quando ela se afastou voltei a olhar Elliot que já estava comendo despreocupado da vida. O local onde estávamos não chegava nem aos pés do restaurante onde me levou, mas ele parecia não se importar. Aparentava estar confortável em um ambiente simples como aquele.

— Diga-me *Cha*, por que está querendo não ser vista?

— Dia infernal.

— E?

Acenei com a cabeça para onde o dono do supermercado caminhava em minha direção acompanhado de um dos vendedores.

— Entendi. — Elliot murmurou.

— Charlotte desculpe atrapalhar seu almoço. — Roriz diz.

— Tudo bem, Roriz — aceno.

Ele estende a mão para Elliot.

— Como vai? — Perguntou a ele.

— Bem, obrigado. — Elliot respondeu gentilmente.

Roriz voltou a me encarar.

— Preciso que arrume a melhor ponta de exposição que temos para Dantas, vamos colocar os produtos dele de promoção e quero que tenha uma boa saída — informou.

— Claro — concordei.

— Bom, falo com você assim que terminar de almoçar.

Ele saiu falando com Dantas e eu suspirei.

— Agora eu te entendo.

Olhei confusa pra Elliot.

— O que?

— De não querer ser vista.

— Pra você ver o que eu passo — brinco.

— Quer fugir, eu te ajudo? — Elliot brincou.

— Adoraria, mas ainda tenho contas pra pagar.

Ele riu concordando.

— Sempre assim? — perguntou referindo ao trabalho.

— Sim.

— Mas você não faz horário de almoço?

— Faço, às vezes, mas nem sempre consigo — dei de ombros. — Mesmo tendo outros gerentes me cobrindo, muitos preferem que eu dê alguma assistência por ser a gerente geral da loja.

— É direito seu descansar durante o almoço — disse sério.

— Eu tento.

— Isto parece muito trabalhoso e cansativo.

— Mais do que imagina.

— Por que não almoça em outro lugar? — perguntou curioso.

— Sinceramente?

— Por favor.

— Preguiça.

Elliot me olhou feio e voltou a dar atenção ao seu prato.

— Moro longe daqui e precisaria de pegar o metrô — suspirei. — Gastaria muito tempo e me deixaria ainda mais cansada, gosto da comida daqui e ir em um restaurante próximo não os manteria longe por muito tempo. — Peguei meu suco e bebi. — Sem contar que meus pés e pernas estão sempre

doloridos — conto. — Então prefiro um lugar mais perto para sentar.

— Posso fazer uma massagem — ofereceu.

— Não diga isto, posso aceitar.

— Essa é a intenção.

O olhar dele dizia mais do que suas palavras.

Um arrepio passou por minha coluna quando me lembrei de seus beijos na noite anterior. Pensando em tudo o que experimentei ao seu lado, decidi não ouvir a razão.

— Adoraria, te espero hoje à noite.

Ele me encarou por alguns segundos, buscando ver se eu estava falando a verdade ou somente flertando com ele.

— Vou te fazer relaxar, tenha certeza disto — prometeu.

Capítulo Nove

Elliot Stabler

Fiquei com Charlotte por mais meia hora antes de ir embora, nós dois precisávamos voltar ao trabalho. Jay me acompanhava com uma expressão fechada, eu sabia que ele não gostava quando ficava em locais muito público. Dificultava o seu trabalho e automaticamente me colocava em perigo.

No entanto, neste momento eu não me importava. Passar um tempo com ela sempre fazia qualquer outra coisa perder o sentido. O que chegava a ser interessante, já que eu nunca tinha me colocado em nenhum risco antes. *Muito menos por mulher*, acrescentei em pensamentos.

Voltei ao trabalho, ansioso para o dia acabar. Queria ir logo me encontrar com Charlotte e fazê-la relaxar como havia prometido, mas claro que o trabalho não facilitou nenhum pouco, ele acumulou depois de ter tirado algumas horas da manhã escalando com meu pai.

Para piorar eu estava com uma sensação estranha no peito. Procurei por Abner, mas ele não pôde me atender e Ethan não estava mais no prédio.

Tinha algo acontecendo que me deixava incomodado. Assim que consegui me livrar de minhas obrigações corri para a casa dos meus pais. Sabia que de alguma forma que encontraria Ethan lá, poderia ligar para saber o que tinha

de errado, mas o estranho daquilo era que eu não quis.

Estacionei o carro ao lado do de Ethan, podia ver a equipe de Alice também por perto. Peguei meu celular e caminhei rápido para dentro da casa, na sala encontrei o que estava me incomodando.

Meu irmão estava sentado no sofá com Alice deitada em seu colo. Podia ver a preocupação no rosto dele e aquela sensação de mal-estar pareceu piorar.

— Já me trocou pirralha? — Perguntei anunciando minha chegada.

— Nunca. — Alice disse.

Sua voz estava rouca e o nariz avermelhado.

— E eu aqui cuidando de você, para me trocar assim. — Ethan disse ciumento.

— Amos todos vocês igualmente. — Alice afirmou e espirrou.

Agachei perto dela e beijei sua testa quente.

— Nada disto — nego. — Quero ser mais amado do que os outros.

— Você é tão bastardo, Elliot. — Ethan bufou.

— Somos, irmão, somos. — Digo e volto a colocar meus lábios sob a testa de Alice. — Você está com febre — afirmei o óbvio.

— Eu sei.

— Vamos ao hospital para que eu veja você tomar uma injeção? —
questionei.

— Ainda não — respondeu rindo.

— Estamos aguardando a farmácia, mamãe disse que não iria demorar —
informou Ethan.

Ouvi o barulho dos sapatos dela se aproximando e me levantei.

— Oi, meu filho.

— Oi, mãe. — Beije seus cabelos e ela sorriu. — Não acha melhor que a
gente leve Alice ao hospital? — Perguntei preocupado.

— Vamos esperar mais um pouco, deixe-a tomar os remédios que pedi e
se não melhorar arrastamos ela para o hospital.

— Tem certeza? — questionei inseguro.

Não era comum Alice ficar doente, acho que era a mais resistente de
todos. Não conseguia me lembrar da última vez que a vi assim, tão gripada.

— Tenho. — Minha mãe se aproximou dela e mediu sua temperatura. —
Está alta, mas logo vai abaixar.

Beijou Alice na testa e se afastou.

Rose apareceu na sala com um pacote da farmácia e um grande copo de
água. Alice tomou os comprimidos e voltou a se deitar. Sentei no sofá e puxei

os pés dela para o meu colo. Os massageei de leve e Ethan fez carinho em seus cabelos. Ficamos assim por um bom tempo, falando algumas besteiras e a distraíndo.

Percebi que Alice havia ficado quieta, ao olhá-la a encontrei dormindo. Ethan também tinha percebido isso, e nos encaramos por um breve momento. Estávamos preocupados com ela, isso era visível.

— Deve ser os remédios. — Ele disse e eu acenei concordando.

Ouvi passos se aproximando, Abner vinha com uma expressão preocupada no rosto. Eu sabia que ele estava ali por também sentir que havia algo errado. A prova disto era que Carol e Arthur não estavam com ele. Abner nunca ficava muito tempo longe de sua família.

— O que aconteceu? — Perguntou e franziu a testa.

— Ela não está muito bem — conto.

— Gripe. — Ethan o informa.

— Por que não a levaram para o hospital? — Perguntou sério.

— É só uma gripe. — Minha mãe disse voltando para a sala.

Abner a abraçou e ela sorriu o tranquilizando.

— Ela vai ficar bem — garantiu. — Carol e Arthur?

— Os deixei em casa vendo filme.

Ele se sentou na minha frente junto com nossa mãe e parecia cansado.

— Carol anda dando muito trabalho? — perguntei rindo.

Abner me olhou feio e Ethan riu.

— Carol grávida sempre deixa nosso irmão um bagaço. — Ethan brincou.

— Pelo menos não começou com os desejos insaciáveis por pêssego — lembro rindo e Ethan concorda.

— Agora é laranja. — Abner resmunga e esfrega o rosto, rimos. — Minha geladeira só tem laranjas, não cabe outra coisa — contou.

— Pelo menos é fácil de encontrar. — Minha mãe disse rindo.

— Algo a se considerar. — Ethan falou.

— Daqui uns dias ela vai estar amarela igual uma laranja. — Abner sorriu de leve.

— Diga isto a ela — desafio.

— Eu não, deixe ela tomar quanto suco quiser. — Abner fez uma careta.
— Mesmo que eu tenha que acordar de madrugada para fazer.

— Os desejos loucos começaram? — Nossa mãe perguntou.

— Sim, só que desta vez vem sempre acompanhado de suco de laranja.

Rimos da expressão de Abner, mas eu não perdia a leve preocupação que dançava em seus olhos. Meu irmão estava preocupado com a gestação da

esposa e não queria falar para ninguém. Podia sentir sua preocupação. Carol tinha ficado em coma depois de dar à luz ao Arthur, o que assustou toda a família.

Abner me encarou nos olhos e soube o que eu estava pensando. Ele acenou de leve mostrando que não deveria me preocupar, mas nós dois sabíamos que não era assim que as coisas funcionavam. Também tinha a certeza de que Ethan sentia a mesma aflição.

Acenei de volta e voltamos a conversar. Não importa o que acontecesse, encararíamos juntos como sempre fizemos. Olhei para Ethan e vi a mesma certeza nele. Abner levou Alice para o quarto para que pudesse descansar e depois voltou para a sala.

Meu pai chegou alguns minutos depois e ficamos todos ali por um longo tempo, esperando que Alice acordasse melhor. Caso sua febre não abaxasse estaríamos todos prontos para levá-la ao médico.

Capítulo Dez

Elliot Stabler

Gemi em frustração olhando o relógio em meu pulso. Estava quase dando meia noite e eu não sabia se deveria ir ver Charlotte. Estava tarde, mas tinha prometido que iria vê-la. Só de pensar nesta promessa meu corpo reagiu instantaneamente. A queria tanto que chegava a doer.

A ideia de tê-la toda para mim, fez ser fácil tomar uma decisão.

Dei seta e girei o volante na direção do prédio dela. Precisava vê-la imediatamente. Estacionei meu carro e assim que sai, joguei a chave para Jay, ele o levaria para uma garagem segura até que eu estivesse pronto para pegá-lo novamente.

O porteiro acenou e abriu o portão, por sorte, ele tinha me reconhecido como juiz e depositado sua confiança em mim. O agradei e subi as escadas o mais rápido que consegui. Ansiedade estava instalado dentro de mim. Cada degrau me levava para mais perto dela.

Meu coração batia tão rápido que eu mal podia controlar.

Quando parei na frente de sua porta esperei por uns dois minutos. Acalmei minha respiração e tentei relaxar os músculos. Apertei a campainha e esperei por um tempo. Toquei uma segunda vez e ouvi a voz de Charlotte.

Quando a porta se abriu, perdi qualquer capacidade motora. Era a mulher mais linda que já tinha visto em toda a minha vida. Os cabelos negros selvagem ao redor de seu rosto sonolento. Uma fina camisola preta cobria seu delicioso corpo até o meio de suas coxas e seus pés descalços.

— Elliot?

Não a respondi, estava hipnotizado por sua beleza.

Ela bocejou e pareceu tão natural que me fez perder o ar.

— Achei que viria mais cedo — murmurou.

Saindo do meu estado de congelamento, respirei fundo e agarrei sua cintura. Juntei seu corpo ao meu, ela arregalou os olhos surpresa e antes que pudesse protestar, a beijei.

Charlotte arfou dando espaço para minha língua e eu não perdi a oportunidade. Levei nós dois para dentro e empurrei a porta com o pé. Tranquei, virando a chave, sem desgrudar minha boca da dela.

A apertei contra a parede e suas pernas enrolaram em minha cintura. Sem resistir, levei minhas mãos em suas coxas e as deslizei até sua bunda nua. Afastei minha boca e a encarei ofegante.

— Sem calcinha?

— Não uso para dormir. — Respondeu e puxou o ar com força.

— Se eu sobreviver até de manhã se prepare mulher, porque nunca vou te largar.

— Acho bom.

Minha boca voltou encontrar a dela, com mais fome do que antes, sentindo a necessidade do prazer dez vezes mais forte. A noite estava somente começando para nós dois e eu não pretendia parar tão cedo.

Meus dedos encontraram o ponto mais sensível dela, massageei devagar e *Cha* gemeu em minha boca. Desci meus lábios por seu pescoço e tentei alcançar seus seios. Ela os ofereceu de livre espontânea vontade quando empurrou o decote de sua camisola para baixo, deixando-os expostos para mim.

Aquele foi só o começo.

A torturei tanto contra aquela parede que Charlotte não pode resistir ao prazer que invadiu seu corpo. Nossas roupas foram caindo pelo caminho do seu quarto e quando a deitei em sua cama, já estava completamente nu. Depois de nos proteger com um preservativo, mergulhei para dentro dela.

Nossos gemidos se tornaram um só.

Nosso suor cobria um ao outro com uma leve camada.

Nossos corpos se encaixam com perfeição.

Éramos um só, naquele instante de união.

Tão intimamente como poderia ser, assim como o mar profundo de sensações que nos envolvia. Não costumava ver o sexo como algo bonito e diferente. Para mim sempre foi carnal e adoravelmente pecaminoso. No entanto, com Charlotte, descobri um novo significado. O prazer parecia mais intenso, os beijos mais enlouquecedores e os toques mais sublimes.

Mal podia respirar quando gozei, um grande formigamento de prazer atravessou cada célula do meu corpo. Arrebatando-me com intensidade.

Encarei Charlotte, seus olhos ainda estavam nublados pelas sensações que experimentou. Seu olhar de chocolate era tão lindo. Os lábios inchados a deixavam ainda mais encantadora, assim como sua pele avermelhada.

A beijei, desta vez delicado e carinhoso, antes de me jogar ao seu lado.

— Que bom que veio. — Ela murmurou.

— Que bom que vim — concordei. Se enrolou em mim e descansou sua cabeça no meu peito. — Desculpe por demorar, tive um imprevisto.

— Poderia me dizer qual foi? — perguntou curiosa.

— Minha irmã, Alice, estava se sentindo mal, fiquei com ela até que se sentisse melhor.

— O que ela tem?

— Gripe, coitada estava horrível.

— Não disse isto a ela né?

— Algumas vezes.

— Você é terrível Elliot.

— Mas é a verdade, ela estava com uma cara horrível — rimos. — Pena que não me deixou levá-la ao médico, adoraria vê-la tomando uma injeção.

— Elliot!

— Alice é uma pequena praga.

— Coitada.

— Você diz isto porque não a conhece.

— Pelo jeito você não é muito diferente.

— Nunca disse que era. — Charlotte riu alto e eu me inclinei sobre ela. — Você é linda.

— Você que é.

— Eu sei, tenho espelho em casa — brinquei.

Ela gargalhou.

— Como é convencido!

— Sou realista, bem diferente.

Sua mão deslizou no meu rosto e parou em meu cabelo.

— Não vou mais te elogiar.

— *Ahh* por quê?

— Você tem um sério problema de ego.

— Isto é uma mentira, meu ego não é tão grande assim.

Ela arqueou uma sobrancelha para mim, adorava quando fazia isto. Mostrava tanto de sua personalidade forte.

— Tem certeza?

— Tudo bem, talvez seja um pouquinho grande.

Charlotte revirou os olhos e rimos. Seus dedos se fecharam em meus cabelos e me puxou para mais perto. Um arrepio de tesão me atravessou. O olhar selvagem dela me fez ficar duro imediatamente.

— Beija-me e não pare.

— Nunca poderia parar.

Meus lábios se chocaram com os dela, aquele era somente o início da nossa noite.

Capítulo Onze

Elliot Stabler

— Não vai atender? — murmurei para Charlotte.

O celular dela estava tocando a uns cinco minutos e ela nem se moveu. Eram três da manhã e eu me preocuparia se estivessem me ligando neste horário. Só poderia significar problemas. Continuei fazendo carinho em suas costas e ela se esticou para pegar o aparelho. Olhou a tela e rejeitou a chamada.

— Não é importante? — perguntei.

— Não — bocejou. — É Ariel querendo me irritar.

— O que a pequena sereia quer com você a esta hora? — perguntei sentindo o ciúme se espalhar.

Ela riu de leve e não se moveu.

— No mínimo, gritar comigo por estar saindo com você.

Fiquei tenso.

— Ele gritou com você por ter saído comigo?

— Sim, como se tivesse algum direito sobre mim — respondeu sonolenta.

Queria render a conversar e insistir que ela me dissesse o que mais tinha

acontecido com a pequena sereia, mas me mantive de boca fechada. Charlotte estava visivelmente cansada e não queria estressá-la com o assunto.

O advogado não deveria ter tentado se meter no meu caminho. Isto só me atijou a descobrir tudo o que ele esconde. Peguei meu celular e mandei uma mensagem para Marcelo, queria saber tudo sobre a pequena sereia. Não lhe daria a oportunidade de tentar me prejudicar, estaria um passo à frente agora que tive a certeza de que ele queria dela mais do que amizade.

Sempre um passo à frente.

Acordei algumas horas depois sentindo o leve cheiro de morangos que vinha da pele dela. Estávamos de conchinha e tenho que confessar que desejei acordar mais manhãs como aquela. Tão perto quanto possível, sentindo o calor e o cheiro de sua pele.

Beijei seus cabelos antes de me esgueirar para fora de sua cama. Tomei uma rápida chuveirada e quando voltei para o quarto ela ainda estava dormindo. Eu não poderia ficar muito tempo, já que minha agenda começava às nove, mas tentaria aproveitar o pouco de tempo que me restava com Charlotte.

Achei minha boxer perto da porta do quarto, vesti e fui para cozinha. Encontrei um passarinho andando no chão e por pouco não pisei nele.

— De onde você veio amigo?

Franzi a testa confuso, ao ver que as janelas estavam todas fechadas. Na área de serviço achei uma grande gaiola no chão.

— Então essa é a sua casa.

O passarinho me ignorou e continuou andando pelo espaço.

— Não quer conversar, entendi.

Voltei para cozinha e abri a geladeira.

— Como ela consegue estar em forma comendo tantas besteiras? — perguntei olhando a quantidade de besteiras que enxiam a geladeira. — Vou ter que improvisar.

Meia hora depois, eu tinha uma mesa pronta para o desjejum. Não era nada do que estava acostumado, mas dava para o gasto. Dona Anne sempre tinha a melhor salada de frutas pronta para mim, assim como um cappuccino.

Meu celular começou a vibrar em cima da bancada, enxuguei a mão no pano de prato e o atendi.

— Fala meu nego.

— Dispensó qualquer intimidade, Elliot — Jay disse do outro lado da linha.

— Tem certeza? — brinquei.

— Sim. — disse e eu sabia que fazia uma careta de nojo. — O Senhor

Harris está subindo.

— Pequena sereia tem acesso livre para subir?

— Quem?

— Ariel Harris, Jay — expliquei. — Ainda está dormindo? O homem tem nome da sereia.

— Não sei nem o que responder a isto, mas o homem deve estar chegando na porta.

— Bom, estou pronto para socá-lo.

— Elliot, precisa de reforço?

— Não, ainda consigo me defender de uma pequena sereia tão indefesa como esse idiota.

A campainha soou e eu trinquei meus dentes.

Desliguei a chamada e caminhei para a porta. Abri sem me importar em colocar roupas, eu queria que ele visse que tinha passado a noite ali e aprendesse a lidar com minha presença, mesmo que precisasse bater nele. Porque eu não estava abrindo mão de Charlotte.

O homem não escondeu a surpresa em me ver, seus olhos arregalaram e depois sua expressão se fechou. Raiva brilhou em suas feições e eu sorri despreocupado.

— Bom dia, Harris, precisa de alguma coisa? — perguntei arrogante.

A arrogância estava infiltrada no sangue dos Stabler, difícil resistir a ela.

— O que faz aqui? — perguntou puto da vida.

— Até onde me lembro, não te devo nenhuma satisfação.

— O que fez com Charlotte? — questionou. — Não é possível que ela tenha passado a noite com você.

— Por livre e espontânea vontade? — interrompi sério. — Quer que eu lhe conte o que fiz com ela?

Ele endureceu as feições e deu um passo à frente. Não me senti intimidado, pelo contrário. Estava furioso por dentro pela possibilidade que ele levantou. Jamais abusaria de uma mulher e somente a suposição dele acendeu a raiva dentro de mim.

— Acredita que eu precise forçar alguma mulher? — perguntei bravo. — Cuidado com suas acusações, Harris.

— Está me ameaçando?

— Entenda como quiser, mas dê o fora daqui.

— Você não pode me impedir de entrar.

— Tem certeza?

— Quero falar com Charlotte e não vou sair até que consiga.

— Ela estar dormindo.

— Eu espero.

— Qual é a sua Harris? Liga de madrugada, aparece de manhã — cruzei os braços.

— Qual é a minha? Oh não, a pergunta é, qual é a sua? — bradou. — Acha que não conheço sua fama? Usá-la foi divertido? Quando se cansar, sou eu quem vai estar aqui para ampará-la.

Aquele tinha sido o ponto de ruptura da minha paciência. O homem achava que eu lhe daria a oportunidade de se aproximar dela, estava tão enganado. Segurei sua gola e o empurrei na parede da frente do corredor. O ergui, ele arfou sem ar.

— Primeiro, fale baixo comigo — digo irritado. — Segundo Charlotte é minha e não sua, então, não acredite que eu irei deixá-la para ser consolada por você.

— Solte-me — gritou.

— Mande falar baixo — rosno furioso. — Não se meta na minha vida e nem tente me dizer o que fazer, você não me conhece.

Não me importe em ameaçá-lo.

— Que porra é esta?

A voz irritada de Charlotte soou atrás de mim.

Ah merda!

— Solte ele, Elliot! — Ela ordenou. Soltei Harris e o empurrei no chão. — Pare com isto, ficou louco? — questionou Charlotte.

Ela passou por mim como furação, vestia minha camisa e mal estava abotoada direito. Tive vontade era de jogá-la de volta no quarto, ciúmes inflamava em mim tão forte que me senti a beira do descontrole.

— Não deveria me ameaçar e nem tocar em mim Stabler. — Harris disse se levantando.

Havia ameaça em seu tom de voz.

— Não vou te dar um segundo aviso — garanto.

— Vai se arrepender disto — apontou um dedo em minha direção.

Dou um passo, mas Charlotte entrou na frente.

— Vocês estão loucos? — Ela perguntou brava.

— Esse idiota quem começou! — Harris diz.

— Não provoque o inferno que não pode controlar Harris.

— Quero ver se é tão confiante assim sem seus seguranças...

— Pare de provocá-lo Ariel! — Charlotte não o deixa terminar.

Sorriso para ele.

— Então sai de trás dela, pois eu não estou vendo nem um segurança meu aqui para te impedir — desafio.

— Pare com isso, Elliot! — exclama ela.

Não lhe dei ouvidos.

— Saia de trás dela e venha me enfrentar, vou amar socar essa sua cara de homem frustrado *pequena sereia*.

— Do que me chamou?

— Pequena sereia — repeti sorrindo.

— Elliot! — Charlotte tenta mais uma vez.

— Como você pôde ir para cama com ele? — Harris perguntou irritado.

Eu não tinha mais paciência.

— Terminem a conversa de vocês, não tenho tempo para esse tipo de merda.

Voltei para dentro tão bravo que podia sentir as veias do meu pescoço inchando e meu rosto queimando de raiva. Catei as roupas pelo chão, vesti minha calça e coloquei os sapatos.

Não gastei meu tempo pegando a gravata e o terno. Charlotte usava minha camisa e eu não queria pedir.

— Por que o tratou tão mal? — Ela perguntou em um tom de voz alto. —

Que merda aconteceu?

Não respondi. Fui para cozinha e peguei meu celular.

— Elliot me responda caramba!

— O tratei da forma que merecia e ainda achei que foi pouco! — apontei irritado.

— Você não pode tratar meus amigos assim! — exclamou.

— Não me arrependo.

— Não tem o direito de impedir uma pessoa de entrar na minha casa, muito menos um amigo! Ficou louco?

— Devo ter ficado mesmo — afirmo. — Afinal, ele só quer estar no meio de suas pernas! — acusei. — Mas não dê ouvido, isto só pode ser loucura da minha cabeça.

— Ele é só meu amigo.

Caminhei para a sala e peguei minha carteira, estava jogada em cima da mesa de centro.

— Vou embora.

— Elliot! — Ela me chamou. — Caramba, pare com isto!

— Tchau, Charlotte.

— Você vai sair sem camisa? — questionou. — Está muito frio lá fora.

Não respondi, sai pela porta sem olhar para trás.

Que se foda o frio, a raiva estava me deixava mais quente que o próprio inferno. Desci as escadas praticamente correndo, o porteiro me olhou confuso. Um Jeep estava na frente do prédio, Jay pulou para fora e abriu a porta para mim. Entrei e um minuto depois estávamos fora dali.

Ele me olhou pelo retrovisor e não disse nada.

Tinha que ir embora ou faria uma besteira.

E quando a merda vier abaixo, o único a sofrer as consequências seria Ariel Harris.

Capítulo Doze

Charlotte

Sentei no sofá ainda chocada com tudo o que tinha acontecido. Acordei ouvindo os gritos e me deparei com Elliot pressionando Ariel contra uma parede. O sufocando.

Não estava acostumada a ver esse tipo de brutalidade. Ainda estremecia ao lembrar como pareceu fácil para Elliot jogar Ariel no chão, como se fosse um boneco de pano. Não queria ter gritado com ele, mas me assustou toda aquela situação. Mandeí Ariel ir embora e não voltar sem que eu o convide, tinha passado do limite e eu estava com vontade de o esfoliar vivo.

Elliot também se foi, furioso. Tão bravo que saiu vestindo somente calça e sapatos. Suspirei alto. Eu ainda usava sua camisa e isto me trouxe lágrimas nos olhos.

Como uma noite tão boa tinha se transformado naquele desastre?

Frustrada, levantei e fui para a cozinha.

Me surpreendi ao encontrar na minha pequena mesa um café para dois. Culpa pesou em meus ombros, não deveria ter brigado com ele, mas agora não tinha mais jeito de voltar atrás.

Tinha como piorar?

Liguei para a portaria e pedi que impedissem a entrada de Ariel sem autorização. Comi sozinha e arrumei tudo. Coloquei Blue de volta em sua gaiola e voltei para o quarto. Iria começar meu dia de trabalho na hora do almoço e poderia dormir um pouco mais. Deitei e o cheiro dele me envolveu. Meus lençóis bagunçados estavam tomados pelo aroma de Elliot.

Fechei meus olhos e a lembrança da nossa noite juntos encheu minha mente. Nunca mais seria a mesma.

O queria ali comigo, agora.

Imediatamente.

Mas o que faria para consertar todo aquele desastre?

Meu celular começou a tocar e a esperança me encheu acreditando que poderia ser Elliot. Era Ariel, não o atendi, mas ele não estava tão disposto a desistir. Ligou mais cinco vezes até que meu temperamento explodiu e o atendi furiosa.

— O que você quer?

— Você bloqueou meu acesso ao prédio! — Bradou do outro lado da linha.

— Sim, é uma pena que não fiz antes, não teria estragado minha manhã — acusei.

— Eu não tenho culpa! — exclamou. — Aquele imbecil não me deixou

falar com você.

— Não importa! — retruquei no mesmo tom. — Quem você pensa que é para exigir entrar em minha casa? — perguntei brava. — Acha que não estou vendo você o provocar o tempo todo? Acha que sou uma idiota?

— VOCÊ TRANSOU COM ELE.

— E VOU FAZER DE NOVO! — gritei de volta. — Vou ficar com ele quantas vezes quiser e não me importo com sua opinião.

— Você só pode estar louca se acha que vou permitir!

Gargalhei venenosa.

— Permitir? Quem é você para permitir alguma coisa! — exclamei. — Da minha vida cuido eu!

— Olha só o que esse playboy está fazendo com nossa amizade.

— Não estou vendo Elliot aqui! — retruquei. — O único a estragar alguma coisa, é você!

— ELE ESTÁ TE USANDO.

— E eu estou permitindo que me use quantas vezes quiser — provoqueei furiosa. — Pare de se meter na minha vida, ou quem vai estragar nossa amizade serei eu!

— Você só pode estar de brincadeira.

— Acha mesmo isto? — questionei. — Não me teste para saber.

— Ele vai te usar e jogar fora como o mundo de mulheres que já transou.

Depois sou eu quem vai consolar você.

— No dia em que isto acontecer, vou me lembrar de não te procurar.

— Charlotte...

— Deixa de ser um imbecil — gritei. — Eu estava feliz e tranquila até você chegar e estragar tudo.

Ele ficou em silêncio por um tempo.

— Me desculpe — eu sabia que seu pedido não era verdadeiro. — Deixa-me subir agora?

— Não.

— *Cha* eu já pedi desculpas.

— Não basta para o momento.

— Tudo isto por causa daquele maldito juiz.

— Sim, tudo isto por causa daquele maldito juiz — afirmo. — Não esqueça que é por sua causa também.

— Eu não fiz nada.

— Tem certeza? — questiono. — Não acredito que Elliot ficaria tão irritado por pouca coisa.

— Ele me agrediu e me ameaçou, você ainda fica do lado dele — bufou alto. — Inacreditável.

— Realmente, Ariel, inacreditável é a palavra do momento.

— Não vai mesmo me deixar subir?

— Não.

O ouvi suspirar.

— Tudo bem, vamos nos acalmar e depois nos falamos novamente.

— É o melhor a fazer agora.

— Meu acesso continua bloqueado?

— Sim.

Desliguei a chamada e me levantei. Não iria aguentar ficar em casa sem nada para fazer. Arrumei o quarto e coloquei a roupa suja na máquina de lavar. Depois me arrumei para o trabalho. Iria começar antes do horário, não me importava. Precisava ocupar minha mente.

Em nenhum momento do meu dia tive notícias de Elliot e uma pequena ponta de desespero começou a me atingir. Pulei o almoço e continuei trabalhando. Resolvi todos os problemas que apareciam na minha frente só para me manter em movimento.

Para o desespero dos outros funcionários, eu os coloquei para trabalhar

muito. Reorganizamos três sessões diferentes e trabalhamos para a melhor exposição dos produtos. Alguns resmungaram o tempo todo em ter que ficar comigo hoje, mas fingi não ouvir. Meu chefe passou por perto algumas vezes e também aproveitou para dar algumas ideias enquanto aplaudia minha iniciativa.

Sai do trabalho as cinco da tarde e ouvi alguns suspiros aliviados de que, enfim, estavam livres das minhas cruéis garras. Tentei não rir da situação, mas foi impossível.

Entrei em casa e fui para um longo banho. A água quente ajudou a relaxar meus músculos tensos e cansados. Enrolei uma toalha em volta do meu corpo e outra nos cabelos. Corri para fora do banheiro quando ouvi meu celular tocar.

A imagem dele enchia minha tela.

— Elliot — não escondo o alívio.

— Ainda brava comigo? — perguntou baixo.

— Não estou brava com você, Elliot — suspirei.

— Tem certeza?

Sorri de leve.

— Tenho — afirmei. — E você?

— Eu o que?

— Ainda nervoso?

— Não, peço desculpas por meus modos — disse baixo. — Realmente não tenho o direito de dizer quem entra em sua casa.

— Não vamos falar sobre isto, por favor.

— Tudo bem.

Ficamos em silêncio por um minuto.

— Estou ansioso para vê-la novamente.

— Também estou — confessei.

— Sério?

— Sim.

— Então, abre a porta para mim — murmurou.

— Você está aqui? — perguntei surpresa.

— Venha conferir.

Arregalei os olhos, puxei a toalha do cabelo e joguei no banheiro. Caminhei para fora do quarto já com a pele em chamas. Assim que abri a porta, só de toalha para provocá-lo, me deparei com o homem mais lindo que tinha conhecido na vida. Seu terno cinza era como uma segunda pele sobre

seu delicioso corpo.

O cabelo bagunçado.

O sorriso travesso nos lábios e, por fim, os olhos famintos.

— Sempre usa tão pouca roupa assim para atender a porta?

— Não — encosto na lateral. — Somente quando é você.

— Gosto disto — afirmou. — Posso entrar?

— E desde quando você pede autorização para isto?

Sorriu abertamente.

— Tem razão, eu não faço.

Seus braços me rodearam, puxando-me contra seu corpo e buscando minha boca. Ele nos levou para dentro e fechou a porta. Arrancou minha toalha e me ergueu em seus braços.

— Preciso de você *sempre* em meus braços *Cha*.

— Não quero estar em outro lugar.

Minha afirmação fez seus olhos brilharem em algo que palavras nunca poderiam explicar. Elliot foi direto para o meu quarto e me deixou sobre a cama. Sua boca percorreu cada centímetro de pele que pode alcançar. Me enlouqueceu com seus toques. Levou-me ao prazer intenso. Ele me tomou, nossos corpos se encaixaram com perfeição.

Lento e carinhoso.

Bruto e rápido.

Me perdi no seu corpo e ele se rendeu ao meu.

Tínhamos uma sintonia que nunca imaginei ser possível. Elliot me alcançava de um jeito que ninguém nunca conseguiu.

Ele tocava minha alma.

Capítulo Treze

Elliot Stabler

Após um banho caprichado, enrolei uma toalha em minha cintura e fui para o quarto. Ainda estava rindo de Charlotte por ter saído correndo quando tentei iniciar o sexo novamente no chuveiro. Afirmou com todas as letras que se eu continuasse, ela não poderia andar pelo o resto da semana.

Mas que culpa eu tinha se ela me tentava?

Ela era a única culpada.

A encontrei em frente à sua penteadeira. Vestia jeans, camiseta e jaqueta. Simples e extremamente bela. A forma que penteava seus cabelos me hipnotizava, poderia passar toda a eternidade admirando-a. Deitei sobre a cama e ela virou em minha direção.

— Poderia me dizer aonde vai? — perguntei enquanto puxava seus travesseiros para debaixo de minha cabeça.

— Comer, estou faminta.

— Eu também — digo, ela estreita os olhos.

— Elliot! — me repreende. — Se eu não sair para comer algo vou acabar morrendo de fome.

— Quanto exagero, olha que nem ficou tanto tempo perto de mim assim.

— Bobo.

Pisquei para ela e me levantei.

Segurei em sua nuca e trouxe sua boca de encontro a minha. Não deixei que se afastasse, passei meu braço livre em sua cintura e caímos sobre a cama, com seu corpo abaixo do meu.

— Elliot — murmurou.

Afastei um pouco e a encarei.

— Não consigo resistir.

— Vai ter que se esforçar agora, porque não vou permitir que tire minha roupa.

— Isto é um desafio? — questionei e ela riu.

— Nem pensar, eu perderia.

— Então não temos o que discutir, já ganhei.

— Elliot! — Ela gargalhou me encantando com o som de sua risada. — Quando estou com fome viro uma fera — informou.

— Vou te acalmar — jurei.

Pressiono minha ereção contra ela. Seus olhos dizem que me deseja, podia ver a indecisão brilhar neles.

— Estou com fome, Elliot — murmurou.

— Eu estou faminto — não resisto ao duplo sentido. — Mas vou deixar que você nos leve para comer algo.

Ela me beijou rapidamente e escapou de meu agarre.

Vinte minutos depois estávamos prontos para sair, vesti o mesmo terno e me senti incomodado. Queria algo limpo e já comecei a pensar nas possibilidades de deixar roupas no meu carro. Sabia que os seguranças tinham jeans e camisetas pretas para o caso de emergência, mas eu gostava dos meus ternos.

Não iria esquecer para a próxima.

— Vamos em um restaurante aqui por perto? — perguntei curioso.

Ela trancou a porta e colocou a chave no bolso de trás.

— Não.

— Aonde então?

— Que pessoa curiosa — sorriu, dei de ombros. — Quero comer, mas não em um restaurante chique — afirmou.

— Algo contra? — segurei sua mão.

Gostei da forma que nossos dedos se entrelaçaram.

— Nada contra, mas gosto de lugares onde não tenha que me preocupar com o jeito de me vestir.

— Você é linda de qualquer jeito.

Ela riu.

— Vou te levar em um lugar especial, é aqui perto e nem precisamos de carro.

— Perto quanto?

— Cinco minutos a pé — informou.

— Tudo bem então.

Assim que saímos na calçada Jay se aproximou.

— Para onde senhor?

Eu achava engraçado quando ele me chamava de senhor, mas Jay sempre fazia isto quando tinha outras pessoas por perto.

— Não preciso do carro Jay, vamos caminhar.

— Caminhar? — ergueu uma sobrancelha.

Não tão profissional, brinquei em pensamentos sem me importar. Dei a ele liberdade para se comunicar e expressar comigo.

— Sim.

— Não é uma boa ideia, conhece o protocolo, Elliot.

Revirei os olhos.

— Mande os batedores na frente, vamos caminhar — instrui. — Não tem nenhuma merda vindo a caminho.

— Tudo bem, sabe que Abner vai comer meu traseiro por sair das regras — resmungou.

— Mande Abner se foder — aconselho.

Ele acenou sabendo que não adiantaria tentar argumentar, Abner era neurótico com a segurança e eu não tirava sua razão. Porém, não haveria nenhum perigo para mim com os seguranças me seguindo de tão perto.

Jay colocou a mão na cintura e puxou uma automática do seu coldre. Estendeu para mim e eu aceitei sem protestar. Não poderia me proteger sem uma, caso algo acontecesse.

— Arma? — Charlotte perguntou chocada. — Vocês ficaram loucos?

Coloco em minha cintura, já que não tinha um coldre no momento.

— Não se preocupe *Cha*, é o meu protocolo de segurança — explico. — Não posso ficar sem uma, caso esteja mais exposto do que de costume.

Ela respirou fundo e acenou concordando ou não querendo discutir, eu não tinha certeza. Se nosso relacionamento progredisse ela teria que se acostumar em me ver armado, de uma forma ou de outra.

— Como aguenta? — Charlotte perguntou baixo. Franzi a testa um pouco confuso com sua pergunta. — Esse monte de homens te seguindo, o tempo

todo.

— Ahh, desde o dia em que nasci é assim — dei de ombros.

— Você é realmente muito rico?

— Só um pouco — comento. — Meus pais são milionários, eu só tenho uma pequena fortuna que consegui com o meu trabalho e alguns investimentos.

— Bacana isto, dizer que o dinheiro é dos seus pais.

— É a verdade.

Caminhamos conversando e como Charlotte disse, não andamos nem cinco minutos e encontramos uma praça. De início fiquei confuso sobre onde ela queria me levar, mas logo vi um caminhão de *Food Truck* estacionado no local. Algumas banquetas e mesas de bar por perto.

— Uau.

— Espero que esteja com tanta fome quanto eu.

Demos mais alguns passos e antes que pudéssemos alcançar o balcão de pedidos, uma senhora entrou em nossa frente.

— Sua filha desnaturada! — acusou.

Franzi a testa.

— Mãe.

Mãe? Ergui uma sobrancelha.

— Nada de mãe, você não me liga a um mês! — exclamou brava.

— Exagerada, falei com a senhora semana passada.

Charlotte a abraçou.

— Parece que se esqueceu de mim.

— Claro que não, mãe, aonde mais eu poderia comer de graça? —

Charlotte brincou e sua mãe riu. — Este é Elliot, e essa é minha mãe, Elliot.

— Já sei de onde puxou tanta beleza — galanteio, ela sorri.

— Obrigada querido, sou Lucy.

— Prazer em conhecê-la Lucy.

Me abraçou como se fosse parte de sua família. Retribui seu gesto, gostando da sensação familiar e quando me afastei vi um senhor de cabelos grisalhos me encarando de dentro do caminhão.

— Oi, pai.

Deveria ter imaginado.

— Oi, filha. — Ele desceu do caminhão e estendeu a mão para mim. — Sou Pether.

— Elliot.

Ele estreitou os olhos para mim e tive que reprimir um sorriso.

— Acho que te vi na TV ontem.

— Sério? — sorri. — Não me contaram.

— Advogado?

— Deve ter visto meu irmão.

— Uau, então, são muito parecidos.

— Trigêmeos idênticos — afirmo.

Ele parece impressionado, mas logo se recompõe.

— Com fome? — perguntou a Charlotte.

— Faminta, pai — responde e o abraça. — Na minha casa não tem nada para comer.

— Você trabalha em um mercado — digo indignado e os pais dela ri.

— Não atrapalhe meu drama, Elliot.

— Então, se sentem que vou fazer algo.

— Quero o da casa — pede ela. — Para o Elliot também.

Pether acenou concordando e voltou para o seu caminhão.

— *Cha* quando vai estar de folga? — sua mãe perguntou.

— Amanhã.

Nos sentamos perto do caminhão, Lucy se inclinou para frente e sussurrou

para Charlotte.

— Te pego às oito, tem que enrolar seu pai enquanto eu compro um sofá novo.

— Sério? — Ela gemeu.

Tentei não rir, mas foi impossível.

— Claro, se peço isto para sua tia, ela o enfarta antes que eu consiga sair da loja — disse séria.

— Tudo bem.

Lucy sorriu satisfeita.

— Vou deixar vocês e ajudar Pether.

Acenei concordando.

— Por que não me disse antes? — Perguntei a ela quando ficamos sozinhos.

— Queria que visse, meu pai ama este caminhão e faz o melhor lanche que já comi.

— Agora estou curioso.

— Essa é a intenção.

Não perdi os olhares de ciúmes do pai dela para mim, porém, não me abalei. Gostei de tê-los conhecido e de saber um pouquinho mais sobre a vida

de Charlotte. Apreciei a comodidade local e a simplicidade do ambiente.

Não saberia dizer quando foi que comi lanche de rua, mas estava amando a experiência. Nunca pude sentar em uma praça assim e ter um momento de tranquilidade. Observei ao redor e vi alguns dos meus carros estacionados em pontos estratégicos. Motos em cada canto e alguns homens passeando de um lado para o outro. Jay me observava de longe, acenou mostrando que estava tudo sob controle.

— Nunca estive em um lugar assim — Charlotte afirmou.

A olhei com curiosidade.

— Como pode dizer com tanta certeza?

— Pela quantidade de homens de terno nesta praça.

Acabei rindo.

— Será que sou o único homem com terno nesta cidade.

— *Oh* não, você não — riu. — Mas aqueles que estão passeando de um lado para o outro, parecem tensos e prontos para enfrentar uma guerra somente para proteger você.

Seu pai riu de dentro do caminhão fazendo-me o olhar, estava nos ouvindo.

— Então, eles são seus seguranças — riu novamente. — Nunca tinha visto

tanto movimento neste local a esta hora.

Dei de ombros.

— Não posso sair sem eles.

— Celebridade? — Perguntou me fazendo rir.

— Deus me livre — brinquei. — Sou juiz.

— Parece muito novo. — Lucy disse.

— Eu sei que pareço ter quinze, mas já cheguei aos trinta — afirmei. —

Trinta e dois.

Charlotte riu alto.

— Você é tão modesto, Elliot.

— Sempre — garanto. — Acho que nunca sentei em um lugar tão público assim antes. Ela me olhou com mais atenção. — Meus pais sempre foram muito ricos e alvos de pessoas ambiciosas — contei. — Devo ter segurança desde o momento em que minha mãe foi para a sala de parto.

— E você não se sente sufocado com isto? — Pether perguntou curioso, mas não me encarava.

Estava concentrado na sua atividade com a chapa.

— Estou acostumado, não existe uma possibilidade de ficar sem esses homens me seguindo.

Um nó se formou na minha garganta ao lembrar de Abner, quase perdê-lo foi o mais duro choque de realidade que já tivemos. Ainda podia me lembrar com clareza como ele estava no dia em que o encontraram. Sujo, magro e com graves ferimentos. Por pouco não perdia sua mente.

Sorri de leve para *Cha* quando preocupação tomou seus olhos.

— O preço é muito alto por ficar sem eles — garanto e resolvo mudar de assunto. — Sempre teve esse caminhão, Pether?

— Há três anos, me aposentei e não aguentava mais não ter nada o que fazer.

Ele desceu e deixou duas cestinhas na mesa. Não pude esconder minha surpresa, era o maior lanche que já tinha visto.

— Wow.

— Espero que goste, Elliot. — Lucy disse.

Ela deixou dois copos imensos de suco de laranja na mesa.

— Nem sei se vou conseguir comer tudo. — Digo rindo.

— Tome cuidado com Charlotte, ela come o dela e ainda o seu, se deixar.

— Pether disse.

Apressei para tirar meu lanche de perto dela, fazendo todos rirem. Não queria correr o risco de perder a comida.

— Obrigada, pai, está me fazendo parecer uma esfomeada.

— Não contei nenhuma mentira. — Ele deu de ombros.

Para dar a primeira mordida foi difícil, mas eu consegui e o sabor foi incrível. Ainda bem que minha mãe não estava me vendo comer, ou puxaria minha orelha. Não me arrependia. Poderia voltar ali uma vez por semana só para garantir o prazer de comer algo tão bom.

— Ei, Pether. — O chamo

— Diga, Elliot.

— Prepare mais quinze desses, para os meus seguranças.

— Você tem quinze homens o seguindo? — Charlotte perguntou com os olhos arregalados.

Dei de ombros.

— Você iria surtar quando visse a quantidade que me segue quando estou com meus irmãos — conto a ela.

— Vai demorar um pouco, mas logo estará pronto — informou Pether.

— Tudo bem.

Quando comi o último pedaço, me senti como se não pudesse me levantar daquela cadeira nunca mais. Estava tão cheio que falar se tornou difícil. Charlotte não pareceu abalada depois de finalizar o seu lanche. Fiquei me

perguntando como ela conseguia manter a forma comendo daquele jeito, mas não falei em voz alta, tinha a impressão de que arrancaria minha cabeça por tal comentário.

Pether não me deixou pagar pelo lanche que comi com Charlotte, então, somente paguei pelos quinze de meus seguranças que ainda não estavam prontos.

Acenei para Jay se aproximar.

— Jay preciso que deixe um homem aqui para pegar os outros lanches.

— Aonde devem ser levados? — questionou.

— Pedi um para cada, espero que não tenha comido nada ainda ou não vai conseguir se mover para proteger meu traseiro.

Jay pressionou os lábios tentando segurar a risada.

— Mais alguma coisa, senhor?

— Talvez que me carregue de volta — provoquei. — Estou brincando.

Peguei a mão de Charlotte, depois de despedir de seus pais, e voltamos caminhando para o prédio dela.

Uma sensação de paz se instalou em meu peito. Em dois dias tinha feito coisas que nunca fiz por nenhuma outra mulher e o resultado era melhor do que esperado.

Sentia-me satisfeito e feliz.

A necessidade de ter outras mulheres se foi e agora desejava somente uma.

Aquela que segurava minha mão e caminhava ao meu lado.

Capítulo Quatorze

Elliot Stabler

Deitado com ela sobre meu peito não conseguia dormir. Estava cansado, mas parecia que nada me faria fechar os olhos.

— Vai dormir, Elliot.

— Sou o Batman, não preciso dormir.

— O Batman? — Ela deu uma risada.

— É melhor não, né? — questionei. — O Batman apanha de qualquer um.

Vou ter que pensar em outro super-herói

— É nisto que está pensando? No Batman? — pareceu incrédula.

Rimos e eu a aconcheguei mais em meus braços.

— Não consigo dormir — murmurei.

— Por quê? — sua mão passou de leve por meu peito.

— Estou com uma sensação ruim — confessei.

— Ruim como?

Mordi as bochechas, peguei o celular que deixei debaixo do travesseiro.

— Ruim da mesma forma que meus irmãos estão sentindo — solto Charlotte.

— Como você sabe?

Não respondi.

Me sento na cama e ela acende a luz.

Ligo para Abner e ele me atende no primeiro toque.

— Já ia te ligar.

Meu corpo fica tenso, levanto e procuro por minhas roupas.

— O que aconteceu?

— Alice.

Vesti minha boxer e comecei a puxar a calça pelas pernas.

— Não melhorou?

— Não, trouxemos ela para o hospital.

Fiquei mais tenso, Alice sempre foi muito resistente.

— O que não está me contando, Abner?

Ele suspirou do outro lado e a preocupação aumentou.

— Ela está com pneumonia.

— Merda do caralho.

— A febre voltou a subir, não abaixou. Tossindo bastante e ela está com falta de ar. — explicou. — O médico a internou.

— Chego em dez minutos.

— Não precisa correr, Elliot, ela vai ficar bem.

— Dez minutos — desligo e visto minha camisa.

Abotoei tão depressa que nem percebi. Não coloquei a gravata e nem o colete. Sentei na cama e peguei meus sapatos.

— O que aconteceu, Elliot?

— Alice está internada.

Calcei meus sapatos e me levantei.

— O que ela tem?

— Abner disse que é pneumonia.

Beijei os lábios dela rapidamente e me afastei. Coloquei meu terno e procurei por minha carteira na bagunça do quarto.

— Posso ir com você?

Não parei para olhar Charlotte, estava preocupado demais para ser tão racional.

— Poder pode, *Cha*, mas estou com pressa.

Achei a carteira, coloquei no bolso e a beijei mais uma vez.

— Te ligo mais tarde ou mando mensagem.

Ela acenou concordando e eu corri para fora. Jay já estava me aguardando, Abner devia tê-lo avisado assim que desliguei. O caminho até o hospital passou como um borrão. Sentia-me ansioso para alcançar o lugar que mal percebi os detalhes ao redor. Assim que o carro parou, pulei para fora. Jay estava do meu lado no segundo seguinte e não tentou me parar para falar de segurança.

Peguei o número do quarto na recepção e subi de elevador até o andar que me foi indicado. Quando as portas se abriram encontrei os seguranças na porta, bati de leve e entrei. Minha família estava ao redor de Alice, velando seu sono com zelo.

— Ela vai ficar bem. — Meu pai disse.

Leu a preocupação em meu rosto com facilidade.

Acenei e me aproximei de minha mãe, beijei seu rosto e depois fui até Alice. Beijei sua testa levemente quente e me sentei ao seu lado, um pouco da preocupação se foi por estar perto dela.

— Mesmo terno? — Ethan perguntou me avaliando. — Aonde estava?

Detestava como ele era observador, principalmente se eu era o seu foco.

— E esse cheiro de hidratante de morango? — Abner ergueu uma sobrancelha.

— Estava com mulher. — Os dois afirmaram e eu os fuzilei.

Eles sorriram satisfeitos. Falar sobre mulher perto da nossa mãe era sempre um inferno.

— Elliot! — Ela me repreendeu. — Você precisa tomar jeito! Olhe suas roupas, todo bagunçado.

— Mãe...

— Nem tente me enrolar, você deveria ter vergonha de ficar pulando de cama em cama.

Olhei para Ethan e sorri de leve, mostrando que não deixaria aquilo passar.

— O Ethan faz a mesma coisa — Ele me olha feio.

— Bastardo.

— Somos, irmão, somos.

— Vocês precisam encontrar uma namorada logo. — Ela disse muito séria.

— Ainda bem que desse mal eu não morro mais. — Abner resmungou.

— Você é o meu orgulho, filho. — Meu pai brincou.

Abner riu e se levantou.

— Falando em esposa e filhos, preciso ir — beijou o rosto da nossa mãe.
— Deixei Carol e Arthur desmaiados. — Ele riu de mim sabendo do que ia se livrar. — Volto de manhã — beijou o rosto de Alice antes de sair.

— Elliot e Ethan, quero noras e netos...

E lá vamos nós para mais um longo discurso sobre como é importante formar uma família. Eu ainda matava um, *ou talvez*, os dois.

O resto da noite se arrastou deixando-me exausto, cochilei algumas vezes, mas nada que pudesse me ajudar a relaxar. Vi que Ethan estava da mesma forma. Nossos pais estavam no sofá do quarto e pareciam dormir. Eu sabia que minha mãe dormia e tinha a certeza que meu pai não, apesar de estar de olhos fechados.

Ele é muito protetor conosco e não descansaria até que Alice estivesse melhor.

Quando amanheceu, suspirei aliviado. Logo um médico apareceu e nos explicou o que estava acontecendo com ela. Fiquei mais tranquilo ao ouvir que ficaria bem, mas precisava se cuidar bem. Alice ainda ficaria internada por dois dias, com a intenção de melhorar sua imunidade e logo depois poderia ir para casa.

Eu precisava ir embora, tomar um banho e trabalhar. Tinha um julgamento marcado para iniciar às nove. Mande uma mensagem para *Cha* informando e encontrei com Abner saindo do elevador.

Carol e Arthur estava com ele.

— Oi, cunhada.

A abracei por um segundo, já que no outro Abner estava me puxando para longe de sua esposa.

— Guarde suas mãos para si — disse ciumento.

— Quando se cansar dele, me procure — provoco. — Que homem mais chato.

— Pode deixar. — Ela brincou. — Vá pra casa, está horrível.

Peguei Arthur no colo e ele abraçou meu pescoço.

— E aí moleque.

Recebi um tapa na nuca de Abner, por chamar seu filho de moleque e isso me fez rir.

— Vou para a escolinha tio.

— Uau! Que legal — beijo seu rosto. — Vai ter um monte de meninas lindas...

Outro tapa veio na minha nuca, desta vez de Carol.

— Que pessoas agressivas — reclamei.

— Pare de ensinar essas coisas para o meu *hijo*. — Carol fechou a expressão.

— Depois me conte — sussurro para Arthur e ele ri animado. — Vamos falar mais sobre meninas depois, quando sua mãe não estiver por perto.

—*Tá bom* — sussurrou de volta.

Abner sorriu orgulhoso e Carol o pegou dos meus braços, o colocou no chão e segurou sua mão. Saiu resmungando algumas coisas em espanhol que eu não entendi.

— O que ela disse? — perguntei curioso.

— Que desiste, você é impossível. — Abner riu de leve. — Foi o ela quem disse.

Dei de ombros.

— Volto mais à noite, tenho uma audiência daqui a pouco e deve durar o dia todo.

Ele acenou concordando. Caminhei para o elevador e parei quando me chamou novamente. Olhei para Abner e esperei por um segundo. Tinha uma expressão séria, o que conseguiu mais de minha atenção.

— Você estava com ela ontem? — perguntou.

Demorei um segundo para entender sobre o que dizia, mas logo entendi. Não adiantava mentir, além do que, Abner sempre tinha o controle principal da segurança. Ele conhecia meus passos e eu não me importava.

— Sim.

Ele se aproximou, ainda me encarando sério.

— E o que está sentindo?

Ergui uma sobrancelha, não esperando por aquela pergunta.

— Algo que nunca senti antes, mas ainda é tudo muito recente — dei de ombros. — Vou deixar as coisas seguirem seu curso naturalmente.

Ele acenou de leve e um sorriso ameaçou em seus lábios.

— Faça isto Elliot e não cometa os mesmos erros que eu.

Acenei, agora o entendendo.

— Lembre-se sempre que o diálogo é o melhor caminho — aconselhou.

— Às vezes, as coisas não passam de enganos idiotas.

— Não vou me esquecer disto.

Ele acenou concordando e bateu de leve no meu ombro antes de seguir o mesmo caminho de sua esposa.

Capítulo Quinze

BÔNUS ESPECIAL

Alice Stabler

Abri os olhos devagar e resmunguei ao sentir minha cabeça doer. A claridade me incomodava e meu corpo doía. Nunca me senti tão cansada. Sabia que estava no hospital, ao que parecia, minha gripe... ou melhor, minha pneumonia havia piorado e eu precisaria ficar de castigo naquele quarto.

— Que bom que acordou, filha. — Sorri para minha mãe, ela se levantou da poltrona e veio até mim. — Como se sente?

— Horrível.

Minha voz saiu rouca e minha garganta ardeu.

— Um banho vai te fazer melhorar. — Ela disse já me ajudando a levantar.

Eu não queria sair daquela cama, mas o olhar da minha mãe dizia que não adiantava teimar com ela. Deixei que me arrastasse para o banheiro. Escovei meus dentes tão devagar como um idoso de noventa anos.

Água quente foi muito bem-vinda, até mesmo suspirei de alívio.

Tossi algumas vezes e me senti sem ar com o vapor do chuveiro. Isto

ajudou a acelerar o banho. Dona Isabel lavou meu cabelo tão rápido quanto pôde, ajudando a me sentir melhor. Enrolei-me em um roupão e voltei para o quarto. Minha mãe me ajudou com uma camisola rosa e penteou meus cabelos com carinho.

Apesar do corpo doente, me sentia bem recebendo os cuidados dela.

Deitei na cama e ela me enrolou.

— Logo vai estar bem novamente — prometeu ela.

— Eu vou. — Garanti para tranquilizá-la.

Podia ver a preocupação em seus olhos.

— O que quer de café da manhã?

Alguém bateu e abriu a porta devagar, não me virei para olhar quem era.

— Não estou com fome. — Murmurei tentando voltar a dormir.

— Mas vai comer.

Fiquei tensa ao ouvir aquela voz. Um arrepio passou por minha pele e meu coração bateu mais forte.

— Como vai, Brian? — Minha mãe o cumprimentou.

— Estou bem Isabel e você?

— Bem também, fique com ela enquanto busco o desjejum.

— Claro.

Ela beijou minha testa e se afastou, virei na cama e o encontrei me olhando. Lindo de morrer, como sempre. Contido em um terno feito sob medida que parecia estar grudado em sua pele. Tinha um olhar intenso preso em mim. Quando deu dois passos à frente, meu coração parecia querer sair do peito.

Nunca aconteceu nada entre nós dois, mas cada vez que nos encontrávamos ficava aquele clima intenso.

— Olá, Alice. — Sua voz baixa fazia coisas em meu estômago.

— Brian.

Franzi a testa de leve, só agora percebendo o quanto minha voz estava anasalada. Ele riu e sentou ao meu lado na cama. Sua presença tão imponente.

— Como se sente?

— Como um inseto num para-brisa.

Ele riu novamente e voltou a ficar com a expressão séria.

— Me deu o maior susto — disse baixo.

— Eu?

— Sim, assustou-me saber que estava internada.

— Já estou melhor.

— É mesmo? — questionou estreitando os olhos. — E essa respiração cansada? Nariz vermelho e tosse?

— Talvez não tão bem assim — dei de ombros.

Ele riu e me entregou a caixa que segurava.

— Um chocolate para te fazer se sentir melhor.

— Obrigada. — Peguei, mas não abri.

Ele me observou por um segundo antes de pegar a caixa de volta. Abriu o laço e o lacre, pegou um e o levou até minha boca.

— Abra — pediu baixou.

Seu pedido me fez ceder, abri a boca e ele deslizou o chocolate por entre meus lábios. Mordi um pedaço e ele comeu o que sobrou. Nos encaramos por um segundo, mas pareceu uma eternidade. Brian se inclinou sobre mim, sem desviar o olhar, como se pedisse permissão para continuar. Fechei meus olhos e senti sua boca tomar a minha.

Nossos lábios se conectaram e pareciam serem feitos um para o outro. O beijo deslizava devagar e com maciez. Sentia um frio se espalhando por minha barriga e minhas mãos começaram a suar. Ele segurou meu rosto, aprofundou nosso beijo. Enlouqueceu-me com a delicadeza de sua boca.

Ele ia com calma, dando-me espaço para respirar mesmo não sabendo que somente por estar perto me tirava o fôlego.

Aquele parecia o melhor dos sonhos que já tive.

Segurei o cabelo de sua nuca e exigi que aprofundasse ainda mais nosso beijo. Brian, não negou meu pedido silencioso, devorou-me com a ferocidade de um tubarão faminto.

— Vejo que está muito *bien*.

A voz de Carol ecoou no quarto, Brian se afastou no segundo depois e nos encaramos surpresos. Não conseguia respirar direito, estava visivelmente cansada e Brian me olhava preocupado. Acenei para ele que estava bem, apesar da falta de ar.

— Com um beijo desses, até defunto volta à vida. — Ela provocou rindo.

— Carolina. — Brian a cumprimentou em tom de repreensão.

— Nem vou perguntar como está — brincou.

— Tem ficado... muito perto de ... Elliot — digo a Brian e ele acena concordando.

Ele se levantou e beijou minha testa.

— Preciso ir.

— Tudo bem.

— Fique bem.

— Vou... ficar.

Passou por Carol e resmungou algo como “*empata*” pra ela e saiu do quarto sem olhar para trás.

— Uau.

— Não diga... nada — peço.

— Como assim no diga nada? — questionou. — Que beijo era aquele.

— Carol.

— Sorte sua que pedi Abner para levar Arthur para comprar um suco. Imagine se é ele quem entra neste quarto?

Acabei rindo imaginando o óbvio.

Abner iria puxar Brian para longe de mim e juntos iriam destruir o quarto ao redor da minha cama, enquanto socavam um ao outro.

Carol continuou falando, mas não prestei tanta atenção no que dizia. Eu só podia pensar nos lábios dele sobre mim. Em como aquele beijo mudaria o rumo das coisas. E pior, como ficaria se ele não voltasse a aparecer.

Capítulo Dezesseis

Charlotte

Estava amanhecendo e eu não conseguia dormir. Depois que Elliot saiu como um furacão, o sono não me pegou novamente. Ele parecia tão aflito que me deixou preocupada, gostaria de ter ido com ele, mas acabaria o atrapalhando e o atrasando.

Meu celular vibrou com uma mensagem.

Sorri aliviada em ver que era de Elliot.

“Bom dia moranguinho, estou morto de vontade de beijá-la, mas o trabalho me chama. Saindo daqui agora. Alice está bem, na medida do possível, e continuará internada por mais dois dias. Tenha um bom dia, linda.”

Rolei sobre a cama e consegui relaxar um pouco. O sono chegou, mas não dormi por muito tempo. Estava me esquecendo sobre ter combinado uma coisa chata com minha mãe e logo pela manhã, ela bateu em minha porta para me obrigar a cumprir o combinado.

— Charlotte!

Olhei para ela e bocejei.

— Hm?

— Acorda.

— São sete e meia, *ainda* — resmunguei.

— Passou a noite com o bonitão de ontem — disse rindo.

— Não vamos falar sobre isto.

— Ouvi algo sobre bonitão?

Gemi em frustração, Sarah, minha tia e minha irmã Tracy se aproximaram com curiosidade.

— O que não me contou ainda? — Tracy perguntou.

— Nada.

— Ela está saindo com um homem lindo — minha mãe fofocou. — Lindo e rico — enfatizou.

Fui bombardeada com perguntas sobre Elliot, acho que minha mãe estava se vingando por não ter ajudado ela antes com o sofá novo.

Ou eu estava realmente pagando meus pecados antecipados. Não foi fácil me livrar delas, mas logo nos dividimos na missão da compra do novo móvel. Levei meu pai para tomar um café em um local bem longe da loja, em que a tropa feminina da família tinha entrado.

— Acha que eu não sei o que está fazendo? — Ele murmurou assim que nos sentamos.

— Tomando café — afirmei. — Preciso de muito café.

— Não se faça de boba — me repreendeu.

— Não sei do que está falando — digo tentando não rir. — Será que não posso querer passar um tempo com o meu pai?

— Não quando Lucy pega o meu cartão e some com a maluca da minha irmã.

— Acho que você está precisando de muito café também — brinquei.

— Café? Não, eu vou precisar é de uma dose de conhaque quando ver a fatura do próximo mês.

Revirei os olhos.

— Aquele sofá precisa ser trocado.

— Eu sabia! — exclamou. — Vai comprar um sofá com o meu suado dinheirinho.

— Um sofá que o senhor vai usar muito — aponto. — Ou vai sentar no chão quando estiver passando jogo?

— Vou usar mesmo é o meu suado dinheiro — retrucou.

— Então, não reclame e aproveite que estou pagando a conta hoje.

— Vai se arrepender de ter ajudado sua mãe — ameaçou em tom de brincadeira.

Rimos e fizemos nossos pedidos.

Logo percebi que ele me encarava com uma expressão estranha.

— O que foi? — perguntei.

— O cara de ontem, é seu novo namorado?

Ergui uma sobrancelha.

— Não sei.

— Como assim não sabe? — arregalou os olhos.

— Estamos nos conhecendo pai, não tenho como dizer mais nada do que isto para você. — Ele fez uma careta, estreitei meus olhos para ele. — Qual é o problema?

— Não quero minha filha nas mãos de um homem.

— Ciúmes?

— Claro, te criei com tanto carinho para depois um marmanjo pegá-la. — Dei uma risada e ele me olhou feio. — Não estou achando nada divertido. — Foi aí que ri mais, era visível o ciúme em sua expressão emburrada. — Pare de rir, Charlotte.

— Pai — digo ainda rindo. — Você sempre soube que um dia isto iria acontecer.

— Mas não precisava ser tão cedo! — exclamou.

— Cedo? — questionei. — Já tenho vinte e oito anos e sempre fui péssima com namorados.

— Nunca reclamei.

— Claro que não — ri alto. — Quando não tinha nenhuma possibilidade por perto, era fácil não reclamar.

— Ainda acho que você e sua irmã poderiam se tornar freiras.

— Não se iluda tanto — brinquei. — Nunca fui uma santa.

— Por que você faz isto comigo? — perguntou dramático. — Iria fazer esse velho pai tão feliz se fosse tímida e santinha.

Rimos juntos.

— Velho? — perguntei.

— Foi só jeito de falar, não sou tão velho assim.

— Só vai fazer sessenta pai, não tem nada de assustador nisto.

— Me fale isto quando chegar lá.

— Nem vai estar vivo — brinquei.

— Vou sim, só para te ver surtando com seus cabelos brancos.

Rimos.

O tempo passou rápido e eu amei ficar ali com meu pai. Uma hora depois, minha mãe ligou avisando que tinha comprado o sofá perfeito para a sua sala.

Claro que o senhor Pether gemeu frustrado, mas não falou sobre o assunto.

Era voto vencido.

Passei meu dia com minha família e desanimei quando recebi uma mensagem de Elliot às nove da noite.

“Moranguinho, saindo do fórum agora. Dia infernal, mas eu sobrevivi! Agora estou correndo para casa, vou tomar um banho e estou indo direto para o hospital. Alice teve uma pequena melhora, mas ainda está em observação.”

Suspirei e o respondi.

“Tudo bem, Elliot, fique com ela. Espero que melhore logo.”

Coloquei o celular na cama e logo outra mensagem chegou.

“Estou morto de vontade de estar com você, como faço para suprir essa falta que tenho sentido?”

Sorri com seu jeito.

“Venha para mim assim que der, vou lhe mostrar como.”

Sua resposta não demorou nenhum minuto.

“Agora vou ter que me esforçar ainda mais para alcançá-la. Não vejo a hora de colocar minhas mãos sobre você.”

Meu corpo ficou quente com as entrelinhas de sua mensagem.

“Estarei ansiosa o esperando.”

Trocamos mais algumas mensagens e depois ele não pôde mais escrever.

A sexta-feira passou arrastando e quase não tive notícias de Elliot. Trocamos algumas mensagens e ele me ligou uma vez durante o dia, mas como na quinta-feira, estava muito ocupado. Seu trabalho tomava muito de seu tempo e durante a noite ele ia para o hospital ficar com sua irmã.

Sábado foi frustrante.

Ele não apareceu novamente, mas mandou um segurança para me levar embora. Peter. O armário de dois metros de altura com um corpo gigante e uma expressão fechada.

A mensagem de Elliot tinha sido clara e desanimadora.

“Não teime com o homem, Peter irá levá-la para casa, ou qualquer outro lugar que queira. Alice está saindo do hospital hoje à noite. A parte triste que estarei uma semana fora, descobrimos um erro na nossa filial em Chicago, eu e Ethan estamos voando para lá assim que deixar Alice em casa. Sinto muito moranguinho, estou tão frustrado, mas não tenho como mudar a situação agora. Poderia chorar na cabeça do Abner e fazê-lo ir no meu lugar, mas sua esposa está grávida e eu nunca seria capaz de pedi-lo para deixá-la agora. O trabalho me chama. Se prepara Cha, quando eu voltar, vou prendê-la em sua cama por muitos dias.”

Insegurança encheu meu peito pelos próximos dias. Por mais que ele continuasse mandando mensagens e ligando, eu estava insegura.

Se era bobeira da minha cabeça? Poderia ser, mas não tinha certeza.

Um medo de que Ariel estivesse certo se instalou dentro de mim. Conhecia muito pouco Elliot e não sabia como julgá-lo em relação as mulheres. Eu estava realmente com medo de ter o coração partido, mas tentava sempre dizer a minha mente e *coração* que não estava sendo enganada.

Que não o julguei mal.

O pouco que vi do Elliot, me mostrava que era um homem sincero. *Tinha certeza disto*. Porém, ainda estava insegura, parecia algo que eu não conseguiria mudar até que o visse novamente. Que estivesse em seus braços. Sentisse seus beijos.

Precisava da segurança de seu olhar.

Na sexta-feira seguinte, Tracy e Dianne me arrastaram para uma boate, seria uma noite entre amigos, como elas disseram. Tony, marido de Dianne, também nos acompanhava. Era óbvio que em algum momento, Tracy abriria a boca e falaria de Elliot. Por pouco não escapei do interrogatório, gritei o garçom e pedi tequila.

Na quarta dose eu já via as coisas girarem de leve. O riso estava solto

entre as mulheres e para minha falta de sorte, Ariel apareceu e se juntou ao grupo. Eu ainda não estava falando com ele, não gostava do jeito em que estava se metendo em minha vida. No entanto, Ariel queria continuar batendo na mesma tecla, acreditando que tinha o direito sobre mim. O que rapidamente me irritou.

— Onde está o seu juiz? — A ironia em sua pergunta ferveu meu sangue.

— Posso garantir que não está cuidando da vida dos outros, como você — respondi sem esconder o meu veneno.

— Wow! — Tony exclamou. — O que estamos perdendo?

— Por essa eu não esperava. — Dianne disse e virou outra dose de tequila.

— Ele já te deu um pé na bunda? — Ariel questionou sorrindo.

— Você é quem vai ganhar um pé na bunda se não parar de se meter em minha vida! — exclamei irritada. — Vou ter a certeza de que meu salto fique marcado em você — ameacei.

— Ouça o que ela diz.

Virei no mesmo instante que ouvi a voz dele.

Elliot.

— Hoje vou poder socá-lo? — Ele me perguntou sério.

— Não antes de me beijar.

Um sorriso se formou em seus bonitos lábios, mostrando dentes brancos e perfeitamente alinhados, mas seus olhos estavam duros, estressados.

Agarrou minha nuca e cintura. Puxou-me contra seu corpo. Arfei quando bati em seus músculos rígidos e tão tentadores. Meus lábios foram tomados pelos dele, me beijou duramente. Sua língua exigiu passagem em minha boca e quando conseguiu, me devorou.

Ouvi os gritos de Tracy e Dianne, sabia que elas estavam batendo palmas e dando pulinhos.

Elliot me apertou mais contra o seu corpo enquanto me devorava com seus lábios gulosos. O abracei firmemente deixando que aquela onda de alívio atravessasse cada célula do meu corpo. Ele não tinha desistido de mim. Não tinha me usado.

Elliot, suspirei seu nome mentalmente.

Quando nos afastamos o encarei nos olhos com a pele em chamas. Minhas pernas estavam bambas pela excitação. Ar me faltava, ofegante de seus beijos. Podia sentir que até o álcool que ingeri tinha evaporado.

— Wow. — Tracy gritou e abraçou minhas costas, fazendo-me de sanduiche com Elliot. — Mana do céu, quem é esse bofe! Meus ovários estão explodindo meu cérebro depois deste beijo.

Revirei os olhos e Elliot riu.

— Essa é Tracy, minha irmã.

— Prazer em conhecê-la Tracy, sou Elliot.

— O prazer é todo meu — riu alto.

Ela se afastou e eu fiz o mesmo com Elliot. O apresentei aos amigos e foi então que percebi a falta de Ariel.

— Acho que a pequena sereia correu. — Elliot disse.

— Pequena sereia? — Tony questionou confuso.

— Ariel — digo e Elliot deu de ombros.

— O homem tem nome de personagem de história infantil.

Meus amigos gargalharam.

Eu revirei meus olhos, Elliot nunca esqueceria esse apelido.

— Ainda não entendi a troca de farpas entre vocês. — Dianne disse.

— Ele quer a Charlotte. — Tracy disse como se fosse óbvio.

— Não é nada disto — protesto teimosa.

Não era possível, era?

— Ele quer. — Elliot afirmou e acenou para o barman lhe trazer duas cervejas.

— Ele é meu amigo — digo um pouco confusa.

— O que eu vi hoje, foi um homem com ciúmes. — Tony disse e aceitou a cerveja que Elliot lhe estendeu.

— Ciúmes. — Tracy afirmou e Dianne acenou concordando.

— Acho que preciso de mais tequila — murmurei.

Tracy gritou pelo barman e outra rodada de tequila veio. Joguei minha bebida garganta a baixo e chupei o limão. Estava confusa sobre Ariel, não entendia o que acontecia com ele. Se estava interessado em mim, por que nunca disse nada? Por que está sendo tão cretino? Por que me trata como uma qualquer agora? Por que não é sincero?

Minha lista de perguntas ia longe, mas tratei de tentar relaxar.

Elliot não comentou mais a respeito, mesmo quando meus amigos brincavam sobre o assunto. Ele parecia não querer falar sobre Ariel e eu concordava, porque também não queria mais falar sobre meu amigo, ou ex-amigo.

Não sei bem.

Só que outra rodada de tequila foi pedida e minha mente estava ficando mais leve do que nunca.

Capítulo Dezesete

Charlotte

Não demoramos muito na boate, Elliot me chamou para ir embora e eu aceitei. Disse que tinha acabado de chegar de viagem e veio direto para mim. Estava visivelmente cansado e aborrecido, mas disfarçava bem.

Subi as escadas do meu prédio segurando firme sua mão. Depois de toda aquela tequila, era óbvio que eu estava bêbeda, *mas não tanto*. Tinha ingerido muita água e agora além de tonta, eu queria muito ir ao banheiro.

Quanto mais degraus subia, mais parecia girar as coisas ao meu redor.

Suspirei aliviada quando cheguei no meu andar, apressei o passo na direção da porta e tentei colocar a chave na fechadura.

— Deus.

— O que foi? — Ele perguntou.

— Desde quando tem duas fechaduras na porta? — murmurei tentando acertar a chave.

Elliot deu uma risada baixa e pegou a chave da minha mão.

— Estava quase conseguindo — protestei e me encostei na parede buscando por apoio.

— Claro que sim, *senhora-visão-dupla*.

Não perdi o sarcasmo em sua voz, mas queria tanto usar o banheiro que não me importei. Quando ele abriu a porta, corri cambaleante para dentro.

— Cuidado.

Não parei para responder.

Joguei minha bolsa no sofá e corri para o banheiro. Suspirei quando consegui me aliviar, dei descarga e chutei meus saltos no canto. Juntei meus cabelos no alto da cabeça em um coque bagunçado. Lavei as mãos e meu rosto. Molhei a nuca e me sequei, empurrei as alças do vestido pelo ombro e o deixei cair no chão. Precisava me sentir à vontade, ficando só de lingerie abri a porta e não encontrei Elliot no quarto.

Andei pela casa e o encontrei no sofá com Blue passeando em seu braço.

— Uau — digo conseguindo sua atenção.

Ele ficou me encarando, seu olhar desceu lentamente por meu corpo seminu e subiu devagar. Engoli em seco e caminhei para a cozinha, que era separada da sala por uma bancada.

— Ela nunca vai com ninguém — conto.

— Nenhuma fêmea resiste ao meu charme.

— Bobo.

Peguei uma aspirina no armário e tomei sabendo que precisava adiar a ressaca que viria pela manhã. Voltei para a sala e me sentei do lado de Elliot. Ele continuava em silêncio e fazia um carinho leve na calopsita.

Suspirei e encostei no sofá.

— Comece — ordenei.

— Começar o que? — perguntou sem me olhar.

— A dizer o que está te incomodando.

Ele não me olhou e nem falou nada por uns dois minutos. Comecei a ficar ansiosa, pensando em inúmeras coisas sobre o que poderia ser e a que eu mais temia era ele me dar um pé na bunda.

Principalmente agora que estava me apaixonando cada vez mais por ele.

— O que você estava fazendo em uma boate com a pequena sereia? — sua pergunta foi baixa.

— Não estava em uma boate com *Ariel* — enfatizei seu nome.

Ele virou e me encarou.

Seus olhos estavam duros e a testa vincada.

— Não?

— Não — afirmei despreocupada.

Elliot se levantou e caminhou devagar com Blue ainda em seu braço.

Levou-a até a área do tanque e voltou sem ela. Parou na minha frente com uma postura tensa e novamente me perguntou.

— O que estava fazendo em uma boate com aquele idiota?

— Já disse que não estava com ele.

— Então, o que ele fazia lá? Junto com você e seus amigos?

O tom de voz dele estava um pouco mais alto e alterado. A veia de seu pescoço e testa saltava mostrando a raiva que sentia. Seus olhos brilhavam de ciúmes e eu começava a sentir meu temperamento inflamar.

— O mesmo que todos, me divertindo.

— E você estava se divertindo com ele?

— Elliot, não está sendo racional!

Levantei e o encarei de frente.

— Não me importo! — exclamou irritado. — Ele estava lá com você!

— E você lembra que eu ameacei chutá-lo por ser um imbecil? — questionei puta da vida. — Agora se você continuar, o único a ser chutado será você!

— Charlotte.

— Elliot! — exclamei irritada.

— Estou morto de ciúmes caramba!

— Não há motivos para isto.

— Não? — franziu a testa. — Eu passo uma fodida semana fora e quando volto, descubro que está em uma boate bebendo com aquela sereia do caralho.

— Não estava bebendo com ele, pelo amor de Deus! — exclamo brava e acho que até bati o pé. — Estava com minha irmã e nossos amigos, bebendo. Até que ele chegou, o que foi tempo suficiente de trocarmos algumas farpas e você chegar.

Vi que ele estremeceu e ainda parecia furioso.

— Se vai continuar brigando comigo, então é melhor ir embora! — apontei a saída.

Elliot esfregou o rosto e passou as mãos pelo cabelo.

— Desculpe — suspirou. — Estou cansado e com ciúmes.

— Você quase não me ligou esses dias — acuso. — Achei que não me queria mais e ...

Não consegui terminar de falar.

Elliot me agarrou e grudou sua boca na minha. Assaltando-me, levando meus beijos e eu permiti seu roubo em meus lábios. Puxou minhas coxas para sua cintura e eu me agarrei a ele acreditando que nunca mais poderia soltá-lo.

Caminhou comigo em seus braços para o meu banheiro e com pressa tiramos todas as roupas antes de entrar debaixo do chuveiro. Ofegante e sem ar, mas nossas bocas nunca se separaram. Fui pressionada contra a parede e em um segundo ele arrastou para longe de mim.

— Está no controle de natalidade? — perguntou ansioso.

Quase me esqueci o que significava isso, minha mente nublada de prazer impedia-me de ser racional.

— Sim e estou limpa — consegui dizer.

— Eu também — afirmou antes de deslizar para dentro de mim.

Gemi alto, a sensação de ser esticada e preenchida era tão boa como me lembrava. Naquele momento, percebi o quanto senti sua falta. O quanto ele estava se tornando cada vez mais importante para mim.

Que me apaixonei, suspirei alto.

Elliot venerou meu corpo debaixo daquele chuveiro. Fez-me sentir tão bem, tão feminina e incrivelmente sensual. Me levou à loucura quando nossos corpos alcançaram o ápice do prazer.

Então, depois me deu um banho, mostrando imenso cuidado e carinho, enquanto apreciávamos aquele momento de tamanha tranquilidade. Caminhamos de volta para o quarto depois de nos secar, deitamos em minha cama e beijou-me lentamente.

— Sinto muito por ter sido um idiota ciumento — disse baixo.

Olhei em seus olhos e encontrei sinceridade naquelas belas piscinas azuis.

— Não seja mais um idiota ciumento.

— Difícil — deu de ombros. — Acho que fiquei muito perto de Abner.

Acabei rindo sem entender.

— Como assim?

— Ele é um bastardo ciumento da porra, me contagiou — explicou como se isto justificasse.

— Será?

— Tenho certeza — brincou. — É impossível não sentir ciúmes de uma mulher tão linda como você, que é minha.

— Sua?

— Sim, todinha minha — afirmou despreocupado.

— E você Elliot? — precisei questionar.

— Eu o que?

— Você é meu?

Seu sorriso foi instantâneo.

— Todinho seu, use e abuse do meu lindo corpinho.

— Gosto disto — sorri. — Vou me aproveitar muito de você.

— Que mulher aproveitadora! — brincou.

— Você foi o único que me permitiu usar e abusar *do seu corpinho*.

Rimos e ele voltou a me beijar. Rolamos na cama até que eu fiquei por cima de seu corpo.

— Elliot.

— Hm.

— Sei que não é hora, mas porque tem uma tatuagem tão grande com o seu sobrenome? — ele ficou tenso por um momento e até mesmo desviou o olhar. — Sinto muito, não deveria ter perguntado — resmunguei arrependida. Não queria perturbá-lo.

— Tudo bem, só não estava esperando.

— Não precisa responder.

Ele riu de leve como se tivesse esquecido tudo o que o afligiu.

— Não tenho nada a esconder *Cha*, pode me perguntar o que quiser — acenei concordando. — Eu e meus irmãos temos a mesma tatuagem.

— Alice também?

— Não, ela não fez uma assim.

— É muito grande para uma mulher — conclui.

— Sim — suspirou. — Dei a ideia depois que vi as cicatrizes em Abner, após o sequestro.

— Cobriu as marcas dele.

— Sim, e fizemos novas. Iguais — levou uma mexa de cabelo para trás de minha orelha. — Mostrando que sofremos juntos com ele, mas o importante éramos estar sempre juntos.

— Lindo isto, Elliot.

— Ele é meu irmão, não queria que se sentisse mal ao ver como ficou sua pele depois das maldades que sofreu.

— Queria que visse o quanto eram um só — murmuro, ele acena.

— Eu, Ethan e Abner sempre seremos um só, Charlotte — disse baixo e tranquilo. — Temos personalidades diferentes, mas sempre seremos unidos. Quando um sofre, todos sentimos profundamente. A tatuagem foi só um jeito reafirmar isto.

— Isto só me mostra o quanto é especial.

Ele sorriu antes de nos rolar na cama, pairando sobre mim com uma expressão jovial e despreocupado.

— Especial será o jeito que vou tomá-la agora — prometeu antes de me beijar.

Capítulo Dezoito

Elliot Stabler

Demorei um segundo para me lembrar onde estava. Sentia-me sonolento, mal queria abrir meus olhos, mas precisava muito ir ao banheiro, apesar de saber que a minha ereção matinal não me ajudaria nenhum segundo a fazer o que precisava.

Movi de leve na cama, macia demais para o meu gosto, e a encontrei. Sem abrir os olhos, lembrei de Charlotte. Seu cheiro de morango invadiu meus sentidos e me senti mais duro que antes. Quase gemi em frustração, iria ser dolorido tentar me aliviar.

A apertei em meus braços e deixei aquela sensação de conforto me invadir. Passar uma semana longe dela tinha sido difícil. Ainda mais por não ter tido tantas oportunidades de ligar. O que me lembrou de que ela estava insegura ao meu respeito. Não poderia julgá-la, realmente pareceu que não voltaria. Apesar de que isto nunca passou por minha cabeça. Tinha ficado a semana toda frustrado, não conseguia tempo para Charlotte e para piorar, tive muito trabalho em Chicago.

Deslizei minha mão por suas costas bem devagar, apreciando a maciez de sua pele. Charlotte dormia profundamente, eu a tinha deixado bem cansada.

Fechei meus olhos e segurei um gemido quando a cena de ciúmes que fiz passou por minha mente.

Claro que fiquei com ciúmes!

Morto de ciúmes!

Ele, a pequena sereia, estava lá desejando o que era meu!

Pelo amor de Deus!

Soltei Charlotte devagar e me levantei, peguei meu celular e enviei uma mensagem para Jay. Corri até o banheiro já com o controle do meu corpo. Vesti minha boxer e caminhei para fora do quarto ainda pensando no que fazer com aquele idiota.

Advogadinho de porta de cadeia, digo mentalmente irritado. Vou arrumar um príncipe para essa pequena sereia filha da puta.

Abri a porta da frente e Jay já estava me esperando com minha bolsa.

— Obrigado meu homem.

— Dispensando qualquer tipo de intimidade, Elliot.

— Tem certeza?

Ergui uma sobrancelha zombeteira.

Jay me olhou com impaciência e virou em seus pés, indo embora. Dei uma risada e entrei, tranquei a porta e voltei para o quarto. Charlotte ainda dormia

profundamente, mas agora estava agarrada ao meu travesseiro.

Tomei um banho quente e demorado, vesti uma boxer limpa e fui para cozinha. Coloquei a máquina de café para funcionar e caminhei para área de serviço. Blue estava na gaiola e parecia ansiosa.

— Bom dia, Blue.

Abri a portinha e deixei que saísse.

Mexi nos armários e encontrei um pote com sementes. Enchi o potinho dela e troquei sua água. *Não tinha nada para fazer mesmo*, pensei. Observei o passarinho escalar o armário e chegar no chão.

— Vamos fazer café da manhã para sua mãe, Blue.

Voltei para a cozinha e abri a geladeira.

— Espero que hoje a pequena sereia não atrapalhe nossa manhã — resmunguei.

Peguei algumas coisas e coloquei no balcão.

— Detesto bater em idiotas quando estou com fome — murmurei.

Fazer um café da manhã descente e saudável para *Cha* era uma missão quase impossível. A mulher só comprava besteiras e tinha um corpo de dar inveja. Balancei a cabeça negativamente. Estava acabando de montar a mesa quando senti a presença dela em minhas costas.

Sorri de leve.

— Bom dia moranguinho.

— Bom dia lindo, estou faminta.

Virei e a encarei.

Estava nua encostada na bancada com um belo sorriso nos lábios.

— Você é perfeito sabia? — perguntou.

— Claro que sabia — afirmei.

Ela riu e eu envolvi meus braços ao seu redor.

— Lindo, tem um corpo incrível e ainda faz café da manhã — disse contabilizando.

— Não esqueça o *rico*, charmoso e muito bom de cama.

— Convencido.

— Claro que não, sou modesto.

— Demais — revirou os olhos.

Segurei sua nuca e trouxe seus lábios para os meus. Provei o sabor de menta de sua língua e aprofundei nosso beijo. Ela começou a respirar pesadamente, não a soltei. Puxei seu corpo mais firme contra o meu, seus mamilos ficaram rígidos.

Desci as mãos por suas curvas e apertei sua bunda.

Ela gemeu e eu me afastei. Seus olhos brilhavam em uma paixão mal contida.

— Agora sim é bom dia — provoco.

Ela me olhou feio, percebendo que não iria continuar.

— Elliot — gemeu frustrada.

— Vamos tomar café, estou faminto.

O duplo sentindo a fez estremecer. Sorrir e me sentei despreocupado na cadeira.

— Venha *Cha* — chamo rindo.

Ela resmungou uma maldição e se sentou na minha frente. Pegou a primeira xícara de café e soprou o líquido quente. Peguei a próxima e me senti relaxar com o sabor da cafeína. O mau humor dela se tornou visível e eu fingi não ver.

Estava cansado, precisando de algumas horas a mais de sono, mas não iria dormir enquanto poderia aproveitar meu tempo com ela.

— O que pretende fazer neste fim de semana? — perguntei.

— Ficar o tempo todo na cama — resmungou.

— Gosto disto — não escondi a malícia em minha voz.

— Elliot! — exclamou rindo.

— Que? — me fiz de inocente.

— Daqui a pouco mal vou poder caminhar.

— Eu te carrego — ofereci. — Ou melhor, te deixo ficar na cama quanto tempo quiser.

— Você é um safado incorrigível.

— Mentira. — Charlotte estreitou os olhos. — Você pode me corrigir o quanto quiser, juro que vou gostar.

— Safado.

— Só com você — meu celular vibrou e eu gemi frustrado quando vi que era Ellen, minha secretária. — O cão do inferno — expliquei levando o celular ao ouvido. — Acho bom ter um ótimo motivo para me ligar a essa hora em pleno sábado.

— Você anda muito mal-humorado.

— Vai ver o meu humor quando te demitir — ameacei o mais sério que consegui.

— Não teria essa coragem, quem mais o aguentaria? — ela riu e eu não pude discordar. Ellen era única e quase uma santa para resolver problemas.

— Diga logo mulher — bufei dramaticamente.

— Mandato — informou, gemi frustrado. — O detetive já entregou para

Jay.

— Você não perde tempo.

— Nunca.

Eu sabia que ela estava sorrindo orgulhosa.

— Resumo da história, por favor — me rendi ao trabalho.

— Olhe só, ele sabe pedir '*por favor*' — zombou.

— Não me teste Ellen.

Ela riu e eu revirei os olhos.

— Ordem de busca e apreensão, aconteceu um estupro ontem à noite...

Ouvi o resumo do que tinha acontecido e quem eram os principais suspeitos. Pela regra, Ellen não poderia saber muito sobre o assunto, mas todos entendiam que eu confiava nela para me passar um feedback. Não tinha muito tempo e isto ajudava a adiantar as coisas.

Acenei para Charlotte ficar onde estava, não queria que Jay a visse nua. Isto estragaria meu humor, porque brigaria com ela e depois iria espancar a cara do meu melhor segurança.

Abri a porta, somente um pouco e o encontrei encostado me esperando. Peguei a pasta em sua mão e ele me estendeu uma caneta. Voltei para dentro ainda ouvindo Ellen e parei na bancada da cozinha.

Li o documento dentro da pasta e assinei. Despedi de Ellen e voltei para a porta, entreguei para Jay e ele saiu sem olhar para trás. Voltei e encontrei Charlotte abrindo a geladeira. Ela se serviu um copo de água e quando ia beber, eu o roubei dela.

— Obrigado, estava realmente com sede.

Bebi tudo e coloquei o copo no armário. Ela me olhava brava.

— Elliot...

Não deixei que continuasse, agarrei sua cintura e a beijei. Agora que tínhamos tomado café da manhã eu poderia continuar o que tinha começado antes. Levantei Charlotte e a coloquei sobre a bancada. Me afastei de sua boca e beijei seu pescoço, fui descendo por seu corpo. Ela gemeu alto quando encontrei seu seio e o chupei. Degustei sua pele, cada centímetro que fui capaz de encontrar. Até que cheguei no meio de suas pernas. Minha língua tocou o ponto mais sensível de seu corpo. Charlotte agarrou meu cabelo me fazendo encará-la, e porra, era a mulher mais quente que já tinha visto.

Me perdi em seu corpo.

No entanto, a verdade mesmo, era que eu estava perdido desde o dia em que quase a atrolei. Completamente perdido. Parecia que nunca mais encontraria o caminho de volta, embora, eu não desejasse encontrar. Unir meu corpo ao dela era sempre muito bom, tão pleno, que nunca poderia

descrever em palavras.

Arfamos juntos quando o prazer se tornou demais para suportar, mesmo ofegante, eu a beijei. A possuí com meus lábios enquanto a marcava por dentro como minha. Suas unhas cravadas em minhas costas ardiam minha pele e aumentava as sensações.

— Namore comigo? — perguntei assim que puxei minha boca para longe da dela. Charlotte não me respondeu, ainda sem fôlego e os olhos nublados de prazer. — Charlotte, namore comigo?

— Sim — arfou sua resposta, tornando nossa manhã muito mais marcante do que esperávamos.

Capítulo Dezenove

Charlotte

Estava quase adormecendo quando senti os lábios de Elliot nas minhas costas. Depois do momento na cozinha, ele me levou para sala e depois para o quarto. Em nenhum instante saiu de dentro de mim. Sempre ávido por mais, insaciável, arrancando do meu corpo cada gota de prazer e levando-me a exaustão.

— Não durma.

— Estou exausta.

— Você foi a única que disse querer queria ficar na cama — brincou.

— Dormir se faz na cama — murmurei.

— Não durma.

— Elliot — protestei frustrada.

— Se você dormir vamos acabar nos atrasando.

— Atrasando? Não tenho nenhum lugar para ir.

— Agora tem, namorada.

Fiz um barulho estranho de frustração.

— Não quero ir.

— Se eu não for, minha mãe manda uma equipe de homens para arrastar meu traseiro até lá — fiquei tensa. *Ele queria que eu fosse ver sua mãe?* — Não fique assim, ela não é nenhuma bruxa com verruga no nariz.

Rolei na cama para encará-lo.

— Você quer que eu vá conhecer sua mãe? — perguntei chocada, ele revirou os olhos.

— Claro, você é minha namorada.

— Não tem nem três horas que aceitei ser sua namorada.

— Tempo suficiente.

— Elliot...

— Não me diga que quer voltar atrás — franziu a testa.

— Não acha que é muito cedo para isto? Para me pedir em namoro e me levar na casa de seus pais?

— Não.

— Elliot.

— Eu tenho certeza Charlotte, você é minha namorada — disse firme.

— Tenho mesmo que ir conhecer sua mãe?

— Tem. — Beijou meus lábios e se levantou. Parou e me encarou com um sorriso diabólico. — Esqueci de dizer que ela não será a única para o almoço

— sorriu abertamente. — A tropa toda estará lá.

— O que quer dizer com a *tropa toda*?

Ele piscou para mim e se virou, foi para o banheiro e logo pude ouvi-lo ligar o chuveiro.

Merda.

...

Encarei o espelho do meu closet e não consegui me sentir confiante. Coloquei um vestido longo de estampas discretas e sandálias baixas. Estava bem vestida e confortável, mas ainda assim minhas mãos suavam frio.

Eu tinha que fazer uma visita ao shopping com urgência, pensei. Precisava de mais roupas bonitas que não fossem jeans e camiseta. Escovei meus cabelos e deixei as pontas onduladas. Um pouco de base, máscara de cílios e um batom claro.

Estava pronta e insegura pra cacete.

— *Cha* não quero minha bunda arrastada pelos seguranças — ele gritou do quarto.

Peguei minha bolsa e fui encontrar com Elliot que estava deitado na cama, mas seus pés tocavam o chão. Parecia que ficou sentado ali por um tempo e se jogou para trás quando cansou de me esperar.

Se ergueu sobre os cotovelos e me encarou.

— Tão linda — sorriu.

— Pronta.

— Vou amar tirar esse vestido de você — garantiu.

— Você pode fazer isto agora — digo na tentativa boba de escapar.

Ele me encarou despreocupado.

— Agora não moranguinho, preciso esfregar na cara de Ethan que tenho uma namorada. — O encarei confusa. — Agora os discursos da minha mãe sobre como é importante ter uma namorada serão somente dele.

— Você é terrível.

— Eu sei e adoro isto. — Se levantou rindo.

Estava de jeans escuro e camisa polo branca. O tênis em seus pés custava mais do que eu recebia de salário mensal e não queria nem saber quanto pagou pelo relógio dourado em seu pulso, que era acompanhado de uma delicada pulseira, também dourada.

Lindo de morrer, pensei e me segurei para não rir.

Prendi Blue em sua gaiola e de mãos dadas com ele, sai do meu apartamento. No térreo, pude ver sua Ferrari e os Jeep dos seguranças. Duas motos na frente, lideravam o caminho.

Jay jogou a chave para Elliot. Entramos no carro e eu reparei que ele sempre colocava o cinto de segurança com o carro em movimento. Deu seta e girou o volante. Percebendo que eu o encarava, me olhou e sorriu.

— Não precisa ficar nervosa moranguinho.

— Não estou.

— Você mente tão mal — riu.

Apertou minha mão e a soltou quando entrou em uma avenida movimentada. Deu seta novamente e seguiu para uma rodovia lateral saindo do trânsito pesado.

— Vai ver que está nervosa atoa, minha família é tranquila.

Respirei fundo tentando me acalmar e Elliot ligou o som do carro. O soar da guitarra de Pink Floyd encheu o carro, aquele estilo musical era *a cara dele*. Relaxei ao seu lado olhando o movimento pela janela.

Dez minutos depois o computador de bordo falou.

— Jay chamando.

Elliot não atendeu imediatamente, o que atraiu minha atenção. Estava tenso, percebi que olhou o retrovisor antes de pegar o celular. Não atendeu no viva-voz como sempre fazia e aquilo me deixou apreensiva.

— Diga.

Ouviu por um segundo e pareceu ficar mais tenso.

— Quantos? ... Filho da Puta.

Sua mão apertou o volante e o carro acelerou mais.

— Vamos seguir o protocolo de segurança.

Desligou a chamada e olhou pelo retrovisor novamente. Segui seu olhar e não consegui ver nada do que o deixava nervoso.

— *Cha?*

— O que aconteceu?

— Ainda nada.

— Como assim? — perguntei ansiosa.

Segurei a vontade de roer os cantos das unhas.

— Vamos ter um pouco de adrenalina — disse parecendo estranhamente calmo.

Estendeu a mão e pegou uma arma no porta luvas. Meu coração bateu forte no peito e o ar travou em meus pulmões.

— Estamos sendo seguidos desde que entrei na rodovia — explicou baixo.

— A casa dos meus pais fica a dez minutos daqui, vou acelerar o carro e chegar lá em cinco — prometeu.

Não respondi nada, vi um Jeep de escolta seguindo ao meu lado, tentando

manter a mesma velocidade da Ferrari. *O que parecia impossível.*

— Nada vai nos acontecer, você precisa ficar calma e confiar em mim — garantiu. — Charlotte? Tudo bem? Mantenha a calma.

Acenei incapaz de responder, sabia que ele não acreditou em mim. Forcei meu corpo a permanecer quieto e não entrar em pânico.

Para o meu completo terror, um carro vinha na contramão, tinha um homem pendurado para fora da janela com o rosto coberto e uma arma em mãos. Olhei o retrovisor e vi que tinha mais dois carros com bandidos nos seguindo. Os seguranças de Elliot também se penduraram para fora da janela e apontavam suas armas para os indivíduos.

Uma bala bateu bem na frente do para-brisas fazendo meus olhos arregalarem ainda mais, se é que isto fosse possível. Graças a Deus o carro era blindado. Elliot xingou algo que eu não ouvi direito, e então, abriu sua janela depois de soltar o cinto. Ergueu no banco e deu um único tiro. Acertou a roda do carro e ele capotou para fora, batendo em uma placa. Fechou a janela e se sentou corretamente. Segurou o volante com força ainda com a arma na mão.

— Filho da puta! — praguejou alto. — No carro não, desgraçado! — xingou quando outra bala acertou a janela do lado dele.

Outro carro vinha na nossa direção pela contramão e o Jeep de escolta

seguiu na frente. Elliot teve que reduzir um pouco, já que seu carro era mais veloz. O segurança enfrentou o carro sem reduzir, desafiando-o a vim para cima dele. No entanto, o motorista do carro desviou pouco antes e quase se chocou contra o Jeep. O segurança de Elliot jogou o Jeep para o lado dando passagem para a Ferrari e Elliot fez o motor rugir.

Acelerou tanto que meus olhos mal podiam acompanhar o movimento da janela. Um pouco à frente, girou o volante e passou por um grande portão, já aberto. Ele passou tão rápido que mal pude piscar. Não consegui reparar em nada, a não ser o momento em que ele freou do lado de uma Ferrari branca, mas foi tudo.

Não conseguia respirar, sentia-me tonta e o jeito que ele parou o carro pareceu piorar meu estado, minha cabeça tinha balançado com a força de seus freios.

— *Cha?* — Não o encarei, meus olhos estavam congelados abertos. — Droga!

Percebi que saíu do carro e logo minha porta foi aberta. Elliot se inclinou sobre mim, soltou o cinto de segurança e segurou meu rosto.

— Respire fundo, está tudo bem. — O ar permanecia travado em meus pulmões. — Charlotte, respire! — ordenou duramente. — Está tudo bem, estamos bem.

Consegui fechar meus olhos e tentei respirar. Foi pior do que imaginei. Meu peito doeu pela falta de ar, deixando-me ofegante.

— Elliot? O que aconteceu? — Uma voz masculina perguntou de fora.

— Charlotte olhe para mim. — Elliot exigiu. Foi difícil obedecê-lo, sentia todo meu corpo tenso tomado por pânico. Abri os olhos sabendo que estavam marejados. — Está tudo bem moranguinho — disse suavemente. — Você está em pânico, controle a respiração.

Ele parecia preocupado, isto me motivou a buscar pela calma. Não desviei meus olhos dos dele e encontrei a segurança de que precisava.

— O que aconteceu Elliot? — Uma outra voz parecida perguntou.

— Ela está em choque, porra — ele respondeu ainda me encarando. — Respire com calma, *Cha*. Está tudo bem agora.

Acenei de leve e puxei o ar com força. Queimou meus pulmões, mas tentei continuar. Puxando respirações profundas, me acalmando aos poucos.

Alívio passou pelo rosto de Elliot. Descansou minha cabeça em seu peito, permitindo que eu ouvisse seu coração acelerado. Beijou meus cabelos com carinho e sussurrou palavras de conforto em meu ouvido.

Respirei devagar relaxando com seu cheiro.

— Desculpe-me — murmurou com pesar. — Por fazê-la passar por isto, sinto muito.

Acenei.

Ele não tinha culpa, só tinha ficado aterrorizada com a situação.

— Estou bem — consegui encontrar minha voz.

Afastou um pouco e me olhou nos olhos.

— Está realmente bem? Sinto todo seu corpo tremer.

— Estou bem, só fiquei...

— Muito assustada.

— Sim.

— Pelo menos fizemos uma boa entrada — tentou brincar.

— Não tem graça.

— Venha.

Aceitei sua mão e ele me olhou preocupado, tremia tanto que era impossível esconder. Balancei a cabeça dizendo silenciosamente que ficaria bem. Assim que fiquei de pé ao lado do carro, com as pernas bambas, dei de cara com vários pares de olhos azuis iguais aos de Elliot.

— Você está bem, querida? — Uma senhora me perguntou.

— Sim, estou bem — respondi. — Obrigada.

— Sou Isabel, mãe de Elliot.

— É um prazer conhecê-la Isabel, sou Charlotte.

Ela sorriu e eu sabia que era pelo fato de não a ter chamado de senhora.

— Você está pálida — observou ela.

— Vamos entrar, dar a ela um pouco de água. — Uma mulher linda disse, tinha certeza que era Alice.

— Essa pirralha é Alice — informou Elliot e apontou para o senhor que parecia ter uns quarenta anos. — Meu pai, Miguel, e aqueles são meus irmãos, Ethan e Abner.

— É um prazer conhecê-los — ofereci meu melhor sorriso do momento.

— O prazer é todo nosso, Charlotte, peço desculpas pela falha em nossa segurança. — Miguel disse e beijou minha bochecha.

— Está tudo bem — respondo sem querer pensar muito no pânico que senti.

Alice me deu um abraço carinhoso, mostrando-me o quanto estava sendo boba pela insegurança anterior.

— Você está gelada — disse ela.

— Seja bem-vinda, Charlotte. — Um dos irmãos disse e eu tive a sensação de estar falando com Elliot.

— Obrigada — franzi a testa involuntariamente, ele sorriu parecendo

saber no que eu pensava.

— Sou Ethan — ofereceu o nome e olhou para Elliot.

Se aproximou e beijou minha bochecha.

Quando se afastou seu outro irmão se aproximou.

— Vai se acostumar a nos identificar com o tempo — disse Abner. — Seja bem-vinda.

Beijou minha bochecha e se afastou, mas sorriu de forma maldosa para Elliot.

— Acho que não me importaria de ser confundido com Elliot. — Ethan provocou o irmão.

— Bastardo. — Elliot xingou fazendo os seus gêmeos rirem alto.

— Somos, irmão, somos — falaram juntos me deixando tonta.

— Vai se acostumar a isto também, eles falam juntos o tempo todo. — Alice explicou e entrelaçou seu braço ao meu.

— Pena que sou casado e não vou poder ser confundido. — Abner brincou.

— Vou fazê-lo pagar seus pecados. — Ethan prometeu.

Eles bateram as palmas em cumplicidade e Elliot gemeu.

Estava confusa, mas sabia que era uma piada interna, que pelo jeito

saberia muito em breve.

— O que está acontecendo? *Reúñion* de última hora e *no* fui convidada.

Uma mulher de cabelos cor de mel vinha se aproximando segurando a mão de um mine Elliot de olhos verdes. Ou melhor, um mine Abner. Era fácil ver o olhar apaixonado dele para a esposa.

— Chegou atrasada. — Elliot provocou.

— *Dios mio*, uma mulher para te fazer pagar pelos seus pecados — brincou e me abraçou.

— *Dios mio*. — Elliot a imitou e Abner lhe deu um soco no braço.

— Respeite minha esposa, idiota — disse para ele.

— Ignorar Elliot foi a melhor coisa que aprendi — brincou ela. — Agora me diga por que está tão pálida?

Seu sotaque era uma delícia de ouvir.

— O mesmo de sempre, Carol. — Alice disse e ela estremeceu.

— Carros velozes, tiros e perseguições. — Carol concluiu parecendo ter passado por isto algumas vezes.

—Tio quem é ela?

A voz infantil me fez encarar aquela criança linda.

Elliot o pegou no colo.

— Essa é Charlotte, minha namorada.

Ele parou para pensar um pouco e sorriu para mim.

— Ela é bonita, tio.

— Sim, ela é bonita, mas é minha Arthur.

Arthur fechou sua expressão, fazendo-o parecer ainda mais com seu pai.

— *No*, é minha também.

Todos riram e Ethan pegou o garoto do colo de Elliot.

— Ela é nossa agora, garotão.

— Porra nenhuma — protestou meu namorado.

— Tio Elliot falou palavra feia. — Arthur acusou.

— Vamos colocá-lo no cantinho do castigo. — Abner disse e seu filho concordou.

Fui arrastada para dentro e apresentada a Rose, a segunda mãe dos meninos e logo tinha um copo de água com açúcar nas mãos. Ajudou a acalmar meus nervos. Elliot foi arrastado também, mas para o cantinho do castigo por falar palavrão e ainda teve que dar dez dólares para a caixinha do Arthur. Um preço justo a se pagar por não controlar o linguajar, o que me rendeu muitas risadas.

Capítulo Vinte

Elliot Stabler

Deixei Charlotte com as mulheres enquanto Arthur pegou minha mão e me levou até o cantinho do castigo. De todos, eu era o que mais me sentava ali, já que não controlava minha boca suja.

Acredito que ficava mais de castigo do que o próprio Arthur.

— Pequeno bastardo — murmurei assim que o vi saindo da sala.

Ethan riu e Abner fez cara de paisagem.

O cantinho do castigo tinha se tornado de todos, para ensinar Arthur que ninguém escapava. Todos precisavam se comportar bem, ou ficariam sentados ali por cinco minutos.

Boca maldita, revirei os olhos.

O bom foi que encontrei um motivo para ficar sozinho com meus irmãos. Embora eu soubesse que antes de falarmos sobre o problema em nossa segurança, iria ouvir muito sobre Charlotte.

Pensar nela, me fez lembrar em como ficou em choque. Não era para menos, ainda mais depois de presenciar tudo aquilo. Minha preocupação com ela não acalmou, somente disfarcei. Quase fiquei louco, só de vê-la daquela forma. Eu só queria me levantar e levá-la para um lugar privado. Segurá-la

em meus braços até que toda a lembrança de seu medo desaparecesse.

— Uma gata. — A voz de Ethan me fez encará-lo.

— Idiota — digo sabendo o que estava por vim.

— Sua sorte é que sou casado. — Abner disse sério. — Ou eu poderia entrar na fila para um boquete.

— Filho da puta — xinguei, eles riram.

— Olha só quem está perdendo o bom humor. — Abner zombou.

— Vou entrar na fila duas vezes, uma por mim e outra por você, Abner. — Ethan disse rindo.

Encostei a cabeça na parede e suspirei fechando os olhos. Não iria acabar tão cedo aquela brincadeira.

Abri os olhos quando ouvi o som de passos, meu pai aproximava já rindo.

— Eles não vão te deixar em paz — disse o óbvio.

— Podemos falar do que realmente interessa? — perguntei.

— Não. — Abner e Ethan responderam juntos.

Que ódio!

— Como é mesmo que você fala da Carol? — Abner perguntou. — Que bunda gostosa.

— Faltou o *dios mio* — meu pai disse rindo.

— Que bunda gostosa. — Abner repetiu baixo para Carol não escutar e nós rimos.

Não consegui evitar.

— Eu posso afirmar com todas as letras que a sua namorada Elliot, *dios mio*, gostosa pra cacete. — Ethan brincou.

— Bastardo — cruzei os braços.

— Se ela não quiser mais você, vou ser o primeiro na fila para te substituir — Ethan continuou a me provocar.

— Filho da p...

— Acho que cinco minutos no cantinho do castigo está sendo pouco pra ele. — Abner provocou.

— Do jeito que estão o irritando, não vai sair daí hoje — nosso pai afirmou rindo.

— Morena gostosa. — Ethan me provocou.

Abner riu.

Os palavrões estavam na ponta da minha língua, mas os engoli.

— É tão legal ver Abner de quatro e Elliot usando uma coleira. — Ethan nos provocou. — O melhor de tudo é que eu sou o único solteiro que posso afirmar que elas são gostosas demais.

Levantei rápido, mas meu pai entrou na frente antes que eu e Abner colocássemos as mãos em Ethan.

Ele estava nos provocando e isto teria que ter troco.

— Acalme-se meninos — intermediou nosso pai. — É divertido ver o Elliot provando do próprio veneno e Abner domado — riu alto. — Mas não se preocupem, Ethan vai estar de quatro por alguém em breve e vamos rir muito disto.

— Pelo menos não terá fila de boquete para a minha mulher. — Ele nos provocou.

— Vamos ao que interessa antes que eu quebre a cara desse idiota. — Abner disse puto.

Acabei rindo, nunca mais escaparia das piadas que eu mesmo criei. Agora era o alvo e entendia o que Abner sentia.

Eles concordaram e começamos a discutir sobre a perseguição de hoje. Teríamos que avaliar a lista de possíveis novos inimigos e isto significava muito trabalho. Já que eu e Abner atraíamos mais bandidos do que açúcar atraia formigas.

Tinha certeza de que não fiz nada ruim, ou esqueletos escondidos no armário.

Era só mais um idiota qualquer que achava que poderia me tocar, muito

provavelmente por causa do trabalho.

Não me sentia abalado pela perseguição, mas o que me irritava mesmo era o fato de como aquela situação deixou minha Charlotte. Nunca permitiria que alguém a assustasse daquela forma novamente. Jamais queria vê-la tão frágil outra vez, daria minha vida para protegê-la.

Além disto, teve o fato de que os idiotas marcaram minha Ferrari.

Filhos da puta.

...

O dia tinha passado tranquilamente, almoçamos juntos e eu não escapei de algumas piadas. Ou melhor, *muitas piadas*. Dos olhares divertidos de minha família ao ver que eu adorava o chão que Charlotte pisava.

Esse seria o preço para mim, por me apaixonar.

Sim, apaixonado.

Era quase que o fim do mundo, Elliot Stabler apaixonado, *mas o que eu poderia fazer?* Agora era homem de uma mulher só e daqui uns tempos viraria um pau mandado igual Abner e nosso pai.

Encostei no Audi R8 azul que Jay trouxe para mim, já que minha Ferrari foi para oficina arrumar os estragos de hoje mais cedo. Observei Charlotte se despedir das mulheres da família e prometendo alguma coisa referente a shopping. Arthur a abraçou e ganhou um beijo na bochecha. Meus irmãos

não perderam a chance de agarrá-la, até mesmo Abner. Eu sabia que em qualquer outra situação ele nunca se aproximaria de uma mulher, mas ele era um Stabler, nunca perderia a chance de me fazer pagar por tudo o que o fiz passar.

Claro que eu estava com ciúmes, mas fiquei quieto. Se falasse algo, as piadas não teriam limites e podia jurar que eles esperavam por uma cena minha.

Bem feito. Pensei mal-humorado. *Não vou dar a eles esse gostinho.*

— Seu ciúme de mim é lindo, Elliot — Ethan provocou.

Desencostei do carro e abri a porta para Charlotte.

— Acho que ele está com ciúmes é de mim. — Abner disse.

— Vocês são um bando de bastardos — Alice falou impaciente.

— Somos, irmã, somos. — Falamos juntos e *Cha* riu.

— Muito sinistro isto de falarem juntos — disse e entrou no carro.

Acenei para minha família e a segui. Ethan e Abner fizeram o mesmo, entraram em suas Ferrari para me escoltar. Combinamos isto para que ficasse mais fácil cobrir um ao outro. Além do fato de que não queríamos que Charlotte passasse pelo mesmo estresse.

— Podemos parar no caminhão do meu pai?

Sua pergunta me pegou desprevenido, percebi que não tinha falado com ela sobre a escolta extra hoje.

— Sinto muito, *Cha*, mas hoje não vai dá.

Ela se virou e me encarou com a testa franzida.

— Por quê?

Suspirei, não gostava de impor limites, mas hoje não era um bom dia para ficar em um lugar público.

— Já sofremos uma perseguição hoje, *Cha* — digo e a vejo estremecer. — Sinto muito, mas ainda estamos avaliando a ameaça e não posso ficar em um lugar público.

Ela suspirou fazendo-me sentir mal por não poder dar a ela algo tão simples.

— Vamos lá outro dia, quando tiver certeza que não existe nenhum perigo. Além de que, se fomos lá agora poderíamos colocar todos em risco, até mesmo seus pais. Você me entende?

— Sim — murmurou desanimada.

Aquilo sim me enchia de culpa. Queria bater em algumas pessoas por isto. Não podia levar minha namorada em uma praça para ver seus pais, porque um idiota qualquer resolveu me atacar hoje.

Uma merda fodida.

Ficamos em silêncio por um longo tempo, até que ela percebeu o caminho em que estava indo.

— Aonde vamos? — franziu a testa.

— Minha casa.

— Por quê?

— Hoje eu te quero em minha cama — afirmo arrogante. — Você vai passar o domingo comigo e ficar até segunda.

— Preciso de roupas.

— Já cuidei disto — ela estreitou os olhos para mim. — O que? — perguntei confuso.

— Não me diga que mandou seus seguranças invadirem minha casa e mexerem em minhas coisas — falou mostrando irritação.

— Os seguranças não — ela pareceu aliviada. — Mas Alice sim.

— Elliot!

— Posso ter pêgo sua chave reserva também — dei de ombros.

— Deus, você sabe o que é limites?

— Claro, mas não sou bom em respeitá-los — ela revirou os olhos para mim. — Não deixaria que meus homens mexessem em suas gavetas de

calcinhas — não escondo o ciúme de minha voz.

— Como sabe que tenho mais de uma?

— Posso ter mexido no seu closet enquanto dormia — dei de ombros. — Amo quando usa vestidos, mas seu armário parece só ter jeans — tentou mudar de assunto.

— O que eu faço com você?

— Vou te contar daqui a pouco.

Capítulo Vinte e Um

Elliot Stabler

Dirijo ansioso.

Queria chegar logo no meu prédio, porém o caminho pareceu mais longo. Sentia-me desconfortável em meu jeans, estava completamente excitado e minha calça não ajudava muito, já que a infeliz era justa.

Respirei devagar e me concentrei no trânsito.

— O que achou da minha família? — perguntei tentando desviar minha mente.

Ela me encarou e sorriu abertamente.

— Amei — afirmou. — Sua mãe é incrível, Alice adorável e Carol um doce.

— Está falando mesmo das mulheres Stabler?

— Claro que sim — riu.

— Minha mãe é realmente incrível, mas é uma fera em pele de coelhinho.

— Elliot, não fale assim de sua mãe.

— Você diz isto porque ainda não viu como minha orelha fica vermelha quando ela puxa.

Charlotte riu alto.

— Bem feito, deve ser bem merecido.

— Eu sou um anjo — afirmei.

— Lúcifer também era — provocou.

— Está me comparando ao diabo? — ri alto.

— Não, só dizendo que nem todos os anjos são bonzinhos.

— Você fez um bom ponto — digo.

— Sempre faço — afirmou com petulância.

Bati de leve em sua coxa e rimos juntos.

— Agora Alice, é só Jesus na causa — digo.

— Amei sua irmã.

— Agora é o momento que eu pago meus pecados, não pode ser tão amiga dela.

— Claro que posso.

— Alice nasceu para fazer minha vida e dos meus irmãos um inferno — digo.

Charlotte riu alto.

— Coitada, Elliot.

— Coitado é de mim. — Rimos e eu me senti nostálgico por um momento.
— Somos alguns anos mais velhos que Alice, ainda consigo me lembrar de como ela era um bebê lindo — sorri. — Grandes olhos azuis e um sorriso inocente. Desde sempre nos teve presos em seus dedinhos.

— Acredito que até hoje ela os tem.

Concordei rindo.

— Às vezes eu quero afogá-la — brinco. — Mas daria minha vida pela dela.

— Contraditório — me provocou. — Porém, compreensível, sinto a mesma coisa por Tracy.

— Tenho até pesadelos do momento em que um macho correrá atrás de minha irmãzinha — estremeci.

— Algo que realmente vai acontecer.

— Vira essa boca pra lá — peço. — Alice vai morrer solteira *e virgem* — enfatizei. Charlotte riu alto. — Não estou achando graça.

— Eu estou — riu. — Acha mesmo que sua irmã é virgem ainda?

— Claro que é — afirmo sabendo que era uma grande ilusão. A gargalhada dela ecoou no carro. — Ela só tem vinte e cinco anos, pelo amor de Deus! — exclamei.

Olhei para Charlotte que gargalhava de mim. Riu tanto que lágrimas começaram a sair dos cantos de seus olhos.

— Não tem graça — reclamei.

— Deixa de ser iludido, Elliot.

— *Cha* — gemi frustrado.

— Deixe sua irmã namorar em paz.

— Não posso, eu sei o que os homens gostam...

— Claro que você sabe — me interrompeu. — Pare de falar de Alice e me conte sobre Carol.

Ainda era difícil aceitar que um dia Alice teria um namorado ou marido. Era algo que não gostava nem mesmo de imaginar.

Um absurdo total.

Mas eu não era cego, Alice era uma mulher linda que conseguia fazer o relatório dos seguranças não chegarem em nossas mãos algumas vezes.

O que era muito suspeito.

Sabia que ela não era mais virgem e nossa mãe a acobertava bem. Porém, eu estava pronto para socar o engraçadinho que viesse a namorar com ela. Ou qualquer outro que ousasse se aproximar de Alice.

Muito pronto, para ser sincero.

— Aquela lá é outra fera que nos tem nas palmas de suas mãos — contei.
— Carol foi a melhor coisa que aconteceu para Abner.

— Foi fácil ver o quanto eles se amam — disse com um sorriso doce nos lábios.

Acenei concordando.

— Ela veio como uma onda de ar fresco para ele, o salvou dele mesmo. Nunca poderia expressar minha gratidão por tudo o que fez por Abner.

— O amor é assim Elliot — disse suavemente. — Meu pai quase perdeu minha mãe por ser um idiota, mas viu seus erros a tempo e ela o perdoou.

— Nós homens temos esse problema.

— Que problema? — perguntou confusa.

— Somos idiotas na maioria das vezes.

Ela riu alto.

— Não vou discordar.

Entrei na garagem subterrânea do meu prédio e levei o carro para minha vaga. Estacionei, joguei a chave para Jay e segurei a mão de Charlotte, querendo ter a certeza de tocá-la. Caminhamos para o elevador e quando as portas se fecharam, fiquei duro.

O elevador parecia coisa de filme, mas minha imaginação não me dava

tréguas. Abracei a cintura dela e puxei sua nuca com a outra mão. Seus olhos chocolate encontraram os meus e eu estava perdido.

A beijei.

Ela correspondeu no mesmo instante.

Enfim, poderia ter todo tempo para ela e o melhor de tudo, um lugar privado.

Apertei-a contra meu corpo deixando que sentisse o quanto a desejava. Charlotte arfou na minha boca mostrando o quanto estava sensível. Isto só me deixou mais excitado. O desejo de explorá-la com minhas mãos e boca somente aumentava mais.

Soltei sua nuca e segurei sua cintura.

Fui aos poucos levantando seu vestido até que encontrei sua pele. Puxei suas coxas para cima que enrolaram em meu quadril com facilidade. Dois passos à frente e já estava prendendo-a na parede fria do elevador.

— Elliot — suspirou meu nome quando desci minha boca por sua garganta.

— Estou aqui moranguinho.

— Você está me enlouquecendo — disse ofegante.

— Isto é o que você faz comigo.

O elevador parou no hall de entrada e implorei aos céus para que Jay tivesse avisado Anne que estou acompanhando. *E o mais importante*, que não estava me comportando muito bem naquele momento. Ele sempre me acompanhava até meu andar, mas quando não podia, ficava na sala de câmeras, por isto tomei o cuidado de não a expor e ele sabia qual era minha intenção.

Carreguei Charlotte para fora do elevador e segurei o suspiro de alívio em não ver Anne ali para receber minha convidada. Cheguei à sala em passos rápidos. Voltei a beijá-la, consumindo tudo o que tinha a me oferecer.

Não tinha paciência para chegar no meu quarto. Mal podia esperar para vê-la nua. Arranquei seu vestido e me perdi em seu corpo. Era a mulher mais linda que já tinha visto e agora me tinha aos seus pés.

Faria qualquer coisa por ela, pensei rendido.

Por um momento me senti inseguro, com medo de que tudo aquilo que estava sentindo não fosse retribuído.

Que não sentisse o mesmo.

Que não fosse recíproco.

Então, a olhei enquanto se perdia no prazer que meus dedos lhe ofereciam. Seus olhos de chocolate estavam nublados, mas podia ver como seus sentimentos se mostravam neles.

Como me encarava com paixão e ternura.

Foi suficiente para que esquecesse qualquer insegurança boba.

...

De manhã acordei primeiro que ela, tomei um banho rápido e desci vestindo somente uma boxer. Encontrei Anne na cozinha, como sempre.

— Bom dia — digo animado. — Não sei se sabe, mas hoje é domingo.

— Bom dia menino, claro que sei que dia é hoje.

— E o que está fazendo aqui? Por que não foi dar um passeio?

Ela me encarou e não se importou em me ver com pouca roupa. Estava acostumada a isto, eu também não ligava. Era a minha casa, ficava vestido do jeito que queria e ninguém poderia me dizer o que vestir.

Era uma boa razão por ter contratado Anne, ela trabalhou na casa dos meus pais por um tempo e depois foi embora da cidade. Quando a encontrei na agência que contratei, não perdi a chance. Não queria uma empregada novinha, ou qualquer outra caçadora de herança por aí. Não preciso de fazer sexo com minhas funcionárias, posso encontrar uma mulher por mim mesmo. Sem contar que meu apartamento era um limite rígido para qualquer mulher que quisesse uma noite comigo. Por isto, sempre mantenho funcionárias mais velhas como Anne e Ellen. Tenho a completa lealdade delas e as respeito.

— Meu filho levou a família em uma viagem.

— E por que não foi com eles?

Peguei uma xicara de cappuccino e sento perto dela.

— Não tenho mais idade para andar de avião.

— Bobagem, ainda tem disposição de uma mulher de trinta anos.

Anne já tinha sessenta e dois anos. Não havia muito trabalho na minha casa e em dias de longas faxinas, ela somente acompanhava uma equipe de limpeza. Os coordenava e ficava de olho em tudo, para que não fizessem nada errado.

— Não vou nem te responder — riu. — Como ela é?

Sua pergunta curiosa me fez rir.

— A mulher mais linda que já conheci.

Estreitou os olhos para mim e voltou a bater os ovos em sua tigela.

— Se for uma modelo chata, peço demissão — ameaçou.

— Como você é exigente.

— E você safado — me repreendendo. — Não podia ter esperado chegar ao quarto?

— Não dava tempo — respondi rindo.

— Sua sorte é que confio em seu julgamento e era hora da minha novela, ou iria recebê-la.

Dei de ombros ainda rindo.

— Iria se constranger.

Ela me olhou com impaciência e decidiu que não ganharia aquela conversa.

— O que ela gosta de comer?

— Qualquer besteira que tiver.

— Comecei a gostar, significa que não vive de dietas.

— E ainda tem um corpo incrível.

Pisquei para Anne e ela bufou.

— Não me disse o nome da mulher que o conquistou.

— Elliot? — A voz de Charlotte veio de fora.

— Estou na cozinha — respondi alto.

Olhei para porta e ela apareceu.

Vestia uma camisa minha, branca e com somente alguns botões presos. As mangas foram dobradas até os cotovelos e o comprimento chegava aos seus joelhos. Os cabelos longos estavam soltos, selvagens, e dava um bom contraste com a camisa branca.

— Não disse que era a mais linda de todas? — falei para Anne que riu baixinho.

As bochechas de Charlotte ficaram rosas, corando ao perceber que não estávamos sozinhos.

— Bom dia — disse sem graça.

Acenei para sentar ao meu lado e ela pareceu envergonhada pelo jeito que estava vestida, ainda assim, caminhou em minha direção e sentou.

— Bom dia moranguinho — beijei de leve seus lábios. — Essa é Anne, Charlotte.

— Como vai Anne? — sorriu gentilmente.

— Muito bem, obrigada por perguntar Charlotte — respondeu sorrindo. — O que querem comer?

— Ovos e bacon pra mim — digo e Anne me encara. — Estou faminto essa manhã.

Sabia que Charlotte corou novamente.

— Também quero — disse ela.

— Gosta de panquecas? — Anne perguntou.

— Amo com calda de morango — Charlotte chegou a lamber os lábios.

— Vou fazer pra você.

— Obrigada.

Peguei uma xicara de cappuccino para Charlotte, sabendo que ela também

precisava de cafeína. O café passou tranquilo, Anne conversou bastante com minha moranguinho, mostrando o quanto gostou dela.

Nos deixou sozinho por um instante e eu a puxei para um beijo longo, mas me afastei quando Anne voltou e estreitou os olhos.

— Que? — perguntei confuso.

Sua expressão fechou.

— Não se atreva a fazer qualquer coisa na minha cozinha — ameaçou.

Charlotte engasgou com o ar e eu desafiei Anne com o olhar.

— Não sei se você se lembra, mas essa cozinha é minha — aponteí.

— Pare de dizer que não me lembro das coisas, ainda não fiquei esclerosada — bufou. — E essa cozinha é mais minha do que sua.

— Eu ainda pago seu salário, só para informar — a desafiei.

— E eu tenho uma vassoura — ameaçou e se virou. — Se divirtam fora da minha cozinha — ordenou me fazendo rir.

Um minuto depois Charlotte gargalhou.

— Amei ela — disse.

— Pelo jeito, ela também gostou de você.

A ergui no meu colo, Charlotte deu um gritinho surpresa.

— Elliot o que está fazendo?

— Nos levando para fora da cozinha antes que eu seja atacado por uma vassoura.

Rimos.

Fui direto para a sala de cinema. Coloquei Charlotte sobre o imenso sofá e depois de ligar a tela plana me deitei sobre seu corpo esguio.

Foi o melhor domingo que tive nos últimos tempos. Passei o dia grudado nela, assistimos filmes e comemos besteiras.

Como fui na casa dos meus pais ontem, hoje eu estava dispensado do compromisso do almoço de domingo. Embora nada me faria sair de perto de Charlotte. Lutaria com todos os seguranças somente para não sair da nossa bolha.

— Minha mãe o está convidando para jantar lá amanhã — disse conseguindo minha atenção.

Ela estava a uns dez minutos ouvindo o que sua mãe dizia e eu acabei me distraíndo.

— Estarei lá — afirmei.

— Ela perguntou se você estaria disposto a distrair meu pai por uma hora — disse fazendo uma careta. — Sinto muito por isto.

— Para quê distraí-lo? — perguntei curioso.

— Aniversário de sessenta anos e ela quer fazer surpresa.

— Tudo bem, vou levá-lo para uma volta.

Ela terminou de falar com sua mãe e rolou para se deitar sobre o meu peito. Estávamos nus por todo o dia e eu não pretendia me vestir tão cedo.

— Sabe que não precisa fazer isto, não é?

— Sei, mas também sei que preciso conversar com seu pai sobre namorá-la.

— Vai pedir permissão? — brincou rindo. — Que antiquado.

— Não — balanço a cabeça. — Não costumo pedir nada, talvez, somente o informe que estou namorando você.

— Espero que o futuro namorado de Alice faça o mesmo com você — praguejou ela rindo.

— Wow! — exclamei. — Ficou doida? O maluco vai ter que pedir permissão sim e de joelhos — enfatizei. — Claro que depois que eu o socar, junto com meus irmãos.

Ela gargalhou e eu me senti ultrajado, nos rolei, ficando em cima dela e prendendo suas mãos.

— Me solta, Elliot.

— Não, vou ter que puni-la pela besteira que disse — brinquei.

Ela me encarou interessada.

Meu corpo reagiu ao seu olhar quente, fiquei ansioso para tomá-la novamente.

Capítulo Vinte e Dois

Charlotte

Acordei com Elliot beijando meu pescoço. Logo se tornou mais ousado e foi difícil resistir a suas investidas matinal. Então, ele murmurou que precisávamos para levantar. Eu não queria. Não queria mesmo, sair daquela cama maravilhosa. Entendia perfeitamente o porque de ele querer seu colchão, era como deitar em nuvens.

Acenei relutantemente para ele, concordando, e voltei a fechar meus olhos, adormecendo novamente. O sono veio tão rápido como o tempo que passou correndo. Acordei em um pulo quando *Highwah to Wel* começou a tocar no quarto.

— Vou matar o Elliot — murmurei.

Quem escuta rock às seis e meia da manhã?

Vou reformular minha pergunta.

Quem escuta rock às seis e meia de uma manhã de segunda?

Elliot Stabler. Resposta fácil.

Sentei na cama e suspirei cansada. Ele não tinha me deixado dormir quase nada desde sábado. Descontou toda a semana que ficou longe e parecia que ainda tinha muita disposição. Levantei e me arrastei para o banheiro. Percebi

que a porta estava fechada e quando abri o rock estava ainda mais alto. Uma entrada a direita levava ao imenso closet dele. Elliot estava no centro usando uma gravata de guitarra. Usava calça social e sapatos e suas costas pareciam mais fortes do que o normal.

Encostei na parede, o observando cantar. Meu mau humor até mesmo se dissipou e acabei rindo do que via e por incrível que pareça, soube que era algo que ele fazia todo dia.

Era a sua cara. Ouvir música de manhã e ainda cantarolar enquanto dança.

Quando sentiu minha presença se virou, sorriu e continuou a cantar. Caminhou em minha direção balançando a cabeça no ritmo da música e me beijou como se não houvesse o amanhã.

Fui erguida e prensada contra o armário. Um segundo depois, tinha aberto sua calça e deslizou dentro de mim. *Não disse que ele ainda tinha disposição?* O que não poderia dizer o mesmo de mim, já que ficaria arrastando o dia todo.

Vinte minutos depois eu tomei um banho e encontrei uma parte do seu closet com roupas minhas. Todas passadas e muito bem arrumadas. Me arrumei e de mãos dadas descemos para tomar café da manhã.

Anne estava lá, como na manhã anterior, foi tão gentil comigo que me fez amá-la rapidamente. Principalmente por suas deliciosas panquecas. Elliot me

levou para o trabalho e correu para o fórum.

...

Elliot Stabler

— Sejam rápidos! — ordenei puto da vida.

O dia não está sendo tão bom quanto a minha manhã. O julgamento de hoje foi feito para me tirar a paciência.

Para piorar, o advogado de devesa é a pequena sereia e o promotor James. A briga foi boa, mas a insistência do advogado *do fundo do mar* foi demais. Eu estava vendo a hora em que ele iria me desafiar, para pedir que outro juiz tomasse meu lugar ou me acusar de ter algo pessoal contra ele.

Claro que tínhamos uma rixa pessoal. Principalmente por ele querer o que era meu, mas dentro do fórum sempre vou ser o juiz Elliot Stabler.

A merda do juiz que ele tinha que respeitar!

— O doutor Harris não pode apresentar provas que não tenham sido entregues a promotoria — James disse em um tom frio.

— São provas essenciais para ajudar o meu cliente — protestou a sereia.

— Se são essenciais deveriam ter sido entregues! — James exclamou.

Olhei o documento em minhas mãos e fiquei ainda mais irritado. As fotos das provas “*essenciais*” dele não iria alterar em nada. ‘Parecia’ querer

prorrogar o prazo para que tivesse tempo para conseguir inocentar seu cliente estuprador.

— As tive recentemente, não deu tempo! — se defendeu.

— E por acaso não sabe que nosso departamento de investigação fica aberto vinte e quatro horas? — James questionou irritado. — Bastava ligar para um dos detetives e não burlar as regras!

Fechei a pasta com impaciência e me levantei.

— Não vou permitir a inclusão dessas provas — informo.

— Você não pode fazer isto! — Harris exclamou em um tom muito alto.

James ficou tenso, vendo que a pequena sereia estava me desacatando.

— Abaixе seu tom de voz para falar comigo — ordenei em um tom de ameaça.

— Você está tentando prejudicar meu caso, Stabler — acusou ainda com a voz alta.

— E por que eu faria algo do tipo? — questionei.

Queria que me desse um motivo para prendê-lo.

Ele não me respondeu, sabia que o estava desafiando a me enfrentar. Isto me deixou ainda mais irritado. Dei a volta na mesa e me aproximei dele, perto o suficiente para que sentisse minha respiração em sua testa. Eu era

mais alto, mais forte, e dentro daquele fórum, eu tinha mais poder.

— Estou esperando, doutor Harris.

— Não tenho nada a dizer meritíssimo — raiva se mostrou em seu tom de voz, agora baixo.

— Vou prendê-lo por desacato se tentar me desafiar novamente. Entendeu?

— Sim.

— Bom.

— Mas não acredite que lá fora terá o meu respeito — avisou.

— Nunca te pedi por isto, lide com suas merdas e saia do meu caminho.

— Nunca, ela é minha e eu vou tirá-la de você — disse baixo.

James colocou a mão em meu peito e me empurrou para trás de leve.

— Devemos nos controlar — disse o promotor.

Um sorriso se formou em meus lábios enquanto o encarava com olhos desafiantes. Não podia discutir sobre minha vida pessoal ali, principalmente, na frente de um promotor. James era meu amigo, mas Harris teria motivo para me expor caso saísse do meu lado profissional.

— Volte para seu lugar e pare de tentar burlar as regras, não vou beneficiar ninguém. Se suas provas fosse boas suficientes para inocentar o

réu, talvez eu pensasse a respeito — digo frio. — Faça seu trabalho direito e se não quiser ficar preso é melhor não tentar me desacatar. Último aviso — informei.

Meu tom de ordem o deixou ainda mais bravo.

Acenei apontando a porta, mostrando que deveria sair. Ele se virou e marchou em passos furiosos para fora da minha sala.

— Que merda foi essa, Elliot? — James perguntou curioso.

— Esse idiota é apaixonado por minha mulher.

— E desde quando você tem uma?

Sorri me sentindo mais relaxado.

— Agora tenho. — Caminhamos até a porta e antes de sair eu o encarei.

— Se prepare para enfrentar Abner no tribunal — brinquei.

Franziu a testa confuso para mim.

— Por quê?

— Porque eu vou matar esse idiota se ele tocar na minha mulher — falei baixo. — E Abner vai comer sua bunda para me defender.

James era meu amigo e eu podia confiar nele.

— Não brinque com isto porra – xingou.

— Vou estar no banco dos réus com orgulho, ninguém toca no que é meu

James — informei.

— Apaixonado — disse parecendo chocado. — Se for matá-lo, faça direito — aconselhou. — Não deixe provas — aconselhou em tom de brincadeira. — Pelo menos não serei eu, não sei quanto tempo mais aguento ficar sem socar o nariz desse imbecil. — James disse aliviado.

— Eu vou socá-lo muito em breve — murmurei. — E mandar essa pequena sereia para o fundo do mar.

Ele demorou um segundo para entender a piada sobre a sereia. Riu alto e depois saiu na minha frente, como mandava o protocolo.

...

Às seis e meia da tarde recebi uma mensagem de Charlotte me informando onde seu pai estaria. Ele tinha ido de metrô até uma loja de produtos automotivos. Mandeí alguns homens da minha equipe na frente, seria um inferno conseguir achar Pether no meio da multidão de pessoas naquela avenida neste horário, mas não sairia de lá sem meu sogro.

Abaixei minha janela quando me aproximei dele. Buzinei tentando chamar sua atenção e dei seta para encostar.

— Ei, Elliot, como vai? — gritou assim que me viu.

— Uma carona? — perguntei.

Inclinei para o lado e abri a porta para ele. Olhou em meu rosto e viu que

não existia a possibilidade de negar algo para mim. Acenou e entrou no carro, segurava duas sacolas. Fechou a porta e puxou o cinto.

— Nossa que carrão.

Meu orgulho masculino inflou. Ainda estava usando meu Audi R8 azul, sentia falta da minha Ferrari, mas sabia que tinha um bom gosto para carros.

— Gostou? — perguntei.

— Muito bonito.

— Espere até ver minha Ferrari.

— Você tem uma? — perguntou animado.

— Sim, vermelha.

— E por que não está com ela agora?

— Digamos que um idiota atirou em mim esse fim de semana.

— Você parece bem — me encarou preocupado.

— Eu estou, só meu carro que não ficou muito bem.

— Marcou muito?

— Janela e para-brisas.

— Ainda bem que não pegou na lataria.

— Nem me fale, foi um grande alívio, se pegasse na lata teria que vendê-

la.

— Por quê?

— O custo para reformar sairia muito caro — dou de ombros. — Não que eu não tenha dinheiro para gastar, mas poderia vendê-la e comprar uma nova.

— Os vidros não são muito caros?

— Sim, principalmente por serem blindados — digo. — Mas é duas vezes mais barato do que seria ter que trocar uma porta, claro que pela original de fábrica.

— Você precisa conhecer o meu *Dodge Charger*.

— Você tem um? — perguntei interessado.

— Sim, quase que virou meu filho — brincou.

— Qual ano?

— 1969.

— Uau — digo surpreso. — Tipo o do Toretto em Velozes e Furiosos?

— Sim, o comprei em um leilão de carros há dez anos.

— Quanto?

— Paguei dez mil dólares.

— WOW — exclamo. — Você achou essa relíquia.

— Mas precisei trabalhar muito nele, *muito mesmo*.

— Estava em um estado muito ruim?

— Péssimo, troquei praticamente tudo nele. Motor, bancos, direção...

— Garanto que valeu a pena.

— Se valeu — afirmou sorrindo. — Fui comprar um produto para passar nos bancos de couro, para que não fique ressecado.

— E funciona bem? — questionei. — Quero dizer, com o couro?

— Fica muito bom.

— Não deixa o couro ter aquelas estrias?

— Não, vou te mostrar como fica.

Consegui sair da avenida movimentada pegando uma via lateral. Sabia o endereço, mas o perguntei assim mesmo para Pether. Não queria que desconfiasse de sua festa surpresa. Ficamos em silêncio por um minuto até que ele me surpreendeu.

— Você tem visto Charlotte?

Olhei para ele e vi o ciúme de pai brilhar em seus olhos.

— Sim, todos os dias.

— Elliot...

Ergui minha mão o parando. Qualquer coisa que fosse dizer poderia

esperar, eu sabia que iria me ameaçar caso machucasse sua filha.

— Sei o que vai dizer, Pether — digo. — Me apaixonei por Charlotte e não pretendo machucá-la.

Cocei a barba, sentindo-me um pouco nervoso.

— Se o fizer, eu vou bater em você.

— Com toda razão — concordo. — Preciso pedir permissão para namorá-la?

Perguntei me lembrando da praga que ela me jogou. Minha moral também não me permitia negar isto. Já que o louco que se apaixonasse por Alice teria que nos pedir permissão. Não queria provar do meu próprio veneno no futuro.

— Claro que precisa! — exclamou. — É a minha filhinha.

Olhei para ele por um segundo, vi sua determinação de ferro, antes de voltar minha atenção para o trânsito.

— Gostaria de namorar sua filha, Pether — pedi e fui sincero.

— Vai respeitá-la?

— Sempre.

— Machucá-la?

— Nunca.

— Sempre irá confiar nela?

Acenei primeiro.

— Sim, confiança é a base de tudo.

— Protegê-la?

— Com a minha vida se for preciso.

Ele ficou calado por um instante, me deixando nervoso.

— Vou castrá-lo se fizer minha menina chorar.

— Justo.

Segurei um sorriso.

— Pode namorá-la, Elliot, mas não se esqueça que eu ainda não o conheço — disse sério. — Não conheço sua família e nem de onde veio. Como mesmo disse, confiança é a base de tudo, não destrua a confiança que estou permitindo você ter de mim e de minha família.

— Não vou me esquecer, Pether.

O computador de bordo me chamou um segundo depois.

— Abner e Ethan em uma chamada única.

— Atendê-los, Linda.

O primeiro a falar foi Abner.

— Bastardo, onde está?

— Dirigindo e no viva-voz — digo informando que não estou sozinho.

— Espero que não seja nenhuma mulher a não ser Charlotte ou eu vou quebrá-lo. — Abner ameaçou.

— Não é Charlotte — digo sorrindo.

— Filho da puta! — xingaram juntos.

— É o pai dela, Pether, como vocês pensam mal de minha pessoa.

Pether riu ao meu lado.

— Eu mesmo vou castrá-lo se machucar minha filha — disse meu sogro.

— Já gostei do seu sogro — Ethan disse.

— Qualquer pessoa que queira bater em Elliot é meu amigo, Pether — Abner afirmou.

— Bastardos — digo.

— Somos, irmão, somos. — Responderam juntos.

— Diga logo o que querem — resmunguei.

— Nos ligue quando puder, precisamos fazer algumas mudanças na segurança do prédio. — Ethan disse.

— Aconteceu algo? — questionei tenso.

— Um imbecil conseguiu passar pela primeira etapa de segurança, mas foi pego antes de entrar no elevador. — Abner informou. — Mas vamos falar sobre isto quando estiver livre.

— Tudo bem.

— Elliot? — Ethan me chamou.

— Sim?

— Tenha cuidado, não saia de perto dos seguranças até que saibamos o que está acontecendo — Ethan pediu.

— Deixei todos avisados, pode ser somente uma ameaça separada, mas não quero correr o risco. — Abner falou sério. — Você já sofreu um atentado no sábado, não quero que aconteça novamente.

— Nada vai acontecer Abner.

— Só tenha cuidado — ele exigiu.

— *Abner desligou — Linda avisou.*

— Ele é um bastardo, sempre desliga sem se despedir. — Ethan murmurou. — Tchau Pether, espero conhecê-lo em breve.

— Será um prazer.

— Se cuide Elliot, estou cuidando das suas costas — prometeu meu irmão.
— Bastardo — resmungou.

— Somos, irmão, somos — respondi rindo.

— *Ethan desligou – Linda avisou.*

— Seu irmão Abner parece protetor e impaciente — observou Pether.

— Isto o define bem.

— Bom saber que tem uma família unida.

— Mais do que poderia imaginar, Pether.

Conversamos sobre seu Dodge por todo o caminho. Porém, não tinha dado uma hora que estava com ele, tentei enrolar pelo caminho, mas logo estava chegando na porta de sua residência. Uma casa grande e tipicamente americana. O jardim bonito na frente da casa mostrava o quanto era bem cuidada.

Ele me indicou que deveria parar perto de sua garagem. Estacionei e saímos juntos. Seu caminhão estava bem estacionado ali, mas o belo carro negro ao lado chamou minha atenção.

— Fez um trabalho muito bom, Pether.

— Obrigado.

Apontou para uma foto na parede, era antiga, mostrava o carro quando ele o comprou.

— Nem parece o mesmo carro.

O assunto nos prendeu ali por muito tempo, e ainda o fiz prometer me deixar dar uma volta no seu carro. Ele pagou pelos serviços mais difíceis como pintura e a troca do motor, mas o resto foi ele quem fez. Podia ver o orgulho que tinha do trabalho e tempo que gastou para o reformar.

Um tempo depois recebi uma mensagem de Charlotte dizendo que poderíamos entrar. Assim que Pether abriu a porta, deu um pulo para trás quando o pequeno grupo que nos aguardava gritou SURPRESA.

Eu também estava surpreso, mas pelo fato de ver a pequena sereia Ariel dois passos atrás da minha Charlotte.

Que Deus me ajude, ou eu iria estragar o aniversário do meu sogro.

Capítulo Vinte e Três

Elliot Stabler

Pether foi sufocado por muitos abraços de seus familiares. Eu já conhecia quase todos que estavam ali, como Dianne e Tony. Fui apresentado aos tios de Charlotte, Ed e sua jovial esposa Sarah.

— Não fui eu quem o convidei — disse minha namorada.

— Tudo bem — não estava nada bem.

— Sinto muito — Charlotte disse, parecendo cansada daquela situação.

Ariel me encarou com fúria e eu o desafiei a dizer alguma coisa. Charlotte logo percebeu, beijou meus lábios com carinho e sorriu como se pedisse desculpas novamente pela presença da pequena sereia.

— Você me enrolou direitinho, Elliot — Pether acusou.

— Não sei do que está falando — me fiz de inocente. — Somente te dei uma carona e conversamos sobre carro.

Ele pareceu pensar por um segundo e depois sorriu concordando.

— Mas sabia de tudo.

— Não posso negar.

Ele gemeu quando Sarah, sua irmã, se aproximou.

— Não ligue para ele Elliot, Pether não queria festa só porque fez sessenta anos.

— Achei que era cinquenta — brinquei.

— Gosto mais de você agora, Elliot — Pether disse.

Estendi a sacola que segurava. Antes de entrarmos dei uma desculpa de que precisava pegar algo que comprei para Charlotte, mas era seu presente de aniversário.

— Obrigado, não precisava.

Ele abriu e pegou a caixa do Rolex que comprei para ele.

— Uau — disse impressionado. — Não posso aceitar, deve ter custado uma fortuna.

— Não aceito devoluções.

Agradeceu novamente e se afastou. Recebeu outros presentes, principalmente o de Charlotte.

Aproveitei que todos se distraíram e a puxei para um canto onde eu poderia beijá-la. Meus lábios encontraram os dela sem nenhuma resistência. Estava linda, deixando-me hipnotizado como sempre. Café acentuava o sabor dos seus lábios, tentando-me a tomar mais dela do que poderia.

No entanto, ela se afastou um minuto depois. Ofegante me encarou

sorrindo.

— Mais tarde — prometeu.

— Vou cobrar.

— Conto com isto.

Acenei, segurei sua mão e juntos fomos para a sala de jantar. Era simples, comparada a da minha mãe, mas de bom gosto e cuidada.

Sentei do lado de Charlotte, porém, a pequena sereia estava na minha frente. Seu olhar furioso em minha direção dizia que ele sabia que eu a estava beijando. *Bem feito, lide com isto idiota.* Ela é minha.

— Vocês se conhecem? — Sarah perguntou para Harris.

— Ariel é advogado. — Lucy disse com orgulho. — Deve tê-lo visto no tribunal.

Os amigos de Charlotte, sua irmã e ela estavam tensos. Preocupados com o que aconteceria naquele jantar se seguissemos esse assunto.

Harris sorriu de um jeito maldoso antes de responder.

— Nos conhecemos — afirmou. — Muita coincidência vê-lo hoje novamente.

— Novamente? — Pether perguntou curioso.

— Sim, ele foi o responsável pela condenação ao meu cliente de hoje —

contou.

Paciência Elliot, paciência.

Charlotte segurou minha mão, como se soubesse da minha vontade de socá-lo.

— Então, seu cliente era culpado — Tony disse o óbvio.

— Não merecia perpetua — não escondeu sua raiva.

Soltei a mão de Charlotte e cruzei os braços.

— Você deve defender só idiotas — Tracy revirou os olhos.

— Não justifica prender um homem pelo resto da vida — protestou com petulância.

Eu não disse nada, então, Pether me encarou com curiosidade.

— Não vai se defender, Elliot? — perguntou franzindo a testa.

— Não preciso justificar minhas ações como juiz, Pether — digo sério. —

E além do mais, o doutor Harris não deveria estar tentando discutir um julgamento pelo qual é protegido pelo sigilo.

— Deveria se manter calado então Ariel — Lucy aconselhou.

— Não quero, desde que o Stabler claramente anda favorecendo o promotor — se justificou.

— Como você chegou a esta conclusão? — perguntei sério.

— Você não aceitou minhas provas — acusou irritado.

— Você não seguiu as regras — digo duramente. — Não vou te dar outro aviso — ameacei.

— Por que não aceitou as provas? — Tracy perguntou atenta. — Não que eu quero te criticar, mas estou curiosa para saber o motivo.

Desviei meu olhar para ela torcendo para aquele assunto finalizar. Peguei a taça de água e tomei um pouco antes de responder.

— Qualquer prova deve ser entregue a promotoria e Harris não o fez, fazendo com que eu parasse o julgamento para resolver o problema da incompetência dele — não hesito em dizer.

Senti minhas jugulares pulsar mais forte, mostrando-se inchadas de raiva.

— Incompetente? — arfou bravo. — Vou denunciar...

Espalmei minhas mãos sobre a mesa e me inclinei levemente, o que deixava meus ombros mais largos e minha postura intimidadora.

— Você vai calar a merda da sua boca antes que eu mande te prender por desacato — ordenei duramente.

Algumas pessoas arfam chocadas com meu tom e minha ameaça.

— Calma, Elliot — Charlotte pediu preocupada.

Não a julgava, eu estava a ponto de estragar a festa de seu pai.

— Não foi você mesmo quem disse que não precisa de seu título fora dos tribunais?

— Não preciso dele para socar sua cara, Harris — digo impaciente. — Mas no momento em que você quer discutir um assunto sigiloso comigo, na frente de terceiros, sem a presença de um promotor ou da corte, eu tenho sim o direito e a obrigação de repreendê-lo por sua falta de ética e se quiser, até mesmo prendê-lo por desacato.

— É a terceira vez que você condena um cliente meu! — bradou.

— Talvez você devesse arrumar melhores clientes! — exclamei. — Eu aplico a lei, mas quem condena é o jure.

— Faz tudo isto para estragar minha amizade com Charlotte — acusou.

E lá vamos nós estragar tudo, porque eu nunca poderia ficar calado.

— Chegamos a um ponto interessante Harris — digo mantendo uma falsa calma. *Pequena sereia maldita*. Peguei meu celular e digitei uma mensagem para Jay. “*Porta dos fundos, um minuto.*” — Você está afirmando que meu relacionamento com Charlotte afeta o meu julgamento como um profissional da lei?

— Relacionamento? — perguntou chocado. Ele olhou para Charlotte furioso. — Você está namorando com esse imbecil? — gritou.

O homem estava tendo uma crise de ciúmes bem na frente de todos.

— Não grite com minha filha — avisou Pether.

— Você permitiu que ela namorasse com esse homem sujo? Acha que ele vai respeitá-la? Valorizá-la?

Fiquei de pé e afastei Charlotte, ela tinha agarrado meu braço, nervosa.

— Sujo? — questionei. — Diga qual sujeira minha que você sabe. Não tenho nada a esconder.

— Orgias no hotel de sua família.

Sorri, gostando de saber que ele me seguia.

O coloquei como primeiro na lista de novos possíveis inimigos.

— Nunca precisei pagar nenhuma mulher para passar a noite comigo Harris — digo firme. — E desde que estou com Charlotte não estive com mais nenhuma — não me envergonho de assumir.

— É mesmo? Passou uma semana fora por que mesmo?

— Vejo que seus informantes não são tão bons — digo impaciente. — Estava em Chicago, resolvendo o problema de segurança da rede de hotéis Stabler de lá. — expliquei. — Quer uma lista do que ando fazendo para você? Ou quer que eu te ligue a cada passo que der? Por quê até onde me lembro nem eu ou Charlotte o devemos alguma satisfação.

— Deve desde que afeta seu julgamento como juiz — acusou.

— Me processe, imbecil — digo irritado. — E eu achando que você estava preocupado em não poder ter Charlotte, pelo jeito é só o seu ego profissional ferido.

Ele riu debochado.

— Não gosto de vadias.

Aquele foi o meu fim.

Ele chamou minha moranguinho de vadia.

Inclinei sobre a mesa e o puxei para o meu lado por cima dela. Alguns copos caíram no chão com o movimento e eu não me importei. Estava tão furioso que mal podia ouvir o que as pessoas falavam comigo. Já tinha visto a porta para os fundos aberta.

O soquei algumas vezes no caminho da saída. Ele tentou revidar, mas nem para isto o idiota servia. Seu nariz espirrou sangue no meu terno, me deixando mais irritado. O joguei no chão do lado de fora, praticamente aos pés de Jay.

— Nunca mais fale de Charlotte assim — rosnei.

Ele se levantou com dificuldade, deu um passo atrás e esbarrou em Jay. Se assustou e voltou para frente tendo que me enfrentar. Percebi que se sentiu encurralado.

— Eu já te avisei para não provocar o inferno que não pode controlar,

Harris.

— Elliot, calma — Pether pediu.

Acenei.

— Você vai se arrepender Stabler — a pequena sereia ameaçou.

Dei um passo à frente.

— Seu erro foi esse Harris, achar que poder enfrentar um Stabler — digo baixo e ameaçador. — Acha que não sei o que anda fazendo? Ou pensou que poderia me controlar como faz com os bandidos que tenta defender?

— Vai se arrepender — jurou.

Sorri friamente.

— Eu sou um Stabler, porra — digo pausadamente. — Vai precisar mais do que meia dúzia de homens armados para me pegar.

Charlotte arfou.

— Foi você? Foi você quem mandou aqueles homens atirarem no carro de Elliot? — Ela perguntou furiosa.

— Não — disse com os olhos levemente arregalados.

O segurei pela gola sentindo meu sangue bater mais forte.

— Estou de olho em você Harris, sei até quantas vezes você respirar por dia — digo. — Tenha cuidado com seus passos, um Stabler nunca aceita uma

ameaça facilmente.

O empurrei e me surpreendi quando Tracy passou por mim, ela estalou sua mão no rosto inchado da pequena sereia.

— Seu filho da puta — disse furiosa. — Como se atreve a chamar minha irmã de vadia?

— Não volte na minha casa nunca mais! — Lucy ordenou.

Pether passou por mim também.

— Pether eu não quis...

Antes que Ariel terminasse de falar, meu sogro já o tinha socado no rosto.

— Tentou dizer que Elliot não serve para Charlotte, mas você foi o único a ofendê-la! A desrespeitar minha casa!

— Saia daqui e não volte nunca mais! — Sarah exclamou.

Ele me olhou com fúria primeiro, seu olhar desviou para Charlotte. Me senti protetor e dei um passo ao lado, o impedindo de encará-la. Se virou e deu de frente para Jay.

— Chefe?

— O escolte até lá fora e garanta que não volte a perturbar — instruo a Jay.

A pequena maldita seria caminhou para fora em passos duros com meu

segurança o seguindo. Pether se virou para me encarar e o arrependimento bateu forte dentro de mim. Não por socar Harris, mas por estragar o aniversário do meu sogro.

— Sinto muito, Pether, por desrespeitar sua casa.

Ele me surpreendeu ao sorrir.

— Não peça desculpas por defender minha filha — deu de ombros.

— Ele estava pedindo por uma surra! — Dianne falou.

— Achei que bateu pouco cunhado — Tracy brincou.

Olhei para Charlotte, preocupado que ela fosse me criticar por minhas ações. Ela me encarava em silêncio e pareceu analisar meu corpo, até que seus olhos se arregalaram.

— Você está machucado — afirmou.

Franzi a testa confuso.

Eu não tinha me machucado, a pequena sereia não conseguiu me acertar nenhuma vez. Charlotte correu para frente e pegou minha mão. Um grande corte marcava por cima, deveria ter uns cinco ou sete centímetros e sangrava bem. Então, percebi que cortei a mão quando peguei Harris por cima da mesa e uma taça quebrou me cortando com o vidro.

— Estou bem — a tranquilizo.

— Levante o braço Elliot. — Ed ordenou. — Sou chefe dos enfermeiros do hospital, não vai morrer por causa do corte, mas precisamos limpar e parar o sangramento.

— Tudo bem.

Levantei o braço e o sangue escorreu para minha manga, destruindo meu terno.

Fui arrastado para dentro e Ed pegou seu kit de primeiros socorros no carro. Precisou dar alguns pontos e doeu como uma cadela, mas deixei que cuidasse do meu ferimento. Um minuto depois meu celular tocou, Abner e Ethan em uma chamada. Sabia que eles estavam preocupados comigo desde sábado, sentiam isto. E tinha certeza que já foram informados sobre o que aconteceu na casa dos pais de Charlotte.

Passei cinco minutos afirmando a eles que eu estava bem e que iríamos nos encontrar na primeira oportunidade que tivesse. Desligaram, mas Abner mandou uma equipe de reforço para minha escolta, não que Harris fosse fazer alguma coisa hoje, porém, isto deixaria Abner mais seguro de que eu estaria protegido.

Abner sendo Abner.

No entanto, esse era o jeito dos Stabler.

Um cuidando do outro sempre.

Capítulo Vinte e Quatro

Elliot Stabler

Com a mão esquerda enfaixada, eu pedi mil desculpas a Lucy por ter quebrado parte do seu jogo de jantar. Ela insistiu que estava tudo bem, mas eu não acreditava nisto. Conhecia as mulheres, minha mãe me arrancaria a orelha fora se quebrasse uma de suas xícaras.

Depois que a bagunça foi arrumada, voltamos a nos sentar para comer. Digitei uma mensagem para Ellen pedindo que comprasse um aparelho de jantar novo, assim como um conjunto de taças para entregar a minha sogra pela manhã.

O assunto da briga foi esquecido e todos comeram tranquilamente. Pether voltou a falar comigo sobre seu *Dodge Charger 1969*, o que chamou a atenção de Ed e Tony. O assunto foi longe e a noite passou rápido.

Caminhei de mãos dadas com Charlotte para fora da casa, sendo seguido por seus pais.

— Vou levá-lo a minha pista de treinamentos, Pether, vai poder colocar o motor do seu Charger para roncar — digo e ele sorri animado.

— Vai ser ótimo — afirmou.

— Diga-me quando, para que eu possa usar o cartão dele. — Lucy

brincou. — Você vai ser uma distração melhor do que Charlotte.

— E eu ajudando na maior boa vontade. — *Cha* disse em um tom dramático.

— Concordo que Elliot será melhor. — Pether brincou. — Você é muito mal-humorada.

— Você não reclamou disto quando paguei a conta. — Ela o acusou.

Pether riu e abraçou a filha com carinho.

— Amo você querida.

— Eu também te amo pai, mas está me trocando por Elliot e seus carros — disse com falsa raiva.

Beijei os cabelos dela.

— Não tente competir com homens quando o assunto é carro, moranguinho — aconselho, ela revira os olhos.

Me despedi de seus pais e mais uma vez pedi desculpas pela noite. Abri a porta para Charlotte e dei a volta, ocupei meu lugar e liguei o carro. Ficamos em silêncio por um tempo, até que percebi que ela estava perdida em seus próprios pensamentos.

— O que está passando em sua cabecinha? — perguntei e segurei sua coxa.

Ela não respondeu de imediato.

— Estava pensando em tudo o que aconteceu essa noite.

— Sinto muito, moranguinho, por estragar o aniversário de seu pai. —
Suspirei.

— Não estou brava com você, Elliot — disse baixo. — Se não tivesse batido nele, eu faria.

— Ofendê-la foi o meu limite.

— Não me importo com o que ele diz, Elliot, estava tentando duramente tirar toda sua credibilidade. Dei de ombros. — O que ele falou sobre as orgias é verdade?

Fiquei levemente tenso, mas decidi não mentir.

— Sim, é verdade — digo e a olho por um instante. — Eu e meus irmãos fizemos muitas festas particulares quando éramos solteiros — dei de ombros.
— Não tenho por que mentir, Charlotte.

Ela voltou a ficar quieta, deixando-me incomodado.

— Converse comigo Cha — insistir.

— Só me senti insegura.

— Por quê?

— Você participava de orgias, não vai sentir falta?

Dei uma leve risada.

— Não, moranguinho — afirmei. — Não vou sentir falta.

— Como pode ter tanta certeza? Estamos juntos a pouco tempo.

— Não preciso de muito tempo para saber o que quero — digo firme. — E eu quero somente você, mais ninguém.

— Obrigado por ser sincero comigo.

— Sempre vou ser — afirmei. — E agora Ethan é o único Stabler que faz orgias, mas sei que ele vai sentir falta da minha beleza nua.

Ela riu alto.

— Você é tão convencido, Elliot, nem vou te lembrar que tem a mesma cara que seus irmãos — afirmou divertida. — Abner é um pouco mais alto e mais forte, mas ainda assim os três tem a mesma beleza.

— Claro que não! — exclamei tentando parecer ofendido. — Eu sou o mais bonito dos trigêmeos.

— Você é lindo.

Tive a sensação que ela concordou somente para não continuar a discussão. Talvez tenha achado mais fácil do que lidar com todo o drama que eu faria para provocá-la.

O silêncio voltou a encher o carro e eu não sabia o porquê ela parecia tão

perdida em sua mente. Tentei respeitar seu momento, esperar que me dissesse qual era o problema, mas minha paciência e curiosidade me mataria por esperar.

— *Cha*, por favor, diga-me o que tanto pensa.

— Ariel foi o responsável pela perseguição de sábado?

Fiquei calado por um momento.

— Não poderia afirmar com todas as letras, não tenho provas para o incriminar.

— Mas ele é o primeiro suspeito.

— Sim.

— Por que isto? — perguntou. — Quero dizer, por que ele iria querer te machucar? Eu estava no seu carro aquele dia, então, isto significa que ele quer me machucar também?

— Nunca permitiria que alguém te machucasse — afirmo tenso.

— Não respondeu minhas perguntas — acusou de leve.

Parei para pensar no que diria.

— A *pequena sereia* tem o perfil de um homem descontrolado, que não aceita um não com facilidade. Porém, eu ainda não tenho provas para dizer o que ele quer com tudo isto. Ou se é o responsável pelo ataque de sábado.

— Você investigou a vida dele — afirmou.

— Sim.

— E o que descobriu?

Não respondi.

Não descobri coisas boas e isto a deixaria ainda mais chateada. A *pequena sereia do mal* poderia estar fazendo coisas ruins por aí, mas Charlotte sempre o considerou seu amigo e ela parecia sensível em relação a ele, como se os erros dele a afetasse. Fiquei com ciúmes mesmo sabendo que tudo o que ela sentia era uma preocupação genuína.

— Elliot, responda-me, por favor.

— Não descobri coisas boas.

— Quero saber assim mesmo — disse teimosa.

— Anda com prostitutas e acoberta traficantes — digo tenso. — Suspeito de lavagem de dinheiro, mas ainda não é nada concreto.

— Deus — sussurrou parecendo aflita.

— Cha...

— Cresci naquela casa que conheceu hoje — disse baixo. — Quando tinha seis anos, uma família se mudou para a mesma rua e entre eles tinha um garotinho loiro de grandes olhos verdes. — Suspirou pesarosa. — Nos

tornamos bons amigos, melhores amigos — pareceu nostálgica. — Íamos para a escola juntos, apostávamos corridas de bicicleta, fizemos inúmeros piqueniques e muitas outras coisas que crianças fazem — deu de ombros cansada. — Crescemos e isto não tinha mudado até então, continuávamos amigos, mas como tudo pode ter acabado assim?

— *Cha* eu nem sei o que te dizer.

— Se ele tinha sentimentos por mim porque nunca disse? — perguntou aflita. — Eu nunca iria menosprezá-lo, apesar de não retribuir. Poderíamos ter conversado e até mesmo nos afastado para que ele não se ferisse quando eu me apaixonasse.

— Talvez ele fosse confiante demais, achava que você nunca encontraria uma pessoa pela qual iria se relacionar.

— Pode ser, ele sempre foi muito confiante — resmungou. — E agora isto! Em vez de advogado decente, se tornou um criminoso como aqueles que insiste em defender. Tem como piorar?

— Espero que não — digo, entendendo-a.

Também ficaria chateado se estivesse na mesma situação que ela. Não tinha o que dizer para confortá-la. Acaricieei sua mão enquanto segurava o volante com a outra, mesmo com a mão machucada e dolorida eu não estava tendo nenhum tipo de dificuldade. Em uma semana poderia tirar os pontos

que Ed deu e estaria tudo bem.

Charlotte não disse nada ao ver que estávamos indo para a minha casa. Estacionei na garagem, abracei os ombros dela e a levei para o elevador. Subimos e eu tive a certeza de fazê-la esquecer de toda preocupação que parecia pesar sobre ela.

Capítulo Vinte e Cinco

Charlotte

Duas semanas se passaram desde o aniversário de meu pai e não voltamos a ter notícias sobre Ariel nesse meio tempo. Não sei se fico aliviada ou preocupada com isso. É difícil de acreditar que ele tenha se tornado uma pessoa de caráter duvidoso, um criminoso.

Como poderia?

Confio nele e acredito que tenha um bom coração, mas se foi o responsável pelo ataque quando fui conhecer a família de Elliot, posso afirmar que não há nada em seu peito além da maldade. Poderia ter acontecido algo muito grave se os Stabler não tivessem uma equipe de segurança tão boa.

Será que ele não pensava mais nas consequências de seus atos?

Provavelmente não! A postura que teve na casa de meus pais me fez duvidar sobre ele ter, algum dia, aprendido algo sobre respeito e educação.

O bom de tudo é que meu relacionamento com Elliot não poderia estar melhor. A cada segundo que passo ao lado dele, me apaixono mais. Amava seu bom humor, seu sorriso, seu olhar cheio de promessas.

Elliot era um sopro de frescor para minha vida. Se tornou alguém de quem

não poderia ficar mais sem, nem mesmo um único dia. Apesar do pouco tempo de relacionamento, tinha certeza que ele era o meu feliz para sempre.

Não aguentei segurar o sorriso quando me lembrei do dia em que ele levou meu pai em sua pista de treinamentos. Senhor Pether parecia ter vinte anos novamente quando acelerou seu *Dodge Charger 1969* por todo aquele asfalto livre. A família de Elliot também estava lá para uma boa corrida. Aquele foi o momento em que descobri como os trigêmeos eram competitivos. As três Ferrari foram para a largada e correram lado a lado até quase o fim da volta, onde Abner conseguiu por muito pouco passar com segundos de diferenças na frente de seus irmãos. Elliot e Ethan reclamaram por um longo tempo por terem perdido por tão pouco.

Claro que cada um deles deu uma longa volta no carro do meu pai. Até mesmo Miguel, meu sogro, não perdeu a oportunidade. Aquele carro que meu pai tratava como filho e fazia minha mãe ter quase uma síncope por receber mais atenção do que ela.

O carro parou na frente do meu prédio e agradei a Pether antes de descer. Estava ficando mais tempo na casa de Elliot do que na minha, porém, hoje eu precisava pegar roupas mais leves para vestir. Elliot disse que iríamos no galpão de treinamento com seus irmãos e eu não gostava quando ele ficava me comprando roupas. Tinha meu próprio dinheiro, não nasci para ser dependente de homem nenhum.

Acenei para o porteiro e subi as escadas. Tomei um banho rápido sabendo que Elliot não iria demorar. Vesti um conjunto de moletom e tênis de caminhada. Fui para cozinha, montei um sanduiche e sentei para comer.

Ouvi Blue piar alto em sua gaiola, chamando minha atenção. Soltei ela e deixei que andasse pelo chão da cozinha. Ela parou perto da geladeira de inox vendo seu reflexo. Dei uma risada, ela sempre fazia isto. Terminei de comer e me servi um copo de suco. A campainha tocou.

Abri a porta achando que fosse Elliot.

— Chegou cedo amor...

Calei quando vi Ariel na porta, antes que pudesse fechar a porta ele já tinha entrado.

Primeiramente, como ele subiu?

— Saia da minha casa — ordenei brava.

—Não — fechou a porta. — Você precisa me ouvir.

Coloquei meu copo de suco na mesa de centro, para quando precisasse bater na cara dele nada pudesse me impedir.

— Te ouvir? Agora você quer que eu te escute — não escondi o sarcasmo.

— Charlotte...

— Não me venha com ‘Charlotte’! — exclamei irritada. — Você não tem

esse direito!

— Você começou a sair com aquele imbecil!

— Você está sendo o único imbecil nos últimos tempos — acusei.

— Eu sempre amei você! — gritou. — E você nunca me olhou mais do que um simples amigo.

— Simples amigo? Sempre o considereei meu melhor amigo, meu irmão!

— Não bastava.

Suspirei tentando me acalmar.

— Por que nunca me disse?

— Por que você nunca percebeu? — questionou como se fosse minha culpa.

— Essa conversa não vai nos levar a nenhum lugar — suspiro. — É melhor você ir embora.

— Me dê uma chance *Cha*, uma única chance para te provar que sou muito melhor do que ele.

— Ariel...

Ele se aproximou e eu me afastei.

Ariel parou no lugar parecendo ofendido.

— Você não pode nem mesmo me dar uma única chance?

— Não, somos amigos.

— Não quero ser seu amigo! — gritou.

— Não grite comigo!

— Uma chance, por favor, prometo te fazer feliz.

— Não duvido disto, Ariel, mas eu não o amo como homem.

— Você o ama? — perguntou bravo.

Não precisei de tempo para pensar.

— Sim, eu o amo. — Ariel não disse nada, ficou me encarando por um tempo até que cambaleou de leve. — Ariel?

— Não estou me sentindo bem — sussurrou.

— Sente-se. — Pegou seu braço e o ajudou. — Vou pegar um pouco de água pra você.

Ele acenou concordando, corri na cozinha e peguei um copo grande de água. Entreguei e ele bebeu um pouco.

— Se sente melhor? — perguntei.

— Sim, me desculpe.

Acenei concordando.

— Como tudo foi ficar assim? — perguntou.

Suspirei e me sentei.

— Como você foi ficar assim? — devolvi a pergunta.

Ele me encarou parecendo bravo.

Peguei o suco que tinha deixado na mesa, tomei um pouco e voltei a encarar Ariel.

— Você precisa ir, eu estou de saída.

Bebi o resto do meu suco e levantei. Minha cabeça pareceu pesada e senti minha respiração falhar. Ignorei tudo e caminhei em direção a porta. Tontura passou por mim e meus membros pareciam mais pesados.

Foi então que olhei para Ariel, assustada.

Ele me encarava com atenção, como se avaliasse meus sintomas.

— Desgraçado — digo e minha língua pareceu inchar na boca. — Como pode?

— Você não parece bem — ficou do meu lado e tentou me segurar.

O empurrei com o pouco de força que tinha.

— Você... me drogou.

Engoli em seco, minha boca parecia travada com o sabor estranho do suco.

— Sinto muito, mas você é minha.

Raiva ferveu em minha mente enquanto lutava contra os efeitos da droga.

— Não... não ... sou ... sua.

Meus olhos nublaram e a escuridão me tomou.

Capítulo Vinte e Seis

Elliot Stabler

Apertei o botão do elevador e esperei descer. Assim que as portas abriram eu vi meu irmão dentro, Ethan.

— Bastardo — disse.

— Somos, irmão, somos.

Entrei e as portas fecharam, não precisei apertar nenhum outro botão. Estávamos indo para o mesmo lugar. O elevador parou no andar de Abner e, juntos, caminhamos para a sala do meu irmão.

Acenamos para a secretária dele e eu abri a porta. Abner estava de costas em sua cadeira falando com alguém. Desligou assim que nos ouviu entrar. Não tinha combinado nada, mas ele sabia que não iríamos embora facilmente.

— Motivo? — perguntou impaciente.

— Quero uma dose do seu whisky — digo.

— Na sua sala tem do mesmo — afirmou.

— Mas qual seria a graça de beber lá sozinho? — perguntei e ele fechou sua expressão.

— Sirva pra mim também, Elliot — Ethan pediu e se sentou no sofá de

Abner.

Servi três doses e entreguei a eles. Sentei do lado de Ethan e Abner ficou na nossa frente.

— Por que vocês só passam tempo na minha sala? — perguntou com seu jeito arrogante.

— A sua é muito melhor — Ethan disse despreocupado.

— Só falta Alice para fechar a reunião — brinquei.

— Daqui a pouco ela aparece — Abner disse.

— Não pode dizer o nome dela, que logo dá o ar de sua graça. — Ethan falou e encostou a cabeça no encosto do sofá. — Estou exausto.

— Algo novo? — Abner perguntou.

— Só muito trabalho, por que mesmo que nosso pai tinha que fazer tantos investimentos? — questionou de olhos fechados.

— Para nos deixar ricos? — brinquei.

— Não quero mais, fiquei duas horas em uma reunião idiota que só serviu para me irritar — resmungou emburrado.

— Ninguém mandou escolher ser o administrador da família — digo rindo.

— Quero te ver rir assim quando eu te colocar em algumas reuniões —

ameaçou.

— Não se atreva — digo agora sério.

Ele me jogaria em reuniões depois dos meus julgamentos e isto significava, trabalhar até tarde e ficar longe de minha moranguinho.

— Percebeu como Elliot anda sem paciência? — Abner brincou.

— E sem humor? — Ethan completou, eles riram.

— Isto é o amor e o ciúmes que ele anda sentindo — Abner disse.

— Bastardos.

— Somos, irmão, somos — falaram juntos.

Bebi meu whisky na tentativa de ignorá-los.

—Arthur está de castigo — Abner disse conseguindo nossa atenção.

— O que ele fez? — perguntei.

— Aprontou no primeiro dia de escola.

Rimos interessados no assunto.

— Uma semana sem brincar no celular e tablet, não se atrevam a deixá-lo usar os aparelhos de vocês — disse firme e depois sorriu. — Ele pintou o rosto de alguns coleguinhas na hora da soneca. — Eu e Ethan rimos alto. — Usou os pinceis de colorir e fez a maior bagunça. — Abner riu. — Foi tão difícil chamar a atenção dele.

— Fez sozinho? — Ethan perguntou.

— Não — disse. — Fez amizade com um garoto e só fala dele agora, viraram melhores amigos.

— Esse menino vai dar trabalho — digo.

— Nem me fale — Abner disse. — Carol ficou me olhando em choque e depois implorou para que o corrigisse, já que não conseguia parar de rir.

— Eu não iria conseguir.

— Carol anda acusando você de ensiná-lo a fazer coisas erradas — Abner acusou.

Dei uma risada.

— Nunca faria isto — me defendo.

— Sínico. — Ethan me acusou. — Acha que eu não vi você mostrando a ele como abrir a geladeira?

— Algo básico, não é errado abrir a geladeira.

— Mas fazê-lo tomar todo o iogurte é errado — Abner apontou.

— Sugar o macarrão dizendo que é uma minhoca — Ethan disse.

— Colocar cinco chicletes na boca de uma vez — Abner falou.

— Tomar suco pelo fundo da lata. — Ethan continuou.

— Rolar na grama como um cachorro.

— Pular em poças de chuva.

— Andar deitado no skate.

— Colocar ervilhas no nariz e dispará-las.

— O pior de todos foi dizer que ele pode olhar a bunda das meninas na escola.

— Só o ensino coisas legais — me defendo.

— Você estraga meu filho, Elliot — Abner acusou.

— Não pode brigar comigo por ser um tio legal.

— Eu sou um tio legal — Ethan protestou.

— Carol vai castrá-lo e eu vou deixar — Abner disse firme, me fazendo rir.

Eu sabia que estragava Arthur, mas somente porque tinha a certeza de que Abner e Carol o educariam muito bem. O ensinaria as coisas certas. Então, eu o ensinava as coisas erradas. Queria salvá-lo da chatice das boas maneiras.

E para melhorar, sempre nos divertíamos muito.

— Se você deixá-lo brincar com seus eletrônicos, vou surrar você.

— Chato — digo.

— Tenho que ser, é da educação do meu filho que estamos falando.

— Ainda assim chato — Ethan disse rindo.

— Mas nós entendemos, ele precisa entender o que é certo e errado — digo. — Porém, colorir o rosto dos coleguinhas me encheu de orgulho.

Abner estreitou os olhos para mim.

— Você não disse a ele que podia fazer isto, não é? — Ethan perguntou.

— Jamais faria algo assim — me defendo tentando não rir.

Nos encaramos por um minuto antes de começar a rir alto.

Conversamos mais um pouco e logo Alice chegou. Ela tinha se recuperado e agora cuidava para que não voltasse a ficar doente. Sentou no colo do Ethan e ficou conosco até a hora que eu deveria ir buscar Charlotte.

Iriamos treinar um pouco e eu iria aproveitar para mostrá-la nosso principal galpão de treinamento. Alice foi no carro do Ethan. Competimos pelo caminho até o prédio dela.

Envio uma mensagem avisando que estava esperando por ela e continuo ali, no mesmo lugar, ansioso para vê-la. Cinco minutos depois saio do carro começando a ficar impaciente e me encosto do lado de fora. Meus irmãos fazem a mesma coisa.

Olho o celular esperando por sua mensagem de resposta e não tive nenhuma.

— Ela está demorando — murmuro.

— Deve estar se arrumando — Ethan deu de ombros.

— Nós, mulheres, precisamos de mais tempo do que vocês para ficarmos prontas — Alice disse como se fosse obvio.

— Você demora uma eternidade — Abner a acusou.

— Não é base de comparação — Ethan afirmou rindo.

— Bastardos.

Franzi a testa preocupado.

Charlotte nunca se atrasava tanto assim.

— Não se preocupe Elliot, daqui a pouco ela desce — Abner disse ao perceber minha expressão.

Eles continuaram a conversar, mas eu não interagi. Continuei esperando, passou vinte minutos e ela não desceu. Impaciente decido subir para buscá-la. Alice me xingou por perder a calma, mas não havia nada neste mundo que me impediria de ir até ela.

Subi as escadas rapidamente até o seu andar.

Bati na campainha e esperei.

Mesmo tendo a chave, eu só a usava para caso de emergências, fazia questão de respeitar seus limites.

Impaciente, apertei a campainha novamente.

Quando a porta abriu, meu mundo desabou.

Capítulo Vinte e Sete

Elliot Stabler

Meu corpo estava tenso, completamente rígido de raiva. Harris estava na minha frente vestindo somente uma cueca boxer *barata* e com um sorriso no rosto.

Ah, um sorriso.

Aquele sorriso que eu iria tirar do seu rosto depois de quebrar todos os seus dentes.

Um por um.

— O que faz aqui? — perguntei em um rosnado.

— O que você acha? — questionou sorrindo.

Respirei fundo e devagar.

— Onde está Charlotte? — rosnei.

— Na cama.

Fechei meus olhos.

Não era possível que aquilo estava acontecendo comigo. Minha mente tomada por fúria, talvez chegue até ódio. O empurrei para o lado e caminhei rapidamente para dentro. Entrei no quarto dela e a encontrei.

Meu coração se quebrou.

Meu estômago embrulho de dor.

Deitada sobre a cama que estive tantas vezes com ela em meus braços. Estava nua e um lençol mal cobria seu corpo.

Uma dor diferente me percorreu. Algo que nunca tinha experimentando antes. Uma dor que acreditei nunca ser possível sentir.

— Vá embora Stabler.

Ouvir a voz dele me tirou do estado de congelamento. Virei devagar e o encarei. Seus olhos brilhavam em divertimento e o sorriso ainda se mantinha.

O meu primeiro soco acertou o olho dele. Tropeçou para traz e antes de reagir eu o acertei novamente, desta vez no estômago.

Eu o mataria.

Não sairia daquele apartamento sem matá-lo.

Ela pode ter me traído, mas ele pagaria por colocar as mãos naquilo que era meu.

Harris se curvou de dor, tentou dizer algo, mas meu punho acertou seu queixo. Caiu no chão e se encolheu. Fui para cima dele e o acertei no ombro com a intenção de deslocar seu braço com o impacto. Soquei umas cinco vezes, pelo menos foi o que conseguir contar.

Estava tremendo de fúria. A cada soco que dava, sentia minha alma ser lavada. *Eu o mataria*, tinha certeza. Passaria o resto da minha vida na prisão, mas valeria a pena. Mandaria essa sereia maldita para o fundo do mar sem direito de julgamento.

Mal podia ver o rosto de Harris, seu nariz quebrado tinha espalhado sangue assim como o corte em cima de suas sobrancelhas. Iria desfigurá-lo com meus punhos, estava determinado. Não parei de socá-lo.

Ouvi gritos, mas não distingui a quem pertencia. Meus ouvidos pulsavam junto ao ódio em meu peito.

Ergui o braço novamente e uma mão forte segurou meu cotovelo. Tentei me esquivar para continuar a bater em Harris, mas era um aperto bem forte.

— Pare, Elliot!

Não parei, me soltei e soquei Harris mais uma vez no rosto.

Então, me puxaram para cima.

— Me soltem — bradei. — Eu vou matá-lo — gritei em fúria.

— Se acalme, Elliot! — Ethan ordenou.

Não me acalmei.

Iria me soltar e estrangular aquele imbecil.

Abner me segurou com mais força.

— Pare porra, você vai matá-lo se continuar — gritou comigo.

— Eu vou — gritei de volta.

Essa era a intenção, matar aquele maldito!

Alice apareceu na minha frente e sua mão estalou no meu rosto. Isto me deixou com mais raiva, mas não me movi, não queria machucar minha irmã com a fúria em mim. Abner e Ethan poderiam lidar com qualquer merda minha. Alice não.

— Se acalme — gritou.

Fiquei calado.

— Que merda aconteceu aqui? — Ela perguntou. — Enlouqueceu?

Não respondi, meus olhos estavam presos no corpo desmaiado de Harris. Esperaria o momento para matá-lo. Porque eu iria, se me soltassem era o que eu faria.

Alice olhou para cama e franziu a testa. Acompanhei seu olhar e meu coração quebrou mais uma vez. Um dos seios de Charlotte estava à mostra, assim como noventa por cento de seu corpo.

Fechei meus olhos cheio de dor emocional.

A carga parecia maior do que seria capaz de suportar.

— Charlotte? Charlotte? Você está bem? — Alice a chamou.

Voltei a abrir meus olhos. Olhei para minha irmã e ela estava cobrindo o corpo da mulher que me quebrou, enquanto tocava em seu rosto com a mão livre.

— Charlotte, você está me ouvindo? Acorde — Alice a sacudiu e não teve resposta.

— Ela está drogada — Abner disse sério.

Arregalei meus olhos e senti meu rosto empalidecer esfriando a raiva.

— Me solte — pedi.

Meus irmãos demoraram um minuto para me livrar de suas mãos, queriam ter certeza de que eu estava no controle. Dei quatro passos à frente até a cama e segurei os ombros de Charlotte.

— Charlotte, acorde! — ordenei em um tom rude.

Estava difícil controlar minhas emoções.

Sacudi de leve seus ombros e não tive nenhuma resposta. Um pânico maior passou por mim. Ajoelhei na cama e a ergui um pouco. Sua cabeça pendurou para trás.

— Charlotte, pelo amor de Deus, acorde!

Sem resposta, tremi de raiva.

Deitei ela novamente e me levantei.

— Vou matá-lo! — garanti.

Ethan e Abner surgiu na minha frente primeiro.

— Se acalma, Elliot! — Ethan e Abner falaram juntos.

— Precisamos levá-la para o hospital — Alice disse preocupada.

Tremi tentando conter minha fúria.

Ela não tinha me traído. Pensei cheio de pesar por não ter lhe dado o direito da dúvida. Peguei Charlotte na cama enrolando seu corpo no lençol e corri para fora com ela em meus braços. Jay estava no meio do caminho e acenou que eu deveria segui-lo. Entrei no primeiro Jeep que apareceu e meu segurança acelerou para longe.

...

Tinha se passado uma hora desde que entreguei Charlotte para os médicos. Abner estava sentado do meu lado e do outro estava Ethan. Fechei minhas mãos em punhos apertados tentando controlar a raiva. Continuei olhando para minhas mãos inchadas, coisa que fazia desde que me sentei ali para esperar por notícias. Doía os nós dos dedos, mas era melhor assim. A dor não me deixava me perder em fúria.

— Ela vai ficar bem Elliot — Ethan garantiu.

— Tome um pouco de água — Abner me ofereceu sua garrafa.

Neguei, não queria nada além de minha moranguiño bem.

Observei meus sogros chegarem juntos com sua família e me encararem preocupados. Pediram explicações para mim, mas eu não abri a boca. Meus pais tomaram a frente e explicaram o que tinha acontecido.

Abner segurou meu ombro e falou baixo em meu ouvido.

— Vou acabar com ele, irmão — jurou se referindo a Harris. — Vou processá-lo por tudo o que puder acrescentar em sua ficha, vai ser o próximo na lista de condenação a perpétua.

— Ninguém mexe com a família, Elliot, ninguém — Ethan garantiu.

Acenei concordando.

Ele iria apodrecer em uma cela minúscula pelo resto da vida medíocre, já que não pude matá-lo. Iria garantir que fosse um inferno sua estadia na prisão.

O médico apareceu e eu fui o primeiro a levantar.

O homem acenou para mim e começou a narrar tudo o que tinha acontecido lá dentro. Ela estava perigosamente drogada com um tranquilizante que poderia ter causado uma parada cardiorrespiratória. Algo que realmente aconteceu quando ela estava sobre os cuidados dos médicos. Se eu tivesse demorado mais tempo em trazê-la poderia tê-la perdido para sempre.

Remorso me encheu por dentro ao saber que ela poderia morrer porque eu estava cego de raiva e preocupado em matar Harris.

— Não foi sua culpa — Ethan murmurou ao meu lado.

Não pude concordar.

— Não foi sua culpa, Elliot, você a trouxe a tempo — Abner garantiu.

Fiquei calado e continuei ouvindo o médico. Eles conseguiram estabilizá-la e agora estava bem, mas ele informou que foi obrigado a chamar a polícia. Precisavam do depoimento de todos, principalmente do meu.

Não me importei, mas primeiro precisava vê-la.

E foi quando a vi deitada sobre a cama hospitalar que minhas emoções cobraram um preço forte de mim. Beije os cabelos negros dela e chorei impactado com tudo o que aconteceu e *tudo aquilo que poderia ter acontecido*.

Capítulo Vinte e Oito

Charlotte

Meu corpo estava pesado, sentia-me cansada como nunca antes. Me mexi de leve sobre a cama e prestei atenção no som de uma máquina próxima. Minha cabeça parecia querer explodir de dor e aquele pequeno som constante estava piorando tudo.

Respirei devagar e levemente engasguei com o ar. Ergui minha mão ao nariz e senti que algo estava preso a ele.

— Filha?

A voz da minha mãe me fez abrir os olhos devagar.

— Mãe — sussurrei.

Fechei os olhos com a claridade.

— Como se sente? — perguntou angustiada.

— Como se tivesse sido atropelada — murmurei. Respirei devagar e abri meus olhos novamente, desta vez preparada para a luz. — O que aconteceu? — perguntei.

— Não se lembra?

— Não sei — digo confusa. — Estou com uma dor de cabeça infernal.

— Ariel. — disse e me olhou em lágrimas. — Ele a drogou e quase te matou com a dose alta que deu.

Voltei a fechar os olhos.

As lembranças estavam lá, mas um pouco confusa.

Ariel. Pensei lembrando do seu rosto.

Um pânico espalhou em meu corpo ao lembrar de uma pessoa muito importante.

— Elliot — olho para minha mãe. — Eu não o traí, Elliot... onde está o Elliot... mãe.

— Se acalme, Charlotte — disse carinhosa. — Ele foi pegar um pouco de café junto com seu pai, os dois não saíram daqui em nenhum minuto.

— Eu não o traí — murmurei imaginando o que poderia ter acontecido depois que Ariel me drogou.

— Sabemos disto, filha — garantiu.

— Quanto tempo estou dormindo?

— Quinze longas horas.

— Que horas são?

— Dez da manhã.

A porta se abriu e meu pai entrou. Ele parou ao me ver acordada e

suspirou de alívio. Atrás dele estava Elliot com a mesma expressão.

— Meu doce, graças a Deus você acordou.

— Estou bem pai — digo para aliviar sua preocupação.

Ele se apressou e beijou minha testa demoradamente.

— Que bom que está bem, quase morri de preocupação.

— Estou bem — afirmo novamente e olho para onde Elliot parou.

Tinha encostado na porta e me encarava firmemente, meus pais logo perceberam que eu precisava de um momento a sós com Elliot.

— Vamos deixá-los conversar — minha mãe disse.

Meu pai acenou concordando. Os dois beijaram minha testa antes de se afastarem, meu pai passou por Elliot e murmurou “*cuide dela*”. Elliot acenou e voltou a me olhar quando a porta fechou. No entanto, um médico veio para o quarto e me examinou, livrou-me de alguns aparatos médicos, principalmente o que incomodava meu nariz. Para só então, me deixar sozinha com Elliot.

Abaixei meus olhos, um sentimento estranho de vergonha passou por mim. Senti que ele se aproximou. Sentou do meu lado na cama e com delicadeza ergueu o meu queixo.

— Não me impeça de ver seus olhos, moranguinho — murmurou.

Observei seu rosto cansado e meu coração se contraiu. — Como se sente? — perguntou. — Não minta para me fazer sentir melhor.

— Minha cabeça dói muito, mas estou bem — ele acenou devagar. — O que aconteceu?

Minha mãe não tinha falado muita coisa além do óbvio.

— Harris a drogou — disse baixo.

— Disto eu já sei, quero saber o que aconteceu depois.

Elliot suspirou e seus olhos brilharam com raiva.

— Fui buscá-la e ele abriu a porta para mim, somente de cueca. — Meus olhos arregalaram fazendo minha dor de cabeça piorar. — Entrei e a encontrei nua em sua cama.

— Eu não o traí — digo e ele me olha cheio de arrependimentos.

— Eu sei, mas na hora... te ver daquela forma... acreditei que tinha me traído. Sinto muito Charlotte, perdoe-me — suspirou cansado. — Deveria ter lhe dado o benefício da dúvida.

Eu fiquei um pouco chateada, mas não o julguei. Teria pensado a mesma coisa se estivesse em seu lugar.

— O que aconteceu depois? — perguntei.

— Bati na maldita sereia. — Passou as mãos pelo cabelo, mostrando o

quanto aquilo ainda o afetava. — Bati nele até quase a morte. — disse fazendo meu coração parar. — Mas não o matei.

Respirei aliviada.

— Não o matei por sorte, meus irmãos estranharam minha demora e foram ver o que estava acontecendo — contou. — Chegaram a tempo de me impedir de matá-lo. Alice me fez voltar a razão e tentamos te acordar, mas estava muito drogada. Corri para cá com você e quase morreu com uma parada respiratória... sinto muito *Cha...* se eu não estive tão cego de raiva... poderia ter trazido você mais rápido ... para receber ajuda médica, mas eu não ...

— Não é sua culpa, Elliot.

Ele acenou parecendo não concordar.

— Deveria ter te colocado como prioridade, não minha raiva.

— Estou bem, amor — digo. — Ariel foi preso?

— Sim e não.

Franzi minha testa confusa.

— Ele está internado em um hospital público, foi induzido ao coma depois de eu quase o matar. — disse em um rosnado. — Abner já resolveu tudo e eu não iriei ter problemas em espancar aquele peixe maldito.

— Peixe? — brinquei e ele suspirou.

— Tiramos todos os esqueletos que ele escondia no armário, juntando com o fato da tentativa de homicídio ao drogá-la e... — se calou me fazendo prestar ainda mais atenção. Ele estava me escondendo algo, um arrepio subiu por minha pele deixando-me aterrorizada com o que passou na minha mente.

— Não me diga, por favor, que ele me estuprou.

Elliot tremeu com raiva.

— Ele não conseguiu.

— Mas?

— Te molestou — rosnou furioso. — Encontraram sêmen em sua coxa e barriga.

Meu estômago embrulhou e eu me senti extremamente doente. Elliot correu para pegar a pequena bacia, vomitei imediatamente. Não conseguia acreditar no que tinha acabado de ouvir. Ele me entregou uma toalha, limpei minha boca percebendo o quanto minhas mãos estavam trêmulas.

Lágrimas encheram meus olhos e se derramaram em minhas bochechas. Mal conseguia acreditar que a pessoa que considerava meu amigo teve coragem de fazer isto comigo.

Elliot segurou meu rosto e limpou minhas lágrimas.

— Não chore, por favor — pediu aflito. — Vou fazê-lo se arrepender de ter pisado em seu apartamento na noite anterior — jurou com raiva. — Nunca mais, ninguém vai machucá-la desta forma. Eu não vou permitir.

Acenei concordando e ele me abraçou como se soubesse que eu precisava do seu consolo. Chorei alto, sufocada com o nojo de tudo o que Ariel me submeteu enquanto estava inconsciente. Sentia-me suja e implorei para que Elliot me levasse para o banho. Ele me ergueu em seus braços, retirou nossas roupas e debaixo da água quente do chuveiro esfregou toda minha pele, ajudando a nós dois a se livrar daquela sensação.

Eu tinha certeza de que ele também estava sofrendo, se culpando por não ter me protegido de Ariel. Cada vez que deslizava a esponja macia por meu corpo, sussurrava um pedido de perdão. Dizia o quanto estava arrependido de não ter me dado o direito da dúvida, que deveria ter me priorizado e não focado em sua raiva.

Eu não o culpava, a única culpa era de Ariel que se tornou a escória do mundo.

Aos poucos fui me acalmando nos braços dele, uma sensação de paz arrastou em meu peito sabendo que Ariel não poderia mais me machucar. Apesar de triste, não me deixei abater. Agora tinha um homem ao meu lado que daria sua vida pela minha, se fosse preciso, então, eu o valorizaria

sempre.

O amava.

Tanto que também daria minha vida pela dele.

— Eu te amo — sussurrei para ele.

— Eu também a amo, moranguinho.

Capítulo Vinte e Nove

Charlotte

Um mês tinha se passado desde que estive no hospital. Para meu completo desespero Elliot me colocou em uma bolha de vidro, protegida vinte e quatro horas por ele e seus infinitos seguranças.

Estava sendo sufocada!

E para piorar, minha família concordava plenamente com todas as regras de segurança impostas por ele e para minha equipe de escolta. *Dá para acreditar nisto?* Ele contratou mais segurança para criar uma escolta para mim.

Eu iria enlouquecer!

Principalmente porque agora tive que sair do meu emprego. Aquilo me deixava mais furiosa, porém, entendia o risco que corria depois que todas as revistas de fofocas noticiaram meu relacionamento com o juiz de sobrenome *Stabler*.

As pessoas enlouqueceram junto comigo. Reportes e paparazzi me seguiram para cada canto, principalmente no meu trabalho.

Respirei devagar tentando não gritar com Elliot.

— Moranguinho, isto não está em negociação.

Olhei meus sapatos em seu closet.

Não contei neh?

Ele me arrastou para a sua casa, e desde então, tenho ficado aqui todos os dias. Praticamente moramos juntos. Irritada peguei uma sandália e arremessei em sua direção. Ele desviou e ela bateu no armário atrás dele.

— Não me venha com essa de ‘moranguinho’! — gritei. — Você vai diminuir o número de homens me seguindo ou eu vou voltar para a minha casa!

Ele arregalou os olhos de leve.

— Você está brincando? — perguntou. — Agora moramos juntos.

Joguei o outro par e mais três que achei no meu caminho para acertá-lo. Fiquei furiosa por ele ter um bom reflexo e desviar de todos.

— Se acalme *Cha*.

— Me acalmar? — gritei. — Eu não quero me acalmar!

— Amor...

— Não me venha com essa de ‘amor’ também! — gritei. — Você está me sufocando! Tomando decisões por mim sem me consultar!

— Não é bem assim.

— Não? — gritei. — Você pediu demissão por mim! Buscou minhas

roupas no meu apartamento e me fez mudar para cá sem perguntar minha opinião! Mandou sua assistente comprar roupas novas como se eu fosse uma dondoca inválida que não pode comprar as próprias calcinhas! —acusei aos berros. — E colocou mais três homens, na equipe de cinco, para me seguir diariamente!

— Foram só decisões práticas — se defendeu.

Joguei um sapato e ele desviou.

— Prático vai ser juntar minhas coisas e ir embora — ameacei.

— Amor, por favor, entenda — pediu calmo. — Não posso diminuir sua segurança.

— Eu entendo que preciso dos seguranças agora, mas não de oito homens! Pelo amor de Deus! — gritei. — Não posso parar no caminhão do meu pai sem me sentir sufocada e a culpa disto tudo é sua! Você está me sufocando! Eu não sou de vidro! Não vou me quebrar por ir ao shopping ou parar para tomar um sorvete na rua!

— Eu tenho inimigos, querida, não quero que nada aconteça com você.

Eu o entendia.

Claro que entendia quando o assunto era minha segurança, mas ele não podia continuar tomando decisões por mim.

— Se continuar a tomar decisões por mim, eu vou embora sem olhar para

trás, Elliot — digo séria.

— Só queria ajudar...

— Ajudou a me irritar — acusei. — Trabalhei naquele supermercado por nove anos, fiz amigos e um bom nome naquele lugar, mas você os jogou ralo abaixo quando mandou um advogado lá para pedir minha demissão. Como se tivesse o direito de fazer isto! — Minha raiva esfriou um pouco e fiquei chateada. — Me fez parecer ingrata depois de tanto tempo trabalhando com eles. O que vou dizer para os meus amigos por não poder me despedir? Que meu namorado rico não me deixa ir em um simples supermercado para me despedir deles.

— Não é bem assim.

— Não? Deixa de ser cretino, Elliot! — voltei a me irritar. — Então, o que me diz de trazer todas minhas roupas e pertences para cá sem me perguntar?

— Só queria que morasse comigo.

— Tomou a decisão sozinho e não esperou para ouvir minha opinião — respondi. — Mandar Ellen comprar roupas para mim foi o cúmulo do absurdo.

— Não queria que corresse nenhum risco saindo em um lugar público.

Respirei devagar e me sentei no divã do closet. Estava cansada de tudo aquilo.

— Ariel não vai mais me fazer nenhum mal, Elliot — digo baixo e ele fica tenso.

— Não quero arriscar, moranguinho.

— Ele já foi levado para a prisão e vai terminar de se recuperar lá. Não vai mais nos causar danos, por favor, Elliot.

Ele suspirou e se ajoelhou na minha frente.

— Só não quero passar por aquilo de novo — murmurou. — Mas eu te entendo, estou realmente estragando tudo.

— Eu sei que quer cuidar de mim, amor — seguro seu rosto. — Porém, não pode ser assim, somos um casal. Tomamos decisões juntos, não sou uma pessoa imatura que não sabe o que é o melhor, mas me sinto uma criança quando toma decisões por mim, sem me perguntar.

— Me desculpe.

— Eu aceito os seguranças, mas não preciso de um exército. — expliquei.
— Sei da importância deles e de suas boas intenções, mas não pode continuar me sufocando, Elliot.

— Perdoe-me, moranguinho — seus olhos brilharam com sinceridade. — Prometo não tomar nenhuma outra decisão por você.

— Vamos sempre conversar a respeito.

— Sim, eu prometo.

Respirei aliviada.

Inclinei meu rosto e o beijei.

Me acalmei com seu toque.

Todos os problemas e estresse desapareceram ao sentir seus lábios nos meus. Elliot tinha se tornado meu ar, minha vida, meu coração. Nunca mais poderia ficar longe dele, longe do seu amor. Nos completávamos perfeitamente. Era como se nossas almas soubessem que pertencíamos um ao outro.

Não seria fácil a vida.

Sempre brigariamos.

Muitas vezes eu iria querer estrangulá-lo até minha raiva passar, mas o importante era que nunca deixaria de amá-lo com todo meu ser.

— Eu o amo.

Ele me encarou nos olhos, fazendo-me ter a certeza de ver os sentimentos verdadeiros em seu mar azul.

— Eu também a amo, minha moranguinho.

Epílogo

Elliot Stabler

Encostei na parede e fiquei olhando-a. A mulher mais linda do meu mundo. Charlotte, minha moranguinho. Ela conversava com Alice e Carol sobre o chá de bebê de mais tarde. Amy estava quase nascendo e prontinha para nos deixar babando sobre ela. Além de alguns fios de cabelo branco ao pensar em como seria difícil manter os garotos longe.

— O que está olhando? — Ethan perguntou ao se aproximar.

Abner estava ao seu lado, me olhavam com curiosidade.

Voltei a olhar para minha namorada, estava relaxada no sofá e parecia tão tranquila que me senti em paz.

— Aquela mulher se tornou meu mundo em tão pouco tempo — confessei.

— O amor não precisa de muito. — Abner disse. — Basta um olhar e seu mundo vira de cabeça para baixo.

Nossa mãe se aproximou e se juntou a elas. Riram alto sobre alguma coisa e continuaram a falar sem parar como sempre faziam. Aquela mulher linda, sem maquiagem e com toda certeza falando bobagem, era a mulher da minha vida.

Ficamos em silêncio observando-as.

Sabia que Abner sentia a mesma coisa que eu quando olhava para sua esposa e que Ethan iria experimentar isto em breve.

O amor era um sentimento difícil de entender, mas tão fácil de sentir. Nos deixava bobos, ciumentos, às vezes inseguros, porém, o melhor de tudo era que nos fazia feliz.

...

O evento do chá de bebê começou algumas horas depois e eu comecei a suar de nervosismo. Tomei o resto de meu whisky e entreguei o copo para o garçom que passou. Ouvi o discurso de Ethan e logo era a minha vez.

— Boa sorte, bastardo. — Ele me disse assim que peguei o microfone de sua mão.

— Obrigado, bastardo — murmurei e ele riu enquanto se afastava.

Coloquei uma mão no bolso, tentando aparentar calma e sorri para as pessoas que me observavam.

— Parabéns Carol e Abner, estou ansioso para ser o tio preferido mais uma vez — brinquei.

— Eu sou o preferido, seu idiota! — Ethan gritou causando algumas risadas.

— Nem no seu melhor sonho, irmão — brinquei. — Cunhada, se prepare, porque não vamos deixar essa menina chegar a um metro de um garoto.

— Garotos só a cinco metros, Elliot — Abner gritou.

Rimos.

— Cinco metros é uma boa distância — digo rindo. — Sei que sou o mais ansioso, então, já comprei uma casa de boneca para o jardim, Carol.

— Vai acabar estragando, Elliot. — Carol disse em tom de repreensão tentando não rir.

—Compro outra — dei de ombros.

— Não se atreva. — Abner mandou. — Daqui uns dias não vou conseguir andar na minha casa por causa dos seus presentes.

— Yo quero presente. — Arthur gritou.

— Vou comprar pra você — digo e ele me olha satisfeito. — Apesar de toda brincadeira, desejo que Amy venha com muita saúde e cresça feliz.

—*Gracias*. — Carol disse com os olhos cheios de lágrimas.

— Meu discurso hoje vai ser um pouco mais longo, porque preciso me declarar — digo. — Alguns meses atrás quase atropeliei uma mulher e quando tentei ajudá-la pensei que ela me mataria.

— Justo, você tentou matá-la primeiro. — Ethan gritou fazendo todos

rirem.

Olhei para Charlotte, tinha um belo sorriso nos lábios e me olhava com curiosidade.

— Naquele dia eu soube que não seria mais o mesmo, não poderia mais ficar longe dela e de seu olhar desafiante, mas dispenso a teimosia — brinco.

— Estou brincando amor, não me bata por isto.

— Uma surra a mais ou a menos não faz diferença. — Ethan provocou.

Eu estava pagando meus pecados.

— Bastardo.

— Somos, irmão, somos.

O pessoal riu de toda aquela besteira, mas eu ainda não tinha conseguido chegar ao assunto principal. Voltei a encarar minha namorada.

— Charlotte, eu estou tentando te dizer que quero passar o resto da minha vida ao seu lado. — Ela arregalou os olhos surpresa. — Aceita se casar comigo?

Todos a encararam esperando por sua resposta. Alice foi até ela e a incentivou em se levantar e andar até mim. Quando parou na minha frente, vi seus olhos lacrimejados e seu enorme sorriso.

— Eu te amo, Elliot.

— Eu também te amo, mas isto é um sim ou um não?

Risadas encheram o local.

— Isto é um sim, amor — disse e abraçou meu pescoço. — Eu aceito me casar com você, Elliot.

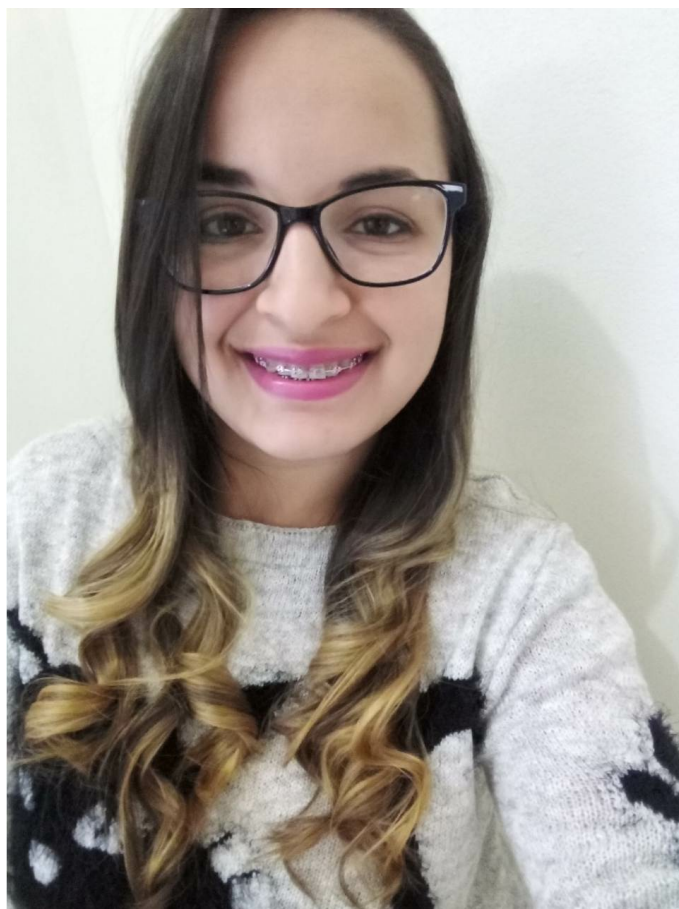
Dei uma risada comemorando sua resposta e a beijei. Palmas e assovios nos rodearam, não me afastei dela. Ela se tornaria minha para sempre, nunca mais a deixaria ir e sempre me esforçaria para tentar ser o melhor homem. Ainda era difícil não surtar pelo controle como no primeiro mês em que estávamos morando juntos. Por sorte, nenhum daqueles sapatos me acertou, mas ela estava certa. Eu a sufocava com meu jeito protetor.

Passaríamos por tudo juntos, como ela me ensinou aquele dia.

E o mais importante de tudo era que nada poderia enfraquecer minha determinação em fazê-la feliz.

FIM

(Obs.: Filhos e casamento vem no livro de Ethan, respirem fundo e aguardem.)



Sobre a autora

Erika Martins, nasceu em São Domingos do Prata, mas ainda na infância mudou-se para João Monlevade com a família. Formada em contabilidade, resolveu trocar os números pelas letras. Apaixonada por romances, começou a escrever em um aplicativo para autores independentes, onde já alcançou a expressiva marca de mais de 3 milhões de páginas lidas. Viciada em sorvetes, filmes e séries, passa boa parte do seu tempo escrevendo, acompanhada de

uma boa música e seu inseparável Chá Mate.

Redes sociais:

Facebook: Erika Martins Autora

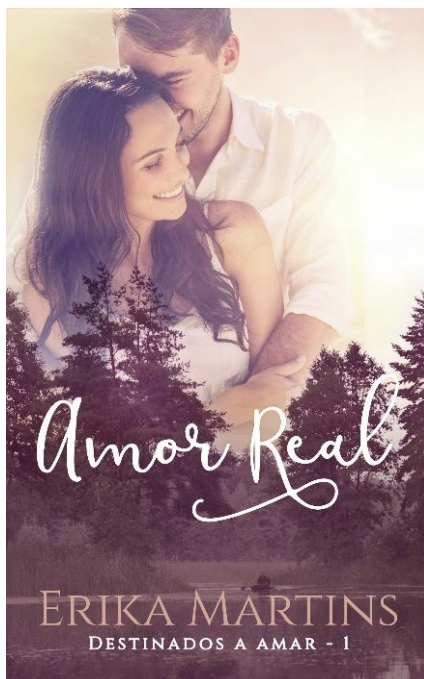
(<https://www.facebook.com/erikamartins.autora>)

Grupo Facebook : <https://www.facebook.com/groups/577293462798038/?ref=bookmarks>

Instagram: @erikamartinsautora

Wattpad: @ErikaMartins20

Conheça outros livros da autora



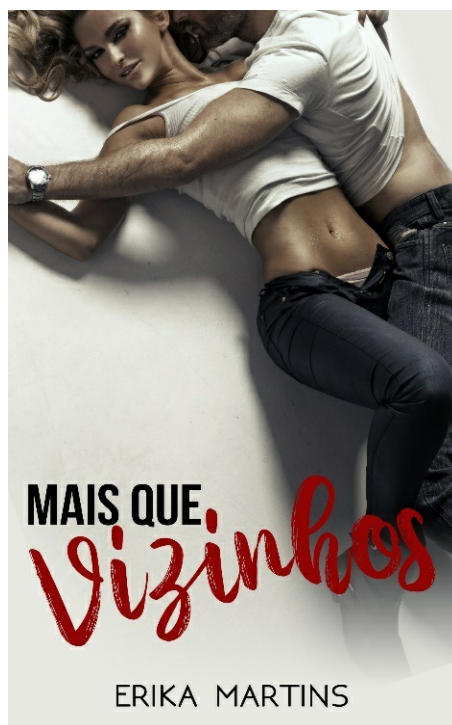
Sinopse

O quão real é o amor para você?

Já amou alguém em que pode afirmar com todas as letras que aquele sentimento era real?

Vitor e Sofia se encontram por acaso, talvez por obra do destino. Destino este, que os mostrou que estavam destinados a amar. O casal mostra todo o romantismo possível para um relacionamento verdadeiro, autêntico.

Sem muito drama e com uma grande parcela de humor, traz uma delicada história de amor e cumplicidade.



Sinopse

O que eles tem em comum? Salvam vidas.

Ela médica. Ele bombeiro.

Vizinhos.

Tudo começa com uma boa parcela de brigas, até o primeiro beijo. Aquele beijo que derruba barreiras que nem mesmo sabiam que existia. Um beijo que roubou todo o fôlego, deixou as pernas bambas e o coração acelerado.

Fred e Emma começam uma amizade seguida por um romance cheio de altos e baixos que os deixaram mais forte, mais unidos.

Afinal, quem resiste ao amor?

Quem sabe o mais tolo dos teimosos, no entanto, teimosia não mantém o cúpidos longe. Isto foi o que eles descobriram ao decorrer de cada capítulo.

Venha conferir!

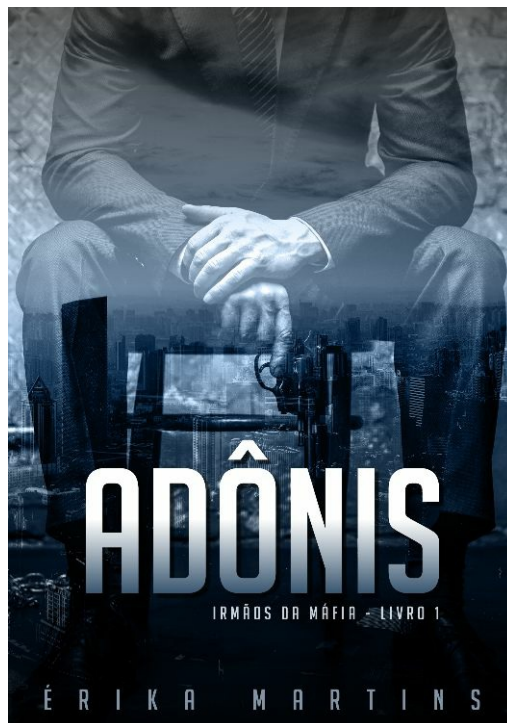


Sinopse

Dono de um restaurante/bar e independente, Connor levava uma vida pacata e tranquila até uma bela mulher aparecer em seu mundo. Ele nunca havia se apaixonado, mas descobrirá que quando menos se espera, o amor bate em sua porta e o arrebatava como um caminhão desgovernado prestes a atropelar.

Disposto a seguir seu coração, ele vive um dia de cada vez ao lado de Nikky, uma bela descendente japonesa que é dona do mais lindo par de olhos que já viu. Juntos eles descobrem seus sentimentos e vivem um grande amor.

Doce sentimento é um romance adulto leve, sem inimigos vingativos ou cenas de ação. Não há muitas brigas ou confusões, é um livro onde os personagens encontram o amor, amor à primeira vista, e tudo se passa na visão de Connor. Os personagens se mostram adultos suficientes para enfrentarem seus sentimentos e deixar as coisas acontecerem.



Sinopse

Nada mais seria da mesma forma depois que Adônis Albertini colocou seus olhos sobre a pequena ruiva, que agora era sua prisioneira. Ele não saberia explicar o que sentiu quando seus olhos encontraram os dela. A única certeza que tinha, era que nunca poderia machuca-la. Quando pela primeira vez em sua vida experimentou um sentimento chamado, compaixão.

O medo e a fragilidade que exibia de forma tão crua o atraiu. Era como se seu demônio interior estivesse hipnotizado pela beleza natural e pura que ela ostentava. Giulia. Sua nova e única protegida.

Quem a machucasse enfrentaria o pior dele.

Adônis sempre teria inimigos, mas sua única preocupação era se render aos sentimentos que pela primeira vez experimentava.

E o maior deles era o amor.

OBRIGADA!